

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE UNIAO DA VITÓRIA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA

DELEON OLIVEIRA SANTOS

PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS SOBRE O USO DAS
TECNOLOGIAS NO ENSINO DE FILOSOFIA

UNIÃO DA VITÓRIA
2019

DELEON OLIVEIRA SANTOS

PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS SOBRE O USO DAS TECNOLOGIAS NO
ENSINO DE FILOSOFIA

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) núcleo da Universidade Estadual do Paraná como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Thiago David Stadler

UNIÃO DA VITÓRIA
2019

Ficha elaborada pela Biblioteca da UNESPAR, Campus de Paranavaí Bibliotecária
Responsável: Vânia Jacó da Silva, CRB 1544-9

Santos, Deleon Oliveira
S237p Perspectivas filosóficas sobre o uso das tecnologias no ensino de
Filosofia / Deleon Oliveira Santos.– União da Vitória: Unespar, 2019.
ix, 112 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Paraná, Campus de
União da Vitória, Programa de Pós-Graduação em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Thiago David Stadler;

Banca examinadora: Prof. Dr. Rafael Haddock Lobo, Prof. Dr. Samon
Noyama.

Bibliografia

1. Educação. 2. Estudantes. 3. Filosofia. 4. Novas Tecnologias. 5. Ensino.
I. Título. II. Programa de Pós-Graduação em Filosofia.

CDD 20. ed. 107



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA



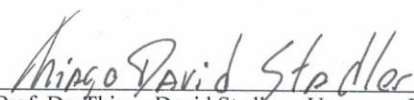
Ata da defesa de dissertação de mestrado


Aos 24 dias do mês de abril do ano de 2019, às 14h:00min nas dependências da Universidade Estadual do Paraná, *campus* de União da Vitória, reuniram-se os membros da banca examinadora composta pelos (as) professores (as): Thiago David Stadler (Orientador), Samon Noyama e Rafael Haddock-Lobo a fim de argüirem o(a) mestrando(a) Deleon Oliveira Santos sobre a apresentação da dissertação intitulada: "Perspectivas filosóficas sobre o uso das tecnologias no ensino médio". A sessão foi aberta pelo presidente e orientador, sendo que coube ao candidato expor o tema de sua dissertação dentro do tempo determinado. Ao final da apresentação, o(a) candidato(a) foi argüido(a) pelos examinadores que, em seguida, consideraram o trabalho de pesquisa:


Aprovado. () Reprovado.

Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada às 16 h 05 dela sendo lavrado a presente ata, que segue assinada pela Banca Examinadora e pelo candidato. O(a) candidato(a) está ciente de que deve entregar a versão final, com as devidas correções se necessário, dentro do prazo de 90 dias, considerando as normas do programa.

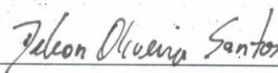
Banca Examinadora:


Prof. Dr. Thiago David Stadler – Unespar – Presidente e orientador


Prof. Dr. Rafael Haddock-Lobo – UFRJ – Membro Externo


Prof. Dr. Samon Noyama – Unespar – Membro do Programa

Candidato (a):



União da Vitória, 24 de abril de 2019.

Universidade Estadual do Paraná
R. Cel. Amazonas, S/n - Centro, União da Vitória - PR, 84600-185
Telefone: (42) 3521-9100

AGRADECIMENTOS

Gratidão é um sentimento nobre. São tantas pessoas que contribuíram na elaboração desse trabalho. Muitos que, embora a distância, estiveram tão presentes. Agradeço primeiro a Deus, de onde toda sabedoria procede, e com lágrimas nos olhos, ao meu pai, Gileno Vitor dos Santos, o homem a quem o coração constantemente saltava do peito por transbordar tanta humildade, amor, compaixão, sabedoria, justiça e que, infelizmente muito cedo seguiu para outra dimensão.

À minha mãe, Neildes Santos Oliveira, sempre presente em meu coração embora as distâncias geográficas. Mulher de mente tão aberta e tão livre. Tão *acima* de seu tempo. Aos meus irmãos: Anilton, com quem aprendi o gosto gratuito pela leitura e pelo conhecimento; Eliana, mulher forte e verdadeira e Jailton, o *grande artista* da família.

Ao meu orientador, Thiago David Stadler, a quem muito admiro e costumo chamar em meu silêncio de o grande escultor da inteligência. Embora não tenha se endereçado para a medicina, tem uma clínica no olhar invejável. Obrigado pela confiança e dedicação. Aos demais professores do Prof-Filo: Charles Santiago, Samon Noyama, Renata Tavares e Giselle Moura Schnor, dos quais tive o prazer de me deixar ser lapidado. Ao professor Rafael Haddock pelas expressivas contribuições na banca de qualificação. E a Leandro Costa, gratidão imensa pelas observações em meu texto apresentado na banca.

A professora Marcia Coleraus, diretora do Colégio Estadual Pedro Stelmachuk, pela confiança em meu trabalho e por permitir que a aplicação prática da dissertação fosse possível. E também agradecer a todos da turma do terceiro ano, principais contribuintes nessa dissertação.

Ao meu amor Camile M. Zanella, por estar ao meu lado e incentivando a conclusão desse trabalho. E a sua família, com quem muito me identifico.

Aos amigos distantes e sempre presentes: amigo e irmão Alessandro Silva Santos (Sandro); à minha irmã de coração Tamires dos Santos Calazans; à divertida amiga Pábolla Souza Santos e ao grande missionário, padre Cristovam Moreira, honrado homem de Deus. E ao amigo, Cassio Fernando Bachamann, grande presente proporcionado pelo programa de mestrado Prof-Filo. Obrigado à todos pela eterna amizade!

“A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe.”

(Jean Piaget, em “Psicologia e Pedagogia”, Ed. Forense, 1970)

*“A expressão reta não sonha.
Não use o traço acostumado.
A força de um artista vem das suas derrotas.
Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro.
Arte não tem pensa:
O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo.”*

(Manoel de Barros – Só Dez por Cento é Mentira)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar e apontar caminhos de reflexão para o seguinte problema: o uso das novas tecnologias no processo de aprendizagem significa melhoria da qualidade de aprendizagem de nossos estudantes? De modo específico no ensino de filosofia, procuramos traçar algumas perspectivas filosóficas para compreendermos os *impactos* das tecnologias no campo da educação. A relevância deste trabalho se dá justamente por estarmos vivendo esse tempo dito tecnológico, era da informação, onde uma geração de nativos digitais cada vez é mais comum, beirando a homogeneidade. Também devido as fortes propagandas e esperanças creditadas nas novas tecnologias – por parte dos governos e outros setores da sociedade - como indispensáveis no processo de aprendizagem, como se sem elas é quase impossível falarmos hoje em melhoria da educação. Para isso, procuramos dar vida pedagógica a alguns dos aplicativos mais utilizados atualmente pelos estudantes, que são o facebook e o whatsapp, no intuito de mensurar até que ponto tais aplicativos podem contribuir na aprendizagem e na produção de novos conhecimentos ou se elas – as tecnologias – tendem a ser velhas práticas de ensino e aprendizagem incorporadas às novas tecnologias. Sem se render a uma espécie de *tecnofobia* ou de uma cega *tecnofilia*, chegamos a algumas conclusões que estão longe de fechar a discussão sobre este assunto, mas que podem dar algumas pistas para a reflexão e compreensão deste novo cenário que estamos vivendo.

Palavras-Chave: estudantes; informação; novas tecnologias; aprendizagem; conhecimento; filosofia.

ABSTRACT

This work has as its main goal to investigate and to point ways of reflection to the following problem: does the use of the new technologies in the process of learning mean its improvement for our students? Specifically in the teaching of philosophy, we sought to trace some philosophical perspectives in order to understand the technological impacts in the field of education. The relevance of this work is exactly because we are living in this technological world, the era of information, where a generation of digital natives is each time more common, bordering the homogeneity. Also because of the propaganda and the high hopes credited to the new technologies - by the government and other fields of society - as indispensable in the process of learning, it is almost impossible to talk about improvement in education without them. Therefore, we sought to give pedagogical life to the apps most used by the students today, such as facebook and whatsapp, in order to measure to what extent such apps can contribute in the learning and in the production of new knowledges or if they tend to be old teaching practices incorporated to the new technologies. Without surrender to a technophobia or to a blind technophilia, we have reached some conclusions that are far from closing the discussion about the matter, but that can give some clues to the reflection and comprehension of this new scenario we are living in.

Keywords: students, information, new technologies, learning, knowledge, philosophy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Postagem no grupo Perfil.	44
Figura 2 - Postagem feita pelos alunos através dos perfis de filósofos.	45
Figura 3 - Postagens com debates feitos através dos perfis de filósofos.	46
Figura 4 - Gráfico I: elaborado sobre o Questionário do Anexo I.....	84
Figura 5 - Gráfico II: elaborado sobre o Questionário em Anexo I.....	84
Figura 6 - Gráfico III: elaborado sobre o Questionário em Anexo I.....	86

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS DO ENSINO DE FILOSOFIA A PARTIR DO USO DAS TECNOLOGIAS	13
2.1	Da aplicação do projeto	13
2.2	Geração Tecnológica	22
2.3	Tecnologias em sala de aula: proibição e aproveitamento	29
2.4	Fragmentação da técnica e do pensamento	36
2.5	A lógica tecnológica de aprendizagem: “Filosofiatwittada”	40
2.6	As novas tecnologias e o conceito de pharmakón	47
2.7	O ensino de Filosofia e sua condição política no terreno da educação.	55
3	TECNOLOGIAS: DIMENSÕES EPISTEMOLÓGICAS	60
3.1	A filosofia da tecnologia e a técnica da filosofia	60
3.2	A virtualização dos saberes	66
3.3	O sujeito epistêmico	69
4	TECNOLOGIAS: DIMENSÕES ÉTICAS	74
4.1	O advento da especialidade	74
4.2	A internet consumou o esvaziamento das relações sociais?	76
4.3	Imperativo Tecnológico	79
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
	REFERÊNCIAS	92
	ANEXOS	98
	Anexo I	98
	Anexo II	108

1 INTRODUÇÃO

Esperamos com este nosso trabalho que o leitor possa se identificar com alguns objetivos, problemas, hipóteses e conclusões aqui desenvolvidas. Mas que também possa encontrar respostas para algumas de suas dúvidas e levantar outras, pois não se pretende fechar uma discussão sobre o assunto aqui posto nem encontrar uma fórmula mágica para resolver os novos desafios enfrentados atualmente em sala de aula a partir do estabelecimento das tecnologias.

As páginas seguintes expressam as tentativas que nos colocamos para traçar algumas perspectivas filosóficas do Ensino de Filosofia a partir do uso das tecnologias. Por meio de uma análise teórica e prática, visto se tratar de um Mestrado Profissional em Filosofia [linha de pesquisa Prática e Ensino de Filosofia], procuramos encontrar e apontar caminhos de reflexão para o seguinte problema: o uso das tecnologias em sala de aula significa melhoria da qualidade de aprendizagem? E é justamente o *encontro* e *apontamento* de caminhos de reflexão a esse problema que procuramos identificar como perspectivas filosóficas do Ensino de Filosofia. Ou seja, nossa iniciativa não foi a de negar aquilo que está posto e que se apresenta como um “caminho sem volta”. Antes, coube-nos colocar a questão de como seguirmos por este “caminho sem volta”, que está posto, sem, no entanto, perdermos a postura filosófica? Isso significou não acolher passivamente o discurso comumente aceito de que o uso das tecnologias no campo da educação é um fator indispensável à aprendizagem. Examinar é prudente a quem deseja obter um diagnóstico mais *preciso* e *detalhado*.

Abrindo um parêntese, gostaríamos de esclarecer que a estrutura de nossa dissertação [primeiro a parte prática e depois as discussões teóricas] se deu por uma indicação no processo da qualificação. Naquela etapa, sabiamente, foi observado pela banca examinadora a importância de reestruturar o trabalho que se apresentava construído inversamente [primeiro a parte teórica e depois a parte prática]. A alteração do ordenamento não se limitou a uma questão de formatação, mas foi o *insight* para apresentarmos o texto tal como ocorreu em nossa experiência - onde a reflexão seguiu os resultados práticos obtidos durante a aplicação da parte prática desta dissertação.

Quanto às motivações para a realização deste trabalho são resultantes de experiências e reflexões em sala de aula e que, comumente se fazem presentes em vários discursos midiáticos, nos comportamentos dos estudantes e nas formações dos próprios professores. Os discursos midiáticos, ainda mais com toda essa proliferação de cursos à distância, têm enfatizado a importância da tecnologia na área da educação. Julga-se haver mais autonomia, mais interatividade, esforço cognitivo e, conseqüentemente, melhoria da aprendizagem, pois o estudante passa a ser o responsável pela maior porcentagem e direcionamento da própria aprendizagem.

Notamos, é verdade, que é patente a *necessidade* dos estudantes de estarem sempre conectados ou distraídos nos aplicativos enquanto o professor ministra suas aulas. Aplicativos que em sua grande maioria não passaram por certa elaboração pedagógica e educacional prévias de ensino e aprendizagem. Assim, com a parte prática desta dissertação demos vida pedagógica a alguns desses aplicativos, como o *Facebook* e o *Whatsapp*, e buscamos refletir sobre a relação estudante-tecnologia-aprendizagem. Disso tratamos na primeira parte desta dissertação. Iniciamos com a aplicação de um questionário, como forma de diagnosticar a relação dos estudantes com as tecnologias, pois entendemos se tratar de uma geração tecnológica. Justamente por isso abordamos também os aspectos da proibição das tecnologias em sala de aula, ora vista como inimiga ora vista como parceira no processo de educação e de conhecimento. Procuramos também abordar as mudanças que vem ocorrendo no modo como os estudantes lidam com as informações recebidas que por vezes fragmentam o pensamento e mudam a lógica de aprendizagem. O modo como lidam com os textos digitais nas redes sociais, que geralmente precisam ser curtos e precisos, como o envio de um *tweet*, acaba se refletindo nas salas de aula. É uma filosofia twittada. Por fim, nessa primeira parte, fazendo uso de alguns filósofos como o francês Pierre Lévy, abordamos o aspecto *pharmakológico* das tecnologias: elas podem ser tanto veneno quanto remédio restando-nos saber a dosagem certa.

Na segunda parte, onde discutimos questões epistemológicas das tecnologias, direcionamos nossa reflexão para uma filosofia da técnica e uma técnica da filosofia, abordando como as tecnologias influenciam e fazem parte das atividades humanas e como a filosofia pode contribuir no uso e no acolhimento destas novas ferramentas digitais quando inseridas em sala de aula. Em seguida,

tratamos da *virtualização* dos saberes, abordando conceitos clássicos como o de ato, atualização e potência e a relação entre virtual e real. Como o virtual ampliou o acesso às informações buscamos fazer uma *meteorologia* desse tempo virtual e como a formação do sujeito epistêmico sobrevive a essa onda de informações.

Por fim, abordamos alguns aspectos éticos das tecnologias discutindo sobre o advento da especialidade. O acesso a informação sacudiu a hierarquia da especialidade. Médicos, advogados, psicólogos e professores, por exemplo, passaram a ter diante de si sujeitos menos passivos e desinformados. O Google se tornou uma universidade que constantemente (in)forma especialistas. Quem busca um médico cardiologista, por exemplo, pode incorrer em dupla enfermidade: a do coração e a da ignorância. Abordamos na sequência a problemática das relações humanas investigando os discursos de enfraquecimento e vazio dessas relações supostamente provocadas pelas novas tecnologias. A obsessão pela conectividade teria gestado pessoas frias, solitárias, isoladas. O contato físico teria se esvaído pela troca fria da tela do computador.

Frente a isso, motivados por todas essas intenções e discursos ligados ao uso das novas tecnologias em sala de aula, resolvemos caminhar nessa direção e proposta de trabalho, sempre na esperança de contribuir um pouco para o melhor resultado e aprimoramento de nosso modo de olhar, avaliar e agir nesse universo tão mágico e encantador que é a educação.

2 PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS DO ENSINO DE FILOSOFIA A PARTIR DO USO DAS TECNOLOGIAS

2.1 Da aplicação do projeto

A parte prática desta dissertação foi aplicada em uma turma do terceiro ano do ensino médio, do Colégio Estadual Pedro Stelmachuk, na cidade de União da Vitória/PR. Escolhemos uma turma do terceiro ano por entender que os estudantes nesse nível de estudos filosóficos pudessem ter maior embasamento de pesquisa, critérios de avaliação das informações encontradas nos diversos meios de comunicação e informação. Outra razão é a maior inserção e domínio da linguagem e principais conceitos filosóficos, como a dicotomia entre *doxa* [opinião] e *episteme* [conhecimento], saber mítico e saber filosófico, conceitos também no campo da teoria do conhecimento, da ética, da política, da antropologia filosófica, que são temas aplicados entre o primeiro e segundo ano do ensino médio. Essa familiaridade com os textos e conceitos filosóficos é importante para o processo do fazer Filosofia, mas não se confunde ou se reduz à erudição que é uma condição a posteriori. Mas que se reconheça que nosso modo de pensar tem uma gênese. Afirma Evandro Ghedin:

Com efeito, para fazer Filosofia, é preciso assumir uma posição diante dessa tradição, conhecer sua história, trajetória, expressões, momentos significativos, modos de ser. Não para nos tornar eruditos, mas para compreender que nosso modo de pensar, viver, existir, querer e organizar o conhecimento tem uma gênese e constitui um valor cultural fundamental para a educação e para a constituição da sociedade contemporânea, com todas as suas contradições (GHEDIN, 2008, p. 23).

Evidentemente que filosofar ultrapassa os ditames de absorção apenas de conteúdos históricos. Isso significa que é possível filosofar a partir da história da Filosofia, mas é necessário também que a leitura dos textos filosóficos se traduza por certa capacidade de associá-los aos problemas e desafios do presente. Uma aula de Filosofia não pode se restringir, nesse caso, a uma simplória apresentação mosaica das arquiteturas do pensamento que fizeram parte da experiência coletiva de determinado período histórico. A história da Filosofia deve ser encarada como uma realidade sempre viva e provocativa, assim como são cheias de vida e de

provocações nossos ambientes escolares em relação às nossas práticas de ensino e de aprendizagem.

Durante quase todo o desenvolvimento da parte prática desta dissertação, por se tratar de uma prática de pesquisa que envolve o uso das tecnologias no processo de aprendizagem, as aulas e atividades foram desenvolvidas no laboratório de informática do colégio ou em sala de aula a partir da liberação de senha da rede wifi. Conjuntamente utilizamos dos métodos, também técnicos e tecnológicos, mais saturados tais como, livros físicos, cadernos, datashow e TV. A ideia de utilizar o laboratório e ter acesso à internet via celular por meio de liberação da senha agradou a todos. Pouco provável que a reação seria diferente visto que tal proposta está em conformidade com a realidade cotidiana dos estudantes - realidade de sujeitos conectados. Justamente por esta íntima vinculação entre os estudantes e as tecnologias que a nossa primeira tarefa foi a de problematizar e trazer para o debate a relação dos estudantes com as tecnologias.

Convém abriremos um parêntese e salientarmos que o tema das tecnologias nas escolas públicas, no sentido de acessibilidade e eficiência, é algo preocupante. Praticamente mais da metade das escolas públicas conta com o Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo), criado pelo Ministério da Educação em 1997, que previa a construção de uma sala de laboratório de informática nas escolas, com alguns computadores ligados à internet. O objetivo desse programa federal é

promover o uso da tecnologia como ferramenta de enriquecimento pedagógico no ensino público fundamental e médio. A partir de 12 de dezembro de 2007, mediante a criação do Decreto nº 6.300, foi reestruturado e passou a ter o objetivo de promover o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação nas redes públicas de educação básica. (BRASIL, 1997)

Mas tal objetivo tem como limitador o fato dos equipamentos e computadores serem ultrapassados e a internet de baixa qualidade de conexão. Movimentar os estudantes da sala de aula para o laboratório de informática às vezes se traduz em “tempo perdido”. Não pela falta de ânimo e disponibilidade dos estudantes, mas pelas seguidas tentativas de fazer funcionar os computadores e conseguir acessar algum navegador de pesquisa devido à velocidade que se apresenta incompatível com a nossa realidade virtual. Em uma pesquisa publicada no ano passado pela Revista Época enfatizaram-se tais precariedades do sistema tecnológico e

informativa das escolas públicas, bem como as queixas dos diretores de escola quanto o número de computadores por estudantes.

Dados do Censo Escolar computados pelo Todos pela Educação indicam que em muitas escolas públicas com laboratório os problemas de baixa conexão e equipamentos ultrapassados inviabilizam o uso da internet e de computadores. Esse problema é evidenciado pelos dados que a pesquisa TIC traz em relação aos diretores das escolas. Enquanto nas escolas privadas, os gestores (36%) querem desenvolver novas práticas de ensino nas escolas com o uso da internet, nas públicas, o desafio ainda está relacionado com a infraestrutura: 32% dos diretores querem aumentar o número de computadores por aluno antes de se preocuparem com a aplicação (VARELLA, 2017).

Igual precariedade se aplica aos demais equipamentos tecnológicos, como projetores, sons, TVs, que geralmente estão danificados por não suportar as demandas de uso e, mais agravante, ter um número de unidades incompatível em relação ao número de professores que as utilizam. Claro que essa realidade apresentada acima é a ponta do iceberg quanto ao conceito de *escolas informatizadas* relacionadas aos países de primeiro mundo ou até mesmo das escolas brasileiras do sistema privado, onde cada estudante tem um computador ou tablet conectado à internet e que pode ser usado em sala de aula durante as aulas.

Na mesma publicação anteriormente citada a realidade das novas tecnologias nas escolas privadas apresenta maior compatibilidade com o número de estudantes, embora a pesquisa constata que entre as escolas privadas houve menos investimento em laboratório de informática. Isso porque, nas escolas privadas, além da existência de laboratórios de informática, as tecnologias estão espalhadas também por vários locais da escola, principalmente em sala de aula:

As escolas privadas estão um passo à frente. Apesar de somente 47% delas terem laboratório, os alunos dessas escolas aproveitam a estrutura em sua totalidade. O percentual baixo de escolas particulares com laboratórios deve-se ao fato de o uso de tecnologia nesses locais estar disseminado por vários locais da instituição, principalmente na sala de aula. Nas escolas públicas, ocorre o oposto. O acesso à internet e o uso de tecnologia se dá quase exclusivamente dentro dos laboratórios. Do total de escolas públicas brasileiras, 81% delas têm laboratórios de informática, mas somente 59% deles são usados (VARELLA, 2017)

Isso pode contribuir com o maior aproveitamento de tempo e de espaço nas práticas do professor e na aprendizagem do estudante, principalmente no quesito locomoção e praticidade do local. De que adianta, por exemplo, propor uma

pesquisa a partir dos computadores do laboratório - ainda mais por um professor que só terá uma aula com determinada turma - se parte do tempo dedicado a aula é perdido entre a saída da sala de aula até a chegada ao laboratório; na tentativa de fazer funcionar todas as máquinas e na paciência de esperar carregar uma página com baixa qualidade de velocidade de conexão? Outros limitadores recaem sobre o espaço destinado as tecnologias que foram bem demarcados por Paulo G. Cysneiros em seu artigo "*Novas tecnologias no cotidiano da escola*", onde o autor aborda que além da ausência de máquinas mais sofisticadas e de uma boa conexão com a internet, outros agravantes estão relacionados ao próprio espaço destinado ao uso dos computadores. Em muitas escolas públicas

A arquitetura não tem recebido a devida importância nos projetos de Informática e de ambientes para uso da televisão, do vídeo e outras tecnologias na escola. Tenho visto salas de aula recém construídas com apenas uma tomada elétrica, localizada num ponto que dificulta o uso de um simples gravador. Quanto ao mobiliário, como parte do espaço físico, tenho encontrado em escolas mesas frágeis e baratas, para computadores de escritórios ou uso doméstico. São móveis sem espaço para trabalho com um caderno ou livro (é desejável um espaço de aproximadamente um metro e meio entre uma máquina e outra), desencorajando outras atividades além do manejo do mouse e da atenção à tela do computador (CYSNEIROS, 2000, p. 06).

Fechando nosso parêntese, não pretendemos aqui discutir como esses equipamentos são incorporados nas práticas pedagógicas. Mas é interessante lembrar que, caso não sejam utilizados de forma a aproveitar as possíveis potencialidades desses equipamentos e, mais ainda, se não forem encaradas como práticas inovadoras pode-se cair no erro da mera transformação: transformam-se as novas tecnologias em meros repetidores das tradicionais e tão criticadas práticas de ensino-aprendizagem [agora com novas ferramentas]. No tocante a esta replicação de práticas antigas pautadas em novos suportes tecnológicos, afirma Raquel Goulart Barreto, que

[...] os trabalhos escolares que requerem pesquisa na internet podem se aproximar da velha e mesma cópia das enciclopédias, guardadas duas diferenças: a multiplicação das fontes de consulta, e a facilitação do processo de copiar pelo recurso a teclas combinadas: control c + control v (BARRETO, 2002, p. 54).

Esse recurso é muito comum nos trabalhos escolares. Mas numa aula de Filosofia dinamizada pelo uso das tecnologias, se espera que o estudante, em posse das mais variadas fontes de consulta, exerça sua subjetividade na construção de

suas próprias opiniões e conhecimentos. Espera-se que o estudante, ao fazer uma pesquisa na internet não caia na tentação de tornar o espaço frutífero que ela potencializa em um *deserto de informações*, incapacitando a germinação de um comportamento com raízes críticas e produtivas.

De volta ao projeto por nós desenvolvido. Após explicar a dinâmica do projeto foi entregue um questionário¹ com 16 questões para que cada um pudesse responder individualmente. As questões envolviam temas tais como: os tipos de aparelhos tecnológicos que costumavam utilizar e quantas horas por dia ficam conectados a estes aparelhos; se tem acesso à internet em casa; se faz uso de livros físicos ou digitais e, por fim, como as tecnologias poderiam ajudá-los no processo de aprendizagem. No mesmo questionário também foi solicitado que eles escrevessem um exemplo de uma aula mediada pelas tecnologias ou de como deveriam ser as aulas a partir do uso das TICs (Tecnologia de Informação e Comunicação).

Uma geração tecnológica e conectada já pode ser constatada no início do questionário. Dos trinta estudantes da turma, apenas dois disseram não ter acesso à internet em casa. Quase todos ficaram espantados ao responder quantas horas por dia ficam em frente ao computador ou no celular: de 4 a 8 horas por dia ou praticamente todo o resto do tempo quando chegam a casa, após saírem do colégio. Na roda de conversa pós-questionário disseram que boa parte desse tempo é utilizado com as ferramentas digitais de bate-papo, jogos, *Facebook* e entretenimento, como assistir séries da *Netflix*. Esses dados representam uma virada radical no nosso modo de se comunicar e interagir com esta nova geração e sua própria realidade.

Uma primeira constatação que fizemos foi a de que não basta apenas reproduzir em sala de aula e nos demais espaços escolares o cotidiano já tecnológico dos estudantes. As práticas escolares devem ser pensadas justamente para que os estudantes possam refletir suas práticas sociais, ampliando seus horizontes de conhecimento e, sem esquecer, do contato com o diferente². Como afirma Barreto:

É função da escola discutir os valores que circulam na sociedade em que está inscrita. Dar as costas para o popular na TV, é deixar de desmontar as

¹ O questionário encontra-se em Anexo I.

² Se vivenciarmos nas escolas com uma geração amplamente vinculada com as tecnologias, o diferente não poderia ser o não-tecnológico?

tramas que têm sustentado os teleshows, como uma espécie de fusão do lúdico, do ficcional, do jornalístico, com vistas à realidade social do público. Se a TV por assinatura é cara e se a comercial descobriu que o povo quer se ver na TV, é preciso que a escola ensine o distanciamento necessário à análise crítica. Não se trata de propor que os programas de Ratinho, Gugu, Silvio Santos, Luciano Huck, Faustão, Linha Direta, Casa dos Artistas e Big Brother Brasil, por exemplo, estejam sendo exibidos na sala de aula. Nem precisariam estar, já que muitos (muitos mesmo) assistem a esses programas. Eles precisam estar em cartaz como objetos de discussão (BARRETO, 2002, p. 47).

A lei n. 9 394/96, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, na Seção IV, art. 35, inciso III, afirma que uma das finalidades do Ensino Médio é “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”³. Cada professor, a partir de sua realidade curricular, certamente pode muito contribuir para essa formação da criticidade dos estudantes, mas a Filosofia parece ter um papel privilegiado nessa tarefa. Por isso, quando pensamos nos sujeitos que fazem parte da realidade do ensino médio, atualmente, rodeados cada vez mais de tecnologias, é importante que estas sejam transformadas em ferramentas pedagógicas, acolhidas criticamente com o objetivo de promover a autonomia intelectual daqueles que fazem uso delas.

Assim, quais sujeitos nós temos em sala de aula? Certamente, sujeitos tecnológicos, apaixonados pela conectividade e pelo entretenimento virtual, e que apostam muito no uso das tecnologias em sala de aula, sem deixar também de serem realistas quanto aos *maus* usos e abusos das mesmas. Os vários questionamentos encontrados nessas páginas demonstram, de certa maneira, que não percorremos sobre um território simples, mas que de todo modo, pedagogicamente nos propõe uma reflexão sobre a realidade na qual esses sujeitos/estudantes fazem parte. Assim quando falamos em sala de aula perguntamos também se o cotidiano desse espaço está relacionado com o processo do conhecimento vigente no cotidiano vivenciado pelos estudantes fora da escola. Ou seja, é preciso acolher aos jovens como sujeitos socioculturais, nascidos numa sociedade com experiências e culturas preestabelecidas. Por isso que no século XXI, na era da Internet, falamos de uma geração cada vez mais tecnológica. Bem

³ Brasil. Senado Federal. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: n. 9 394/96. Brasília: 1996, artigo. 35, inciso III. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm> Acesso em: 08 de setembro de 2018.

lembra Marcia Leite e Valter Filé, que “os sujeitos e as sociedades se constituem nos modos de fazer, de usar e de viver os contextos, relações e aparatos culturais constituídos pelos próprios sujeitos” (LEITE e FILÉ, 2002, p. 10).

Esse contexto pressupõe um novo sujeito com mais informações, mais possibilidades de expressão de suas ideias e opiniões e um acesso mais rápido aos saberes construídos e preservados pela sociedade e, pressupõe também, um novo formato de educação que está muito além dos instrumentos e modos tradicionais de ensino. São as novas tecnologias educacionais, entendidas como todo instrumento e aparato digital que fazem parte do cotidiano da maioria dos estudantes e da sociedade em geral. Porém, ao mesmo tempo em que não devemos fugir dessa cultura tecnológica ao se lançar numa reflexão sobre o ensino e a aprendizagem, isso não significa dizer que o contexto deve ser aceito passivamente e cabe agora às escolas repetir o cotidiano que os estudantes vivenciam fora da escola e os professores devem se adequar o quanto antes a estas novas exigências e desafios educacionais. Isso dá a entender que nossa estrutura e pedagogia escolar não conseguem mais dar conta das inúmeras informações e novidades que chegam aos sujeitos escolares, por diferentes meios virtuais.

Estamos diante de uma sociedade acelerada, ativista e compulsivamente conectada. Como competir de igual para igual se o processo formativo, principalmente o filosófico, necessita de tempo? Como fica o pensamento diante desta velocidade na mudança e na troca de informações e opiniões? Se algumas das promessas do século XVIII, com a Revolução Industrial eram as de conforto, praticidade e comodidade, o processo do conhecimento certamente não ficaria de fora dessa tríade.

Justamente em relação ao tempo que deve ser dedicado à Filosofia é que Jeanne Marie Gagnebin, elaborando algumas regras ao se referir aos cursos de Filosofia, afirma que devemos praticar métodos desviantes, não associando o ensino de Filosofia à lógica produtivista do sistema capitalista. Diz ela:

Segunda regra para o reto ensino, já cheio de desvios: não ter medo de “perder tempo”, não querer ganhar tempo, mas reaprender a paciência. Essa atitude é naturalmente muito diferente, imagino, num ensino dito técnico, no qual os estudantes devem aprender várias técnicas, justamente, vários “conteúdos”, ensino essencial para o bom funcionamento de várias profissões. Mas, no ensino da Filosofia (e talvez de mais disciplinas se ousarmos pensar melhor), paciência e lentidão são virtudes do pensar e, igualmente, táticas modestas, mas efetivas, de resistência à pressa

produtivista do sistema capitalista- mercantil- concorrencial etc. etc. (GAGNEBIN, 2007)

Todos os setores da sociedade estão sendo modificados pelo surgimento cada vez maior e acelerado de novas tecnologias. São sujeitos mergulhados nesse novo cenário que compõem os espaços escolares e que nos convidam a revisitar nossas práticas educacionais. Uma geração tecnológica se ergue e marcha rapidamente, para alguns sem direção alguma, no máximo ao abismo; para outros, é a geração do sucesso, da liberdade, da superação dos limites, da verdadeira alegria. Mas uma mudança tão radical como essa certamente traz várias consequências positivas e negativas. Os benefícios são claros. Dificilmente alguém dirá que não houve uma melhora radical nos meios de comunicação, acesso às informações, compartilhamentos de suas ideias e opiniões, digitalização e impressões, divulgação dos trabalhos e pesquisas. Quanto à impressão, já a partir do final do século XV, afirma Pierre Lévy:

A impressão permitiu que as diferentes variantes de um texto fossem facilmente comparadas. Colocou à disposição do erudito traduções, dicionários. As cronologias começaram a unificar-se. A crítica histórica e filológica começou, portanto, a ser exercida, inclusive sobre os textos sagrados [...]. Com a impressão, o tema do progresso adquiriu uma nova importância. O passado, nós já vimos, refluí rumo a sua antiguidade, aliviando assim o peso do presente, diminuindo a carga da memória [...]. Efetivamente, a impressão transformou de maneira radical o dispositivo de comunicação dos letrados [...]. No lugar de cópias raras cada vez mais corrompidas, os erros sobrepostos uns aos outros, passou-se a dispor de edições periodicamente melhoradas (LÉVY, 2010, p. 98).

Revistas, jornais, informativos circulando pela cidade de forma progressiva, não só na versão física, impressa, quanto na versão digital. As próprias escolas também criam seus espaços informativos, através de uma página no *Facebook*, perfil no *Instagram* ou de um jornal impresso para divulgar os trabalhos desenvolvidos com os estudantes. Todas essas melhorias e avanços apenas no campo da comunicação e informação. Resta nos atentarmos naquilo que se apresenta como preocupações advindas desses avanços. Principalmente em relação à aprendizagem, que é o escopo dessa dissertação, investigar os tremores filosóficos quanto ao presente e ao futuro dessa pretensa condição de interdependência entre o ensino e o uso das tecnologias.

Principalmente nossos estudantes, que são frutos de uma geração tecnológica como veremos no próximo tópico, se apresentam como os principais

sujeitos *condicionados a está nova* estrutura social que é o Ciberespaço. Uma geração tecnológica e virtual, no sentido de estar sempre conectada através de uma variedade de aplicativos e plataformas digitais. Essas novas tecnologias, essa nova geração, esses novos estudantes, compõe o novo público escolar da contemporaneidade, e vem ocasionando diversas reflexões, no campo da educação, em relação aos modos de ensino e de aprendizagem. Contudo, ao se falar de novas tecnologias, cabe pontuarmos o que estamos chamando de “novo”:

Aquilo que identificamos, de forma grosseira, como “novas tecnologias” recobre na verdade a atividade multiforme de grupos humanos, um dever coletivo complexo que se cristaliza sobretudo em volta de objetos materiais, de programas de computador e de dispositivos de comunicação. É o processo social em toda sua opacidade, é atividade dos outros, que retorna para o indivíduo sob a máscara estrangeira, inumana, técnica (LÉVY, 2010, p. 28).

É nesse novo contexto que tentamos elaborar uma perspectiva filosófica do ensino de Filosofia a partir do uso das tecnologias. Em que sentido e como é possível avançar na reflexão das tecnologias da informação e comunicação e perceber nelas um caminho indispensável para o sucesso da qualidade de aprendizagem, principalmente no ensino de Filosofia? Certamente que *“as tecnologias são tão antigas quanto a espécie humana. Na verdade, foi a engenhosidade humana, em todos os tempos, que deu origem às mais diferentes tecnologias”* (KENSKI, 2011, p. 15). Mas invenções e acolhimento das técnicas serviram tanto para resolver quanto criar problemas.

Silvio Meira, cientista da informação, enxerga as tecnologias como “possibilidades de resolver problemas”, por isso, a tarefa dos “tecnólogos é criar possibilidades”⁴. Mas Silvio apresenta um conceito conflituoso, aberto, pois as resoluções de problemas pelas tecnologias podem ser a partir de bombas, por exemplo. Isso significa que as tecnologias podem contribuir ou não na resolução de determinados problemas nos mais variados setores da sociedade, entendendo como possibilidades aquilo que pode ou não acontecer. Quais problemas as tecnologias podem resolver? E só resolvem ou criam também outros?

Alguns problemas advindos dessa relação entre escola e tecnologias já foram identificados em pesquisas anteriores e que são relatados por Vani Moreira Kenski:

⁴ Fala disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jtDcdPq0R-w>> **O que pode a tecnologia? Café filosófico com Silvio Meira e Viviane Mosé.** Acesso em 21 de agosto de 2018.

[...] O uso intensivo de computadores em salas de aulas de ensino fundamental, por exemplo, tem trazido novos tipos de problemas. Nas turmas mais jovens de escolas de San Francisco, na Califórnia, Oppenheimer diz que os alunos gastam tempo excessivo, dias e semanas, produzindo trabalhos superficiais em power point ou programas similares. Sem produções, diz o autor, estão longe do “poder criativo do que os estudantes poderiam fazer com lápis, papéis coloridos, tesouras e cola – materiais que obviamente custam uma fração do preço de computadores”.
[...] As escolas não tem verba suficiente para manutenção e atualização permanentes dos programas e realização de treinamentos para todo o pessoal pedagógico e administrativo do estabelecimento [...]. Esses são apenas os problemas iniciais na relação entre as escolas e o uso das tecnologias digitais (KENSKI, 2011, p. 59).

Trabalhos superficiais, estrutura inadequada para o acolhimento do programa de informação na escola e congelamento dos recursos para garantir a presença de um técnico responsável pela manutenção dos computadores, bem como para renovar o estoque dos demais equipamentos utilizados pelos professores e estudantes são problemas ainda não resolvidos. Isso significa que o conceito de escola informatizada está muito além da mera compra de computadores e distribuição nas escolas, algo muito comum nas práticas governamentais.

2.2 Geração Tecnológica

No primeiro dia de aplicação do projeto com a turma do terceiro ano do ensino médio, perguntamos aos estudantes o que eles compreendiam por geração tecnológica e quanto à expressão “vivemos na era da informação”. As respostas foram coletadas por meio dos olhares de quem não sabe bem ao certo qual o sentido da pergunta. Isso nos leva a pensar que iniciar uma discussão voltada para o modo de ser, de agir e de se relacionar de uma geração nascida ordinariamente envolvida com todo o aparato tecnológico em questão, pode não ter nada de extraordinário como resposta. Parafraseando Roberto Gomes, ao se referir a falta de reconhecimento dos brasileiros do potencial cultural filosófico que tem: “*O peixe é o que menos sabe da água*” (GOMES, 1977, p. 15). É preciso certo distanciamento para poder enxergar de forma mais clara a realidade na qual se está inserido.

As máximas kantianas de que devemos ter coragem de fazer uso de nosso entendimento, manifestando nossa liberdade por meio da razão pública - que é a capacidade de pensar a partir do resgate da autonomia do sujeito que se desprende

de toda tutela externa - continua um valor inalienável, ainda mais no espaço com tanta potencialidade para a aprendizagem lúdica, a difusão de informações e o compartilhamento de ideias e opiniões. O exercício do pensamento continua sendo uma atividade importante para que cada ser humano possa construir sua vida e possa enxergar o mundo de forma mais esclarecida.

Esclarecimento é a saída dos homens da menoridade da qual eles mesmos são culpados. Menoridade é a incapacidade de servir-se de seu entendimento sem a tutela de outrem. inicia seu discurso definindo menoridade como sendo a incapacidade do homem em fazer uso do seu entendimento sem direção de outra pessoa. *Sapere aude*” Ousa fazer uso de teu próprio entendimento! Eis o lema do esclarecimento. (MARÇAL, 2009, p.407)

Quando nos referimos à geração atual como uma geração tecnológica, não podemos cair no erro de reduzir o conceito de tecnologia àquela concepção figurada nos avanços tecnocientíficos dos filmes de ficção, com a inteligência artificial das máquinas e robôs que ameaçam o futuro da humanidade. Essa concepção contribui para o medo de muitas pessoas ao refletir sobre os avanços das tecnologias e o futuro da humanidade. A geração é dita tecnológica no sentido de que vivemos rodeados de uma variedade maior de tecnologias e somos delas mais e mais dependentes. Mas elas sempre estiverem em todo lugar, nas atividades mais comuns de nosso cotidiano. Segundo Kenski,

Essa visão literária e redutora do conceito de tecnologia – como algo negativo, ameaçador e perigoso – deixa aflorar um sentimento de medo. As pessoas se assustam com a possibilidade de que se tornem realidade as tramas ficcionais sobre o domínio do homem e da Terra pelas “novas e inteligentes tecnologias”. Tecnologia, no entanto, não significa exatamente isso. Ao contrário, ela está em todo lugar, já faz parte das nossas vidas. As nossas atividades cotidianas mais comuns – como dormir, comer, trabalhar, nos deslocarmos para diferentes lugares, ler, conversar e nos divertirmos – são possíveis graças às tecnologias a que temos acesso. As tecnologias estão tão próximas e presentes que nem percebemos mais que são coisas naturais. Tecnologias que resultaram por exemplo, em lápis, cadernos, canetas, lousas, giz e muitos outros produtos, equipamentos e processos que foram planejados e construídos para que possamos ler, escrever, ensinar e aprender (KENSKI, 2011, p. 24).

Silvio Meira também enfatiza essa relação quase natural com as tecnologias, ao afirmar que “não existe uma oposição natural entre nós e a tecnologia. Existe uma diferença no espaço e tempo, de entendermos, nos apropriarmos da tecnologia e fazer o que se entende como melhor uso dela” (MEIRA, 2014). Desse modo,

pensamos que o melhor uso das tecnologias já se apresenta como um desafio ao iniciar uma discussão sobre as tecnologias em sala de aula.

Claro e evidente fica cotidianamente, que imperativos tecnológicos determinam de forma acelerada vários setores da sociedade. Inclusão digital, entendida como uma tentativa de fazer com que o acesso às tecnologias alcance um nível cada vez mais globalizado, principalmente entre as classes menos privilegiadas da sociedade, e fluência tecnológica, no sentido de criar uma cultura digital e tecnológica, são expressões levadas à condição de necessidade contemporânea de viver, trabalhar, comunicar. Esse direito à inclusão digital, já que digital é a ordem do dia, se reflete fora dos muros da escola como uma preocupação social de amenizar exclusão de uma boa parcela da sociedade que ainda não tem a mínima participação nessa rede tecnológica de informação e comunicação. Ter uma noção tecnológica básica se tornou um requisito importantíssimo como competência curricular para adentrar ao mercado de trabalho. Quase tudo, nos dias de hoje, é baseado pelo sistema de software: informacional. Talvez por isso,

Algumas crianças já são obrigadas desde os primeiros anos a exercitar sua fluência tecnológica. Elas têm acesso a uma variedade de tecnologias digitais incluindo controles de TV, luzes, portas e outros aparelhos, jogos de vídeo e muitos dos seus brinquedos. Os jogos de vídeo estão ficando cada vez mais intrincados e estão sendo introduzidos na vida de crianças gradativamente mais jovens e já muito antes destas serem alfabetizadas no modo tradicional (VALENTE; MAZZONE; BARANAUSKAS, 2007, p.29).

Essa fluência tecnológica presenciada muito cedo no hábito das crianças e que em muitos casos é baseada em estratégias cômodas utilizadas pelos pais para estarem mais livres para exercerem suas atividades pessoais, tem gerado discussões sobre se há ou não uma idade mínima para que elas sejam iniciadas nesse universo das novas tecnologias da informação e comunicação - como um celular, tablet, etc. É importante que as crianças, embora sejam denominadas atualmente como nativas digitais, também aprendam desde cedo a participarem da vida real e tenham mais contato com pessoas, além de ficarem explorando o mundo virtual. Alguns especialistas no assunto sugerem que seja limitado o acesso das crianças ao uso de televisão, celulares, tablets e etc, a menos que seja para fins educativos:

Para a Associação Americana de Pediatria (AAP, sigla em inglês), os pais devem limitar o tempo que seus filhos passam em frente à televisão, computador, celular ou tablet para duas horas por dia. Esse tempo não inclui, no entanto, o uso dos aparelhos para fins acadêmicos [...]. A associação também aconselha que as famílias acompanhem o conteúdo que as crianças acessam na internet e assistem na televisão, e que apresentem a seus filhos programas e ferramentas virtuais que sejam educativos. Ainda segundo as orientações da AAP, crianças menores do que dois anos não devem ter contato com televisão, computadores e outros aparelhos do tipo. “Nessa idade, simplesmente não há benefícios”, diz a recomendação (VEJA, 2013)

Ficar em casa, em frente a um computador ou celular conectado à internet nunca foi tão divertido e atrativo, mas também vem deixando margem para uma infinidade de questionamentos e desafios no campo cognitivo, educacional, social e ético. As tecnologias inseridas muito cedo na vida das crianças, além da possibilidade de gerar problemas no controle de peso, alimentação e comportamento, são ainda abordadas na matéria citada anteriormente, que

[...] as crianças aprendem e desenvolvem mais o cérebro brincando do que assistindo TV. Um estudo feito pela Universidade de Montreal, no Canadá, indicou que, a cada hora que uma criança passa em frente à televisão, há um declínio de 6% em seu desempenho matemático e 7% de sua participação em sala de aula. (VEJA, 2013)

Então isso significa que os pais devem ser os primeiros “instrutores pedagógicos” nessa relação dos estudantes com as tecnologias, evitando assim, em longo prazo, desafios educacionais, sociais e éticos. Mas é interessante perceber que alguns estudantes, mesmo apaixonados pelas tecnologias são conscientes tanto dos benefícios quanto dos desafios no que tange a inserção das tecnologias em sala de aula. Vinte e seis dos trinta estudantes que responderam ao questionário sobre o uso de aparelhos tecnológicos em sala de aula, como *tablets*, celulares e laptops, e a liberação de acesso à internet, afirmaram que há muita positividade nessas propostas pedagógicas, mas demonstraram também certa preocupação com o desvio pedagógico:

“Provavelmente a maioria iria usar para outras finalidades, mas se todos tivessem consciência seria bem bacana”

“Ajudaria muito na acessibilidade, logo que a internet é um grande banco de informações. Mas tudo isso depende do real interesse do aluno”⁵

⁵ Respostas coletadas a partir de questionário (ver anexo)

Os outros quatro estudantes podem ou não terem ciência e estarem preocupados também com os aspectos preocupantes das tecnologias em sala de aula, mas decidiram apenas responder positivamente, como na resposta que segue abaixo:

“Acredito que seria bom, pois dúvidas frequentes serão resolvidas de forma mais rápida e fácil por meio dos aparelhos tecnológicos com acesso à internet”

Pensando justamente na inclusão digital que comentamos anteriormente, Raquel Goulart Barreto enxerga as tecnologias como uma possibilidade de se estreitar as diferenças em sala de aula em relação ao ensino-aprendizagem, além de tornar possível também o acesso ao conjunto das tecnologias em questão, de uma parte dos estudantes que encontram somente nas escolas tal oportunidade, devido as suas condições sociais ou geográficas [levando em conta o fato de muitos estudantes morarem em regiões rurais onde ainda não foi estendida a rede de internet ou telefonia]. Diz Barreto:

A presença das TICs aponta para o sentido de diminuir a lacuna entre as práticas escolares de as demais práticas sociais dos alunos e dos professores. É preciso garantir o direito a TV, vídeo, computador [...], também porque a esmagadora maioria dos alunos tem na escola a única possibilidade de acesso ao conjunto destas tecnologias (BARRETO, 2002, p. 46)

Esses limitadores da imersão na cultura tecnológica são bem perceptíveis quando levamos os estudantes para o laboratório de informática a fim de realizarem algumas pesquisas. A maioria já corre pra frente do computador, sabem todos os passos que devem ser dados até entrarem num site de pesquisa. Poucos demonstraram uma dependência do professor ou do colega que entende um pouco mais dessas tecnologias para quase tudo.

Mas essa disponibilidade de acesso continua tendo o rigor intelectual de mediação com as finalidades formativas e pedagógicas destinadas pela educação. Ou seja, afirma Raquel Goulart Barreto, “sem dúvida, a escola não pode manter as portas fechadas para os vários textos que circulam socialmente, na busca da promoção de experiências mais significativas” (BARRETO, 2002, p. 46). E principalmente no ensino de Filosofia, não só o acesso às tecnologias bem como o que é disponibilizado por meio delas, devem necessariamente contribuir no processo de formação da consciência crítica, para que os estudantes sejam capazes de

transformar informações em conhecimentos e, conseqüentemente, que esses conhecimentos possam contribuir para o melhor discernimento de suas práticas.

As exigências filosóficas para que se estabeleça uma sociedade dita do conhecimento ultrapassam, em muito, o simples acesso a uma variedade de informações ofertadas pelas TICs. Um número significativo dos estudantes ao responderem a décima terceira questão do questionário, que trata do que eles julgam entender por trabalho de pesquisa solicitado pelos professores, disseram que copiam da internet aquilo que foi pedido e que não utilizam muitos critérios seletivos dos textos encontrados:

“Eu procuro na internet, copio o enunciado inteiro e colo certinho. Fica ótimo”.

“Eu pesquiso sobre o assunto, coloco no papel, e entrego”.

“Pesquisei como resumo”

“Eu pesquiso sobre o assunto e copio de vários sites diferentes”.

“Procuro várias informações, separo as partes boas e monto”⁶.

A não ser que sejam repensados nossos conceitos de conhecimento e aprendizagem, essas respostas causam estranhamento. Conhecer é processar e atribuir significados a partir das informações recebidas. E aprende aquele que se apropria de uma consciência inquieta ao ver a aprendizagem como um esforço pessoal para o desenvolvimento continuado de determinadas habilidades. Como segue abaixo, por meio dos organizadores do livro “Aprendizagem na era das tecnologias digitais”:

A sociedade do conhecimento e a disseminação das tecnologias digitais têm auxiliado no estabelecimento da distinção entre informação e conhecimento. Conhecimento é o que cada indivíduo constrói processando ou atribuindo significado à informação que recebe, de acordo com sua experiência. Aprender, segundo essa visão, significa *apprehendere*, apropriar-se, compreender a informação. O papel da aprendizagem é visto como o desenvolvimento continuado de habilidades para integrar a informação e a experiência a fim de atingir mobilidade ao longo da hierarquia: informação, conhecimento e sabedoria (ADLER; DAVIS; BOTLIN *apud* VALENTE; MAZZONE; BARANAUSKAS, 2007, p.57).

Numa sociedade da informação é preciso estar claro que a *informação* ainda é apenas uma etapa da hierarquia que dispõe o sujeito – no caso aqui, o estudante

⁶ Respostas coletadas a partir de questionário (ver anexo)

– no processo de aprendizagem. Isso significa que a informação precisa ser problematizada, pois é um meio para o conhecimento e este para a sabedoria, e não o fim em si mesmo:

O termo “informação” faz parte de uma hierarquia, situando-se entre fatos não trabalhados (dados) e conhecimento: dados são transformados em informação quando colocados num contexto (Gunton, 1993, p.147). Nesta perspectiva, informação pode ser definida como “fatos aos quais um significado foi adicionado”, atribuído por um ser humano, em um ato consciente de cognição. Colocando de outro modo, enquanto alguém não reconhecê-la como tal, não há informação (CYSNEIROS, 2002).

A identidade de uma geração pode estar baseada no modo como os sujeitos pertencentes a ela apreendem e se relacionam com um conjunto de fatores externos, como os culturais, políticos e éticos. Uma nova geração e uma nova cultura passam a ditar as regras do jogo e da tessitura social: uma geração tecnológica, “naturalizada” com a comodidade e a praticidade trazidas pelas tecnologias. Embora a técnica sempre fizesse parte da relação do homem com o mundo, podemos dizer com mais convicção através das palavras de Marcia Leite que “*somos seres tecnológicos e que essa é a nossa constituição do século XXI*” (LEITE, 2002, p.11). *Seres tecnológicos* não no sentido de que tenha se exaurido a separação radical entre humano e tecnologia, e sim que nossa relação com ela se torna cada dia mais intrínseca, necessária.

As novas gerações são frutos de uma sociedade cada vez mais apaixonada e confiante no modo tecnológico de viver, trabalhar, construir, aprender, se relacionar e conhecer. Podemos falar de uma sociedade cada vez mais homogeneamente advinda de uma *cultura* tecnológica. Depois das gerações Baby Boomers, X, Y e Z, frutos da Segunda Guerra Mundial, agora tem a mais nova geração, a Alfa, dos nascidos a partir de 2010 que não possuem experiência histórico-social quanto o que seja viver sem os usos de computadores, de celulares, de microondas, de internet, etc. (MEDONÇA, 2015).

No Ensino Médio, no qual foi aplicada a nossa parte prática desta dissertação, a geração predominante é a Z, de nativos digitais, um pouco menos influenciados pela tecnologia como a Alfa, mas que já ironizam o envio de cartas e o conhecimento de disquete. A mais nova geração ironiza até mesmo o envio de torpedos e de correios eletrônicos, os famosos e-mails. Mas nada de extraordinário o fato de ironizar aquilo que, devido às novas formas de comunicação que vão

surgindo, caiu em desuso. O destaque nesse ponto não se apresenta como algo negativo, mas é simplesmente uma tentativa de enfatizar a velocidade com que novas tecnologias e plataformas digitais vão surgindo. Comodidade, facilidade, rapidez e praticidade são as novas regras. O número de aparelhos portáteis e com inúmeras funções crescem a cada dia.

A rapidez com que as mudanças nos setores ligados as tecnologias ocorrem é impressionante. Em menos de cinco anos um conhecimento pode se tornar obsoleto e não mais condizer com a realidade e necessidade vigentes. Fato que antigamente levaria mais tempo para que um conjunto de conhecimento pudesse ser descartado e aparecessem outros mais relevantes e influentes. Nossos estudantes, sujeitos históricos, passivos e ativos da cultura vigente, se encontram nesse novo cenário social, ético e político e, nem sempre, conscientes ou concordantes dos desafios e dilemas que tem levado a grandes discussões sobre a era tecnológica.

2.3 Tecnologias em sala de aula: proibição e aproveitamento

Uma resposta do questionário chamou-nos maior atenção. A pergunta é a mesma relacionada ao uso da internet em sala de aula:

“É um retrocesso (o professor) usar a chamada online, (ter) um sistema de notas online e os alunos não poderem usar o celular”⁷.

Em casa ou na escola o professor, durante a hora atividade, ao preparar sua aula, além do livro didático e de outros livros físicos que tem a sua disposição, liga o computador, faz algumas pesquisas, elabora slides, imprime as atividades, seleciona documentários ou filmes de acordo com os conteúdos a serem ministrados, agenda o projetor, o laboratório de informática ou a sala multimídia e adentra a sala de aula para anunciar suas pretensões pedagógicas do dia. Mas antes pega o seu celular ou notebook, registra a frequência da turma e o conteúdo do dia em tempo real, anuncia as notas que também segue um sistema online. Se o professor tem essa relação com as tecnologias, porque os estudantes são proibidos de utilizarem o celular durante as aulas e se conectar a internet? Não é um retrocesso o modo de pensar as práticas escolares em relação aos estudantes, visto que na dinâmica de

⁷ Respostas coletadas a partir de questionário (ver anexo)

ensino do professor as tecnologias se apresentam tão comuns? Pensamos ser essa a angústia da resposta acima dada pelo estudante.

Novos instrumentos pedagógicos e novas competências são postas na mochila do professor que, certamente, podem auxiliá-lo em suas práticas de ensino. Enquanto leciona seus discursos podem ser acompanhados por imagens que são projetadas na parede ou na tela branca. Isso certamente pode contribuir para a fixação, compreensão e interação com os conteúdos ministrados. Estudantes e professores podem sair beneficiados. Espera-se que a relação do docente com as tecnologias alcance uma consciência formativa mais elaborada que a de seus estudantes já que pode ser um perigo julgar do mesmo lugar o uso técnico pedagógico do celular e de qualquer outro instrumento tecnológico.

Interrogados na questão onze do questionário, onde é solicitado que sejam dados alguns exemplos de aulas mediadas pelas tecnologias e que podem melhorar o processo de aprendizagem, uma parcela razoável dos estudantes colocou como exemplo de aulas e que pode auxiliá-los no processo de aprendizagem o uso de vídeos e de slides⁸. Isso pode nos levar a entender que o uso das tecnologias em sala de aula pode ser encarado como certo fetiche ou reducionismo tecnológico, ou seja, seria o uso pelo uso. Assim, antes de fazer uso das tecnologias educacionais é pertinente levantar alguns questionamentos: quando? Como? Para quê? Isso contribui inclusive na superação limitada de associar as tecnologias apenas à atratividade e interatividade. Como afirma Barreto:

A “aura da magia” que parece cercar as TIC está relacionada à sua fetichização. É como se a sua simples presença garantisse a ocorrência de mudanças significativas no processo de ensino-aprendizagem. É como se os novos objetos técnicos fossem capazes de dar respostas a todos os desafios educacionais, velhos e novos, a serem enfrentados [...]. Assim, atratividade e interatividade são características que remetem a despertar interesse e prender a atenção, movimentos bastante valorizados nas situações de ensino. Todavia, não respondem às questões ligadas ao sentido destes movimentos a que remetem: para quê? (BARRETO, 2002, p. 46).

A proibição, obviamente, nem sempre é o melhor método utilizado para que alguém possa fazer uma reflexão do uso ou não de determinado instrumento de mediação. Se quisermos que nossos estudantes, frutos da era da internet, possam se relacionar em sala de aula de forma positiva com os inúmeros aparatos tecnológicos e recursos digitais que estão acostumados a usar no seu dia a dia, o

⁸ Nota-se que tais tecnologias já habitam o espaço escolar há um bom tempo [talvez aqui entre o debate acerca dos materiais/aparelhos ultrapassados que estão disponíveis nas escolas públicas]

melhor caminho dificilmente passará pela proibição. O não uso das tecnologias pode se apresentar como algo mais nocivo do que o incentivo a *utilização* desta gama de possibilidades educacionais trazidas pelo surgimento das TICs. Até mesmo porque não se deve frear tão bruscamente quando se está numa velocidade muito alta. O desastre pode ser irreversível. Dificilmente alguém gostaria que toda essa comodidade e praticidade que temos fossem suprimidas e voltássemos aos tempos “pré-industriais”, sem os avançados meios de comunicação, transporte e medicina de hoje, por exemplo.

Certamente algumas das pessoas nascidas antes desse boom tecnológico não gostariam de voltar a menos de uma década atrás, antes do surgimento do Whatsapp, por exemplo, muitos menos prefeririam regressar ao período medieval com as suas técnicas e tecnologias da época. Talvez essa postura seja uma forma cômoda de se livrar da busca por uma resposta sobre como lidar com os novos desafios que o uso das tecnologias trouxe, principalmente no campo da educação. Esse embate ainda é muito comum nas escolas. Poucos diretores e equipes pedagógicas se colocam tão abertos a esta novidade. Há muito que se discutir sobre este assunto e mais ainda sobre o uso em salas de aula, mas não há como aprender a dirigir bem e saber lidar com os imprevistos e perigos do caminho se o carro permanecer na garagem.

Se como afirma Inês Barbosa de Oliveira,

a questão da produção e do uso das novas tecnologias ganha, a cada dia, maior importância e penetração na vida de todos nós, na medida em que a transformação dos novos saberes científicos em equipamentos e novidades tecnológicas de todo tipo invadem crescentemente os hábitos cotidianos das sociedades contemporâneas e as formas prioritárias de comunicação em todos os campos da vida se tornam dependentes desses equipamentos (OLIVEIRA, 2002, p. 27).

Precisamos aprender a ver nas tecnologias *um modo de saber fazer* próprio de nosso tempo. Pensamos que os professores não iriam querer trocar o uso de uma impressora nem dos modernos datashows pelos antigos mimeógrafos e retroprojetores. Certa conformidade já tomou conta frente à praticidade e comodidade dos novos equipamentos. Pensamos que nossos estudantes, de forma mais contundente, enxergam assim as novas tecnologias: como indispensáveis. Proibir parece atrofiar um movimento costumeiro, normal. As novas tecnologias são

para eles tão naturais quanto o kit antigo [e ainda comum] de trabalho do professor: a caneta azul, a caneta vermelha, o apagador, o giz, a régua, etc.

Certamente que o uso das novas tecnologias em sala de aula traz consigo também a rebeldia, a transgressão da finalidade destinada em relação ao ensino-aprendizagem, mas é preciso que as regras de uso sejam estabelecidas de forma democrática, enfatizando os limites e consequências que poderão surgir. Essa transgressão não é o mais preocupante, pois os estudantes também costumam transgredir as carteiras, o caderno e os livros didáticos, ao ficarem rabiscando durante as aulas, ao invés de copiarem a matéria do quadro.

Inês Barbosa de Oliveira aborda de forma interessante esse uso e relação que os estudantes têm com os cadernos. No início do ano letivo, no curso de pedagogia da UFF em Angra dos Reis, todos – professores e alunos – ganhavam ou se davam de presente um conjunto de material escolar, que incluía caderno, canetas, lápis, borrachas, etc. O modo como cada acadêmico se relaciona e se expressa com seu conjunto de material escolar foi utilizado por Oliveira como objeto de problematização sobre as regras de consumo e de transgressão. Dos acadêmicos que foram entrevistados no final do ano letivo, alguns demonstravam maior cuidado com seus cadernos e livros didáticos, não rabiscando, deixando tudo organizado e adequado à finalidade exigida. Outros, além desse cuidado, tinham seus cadernos também como algo íntimo onde faziam anotações pessoais. E outros, simplesmente tinham pouca organização, pouco interesse em copiar as matérias passadas no quadro. O caderno era mais usado para fazer bilhetes, aviãozinho ou desenhos, independente se era ou não a aula de artes (OLIVEIRA, 2002, p.33-36).

Esse mesmo comportamento de transgressão é percebido no trato com as tecnologias em sala de aula e em outros espaços da escola, através da obsessão pela conectividade. Enquanto o professor explica a matéria, muitos estudantes ficam mexendo no celular, e quando são “pegos em flagrantes”, não estavam pesquisando os conteúdos que estavam sendo desenvolvidos e discutidos, e sim, teclando nas redes sociais, como *Facebbok* e *Whatsapp*. Eram os bilhetes virtuais circulando, dentro e fora da sala de aula. Ao aplicarmos o projeto, durante vários momentos nos deparamos com essas situações de *transgressão*.

Na aplicação do projeto, quando os alunos eram levados ao laboratório de informática para fazer determinada atividade de pesquisa, enquanto uns estavam dedicados na tarefa, pesquisando, lendo as informações encontradas e fazendo o

trabalho solicitado, outros ficavam acessando jogos, entrando em sites de fofocas sobre os famosos, e até mesmo alguns arriscavam a ver sites pornográficos, como se estivessem isolados, na intimidade de seus quartos. Inês Barbosade Oliveira chama esse comportamento de transgressão de rebeldia do cotidiano (OLIVEIRA, 2002, p. 27) ao entendê-lo como algo positivo, na medida em que os estudantes se recusam,

a limitar-se ao previsível e ao estabelecido, quer no campo dos usos singulares das tecnologias, mais ou menos modernas, quer no campo das práticas sociais dos indivíduos e dos grupos sociais, nas quais estes se servem das regras e padrões de consumo das normas de interação social para redesenhá-los e adequá-los aos seus próprios valores e possibilidades, modificando-os permanentemente (OLIVEIRA, 2002, p. 38).

A questão é que estamos falando de algo que absurdamente se tornou uma extensão de nosso corpo. Afirma ainda Inês Barbosa de Oliveira: *“a importância que atribuímos a esses equipamentos chega ao absurdo de, mesmo sabendo de seu exagero, nos sentimos ‘nus’ sem telefone celular, acesso à Internet, e-mail próprio e computador em casa”* (OLIVEIRA, 2002, p. 28).

Crianças de seis, sete anos já possuem um celular, computador ou tablet pessoal. Costumam ficar horas a fio trancadas dentro do quarto, usufruindo das inúmeras possibilidades de diversão e interatividade disponibilizadas nesses aparelhos com acesso à internet e quando chegam às escolas são obrigadas a se desfazerem desses aparelhos durante todo um turno letivo. Se sentem atrofiadas, perdidas, desorientadas. O que podemos aproveitar dessa relação dos estudantes com as tecnologias? Como incentivar ao uso consciente e moderado? Esses são alguns dos desafios que podemos pensar e com resultado de longo prazo.

O que se apresenta nesse cenário como provocação é que não basta somente usar as novas tecnologias em salas de aula como se por si mesmas elas pudessem promover uma qualidade de aprendizagem aos estudantes devido à atratividade que elas suscitam. Como afirma Marc Prensky, citado por Costa e Silva:

A distância entre as gerações é o foco de Marc Prensky ao elaborar os conceitos de *nativos e imigrantes digitais* termos que explicam as diferenças culturais entre os que cresceram com a era digital ou não. Entretanto, o autor elucida que a inserção de suportes tecnológicos no ambiente educacional, como lousas digitais e laboratórios de informática, não é garantia de sucesso na prática pedagógica: Introduzir novas tecnologias na sala de aula não melhora o aprendizado automaticamente, porque a tecnologia dá apoio à pedagogia, e não vice-versa. Infelizmente, a

tecnologia não serve de apoio para a velha aula expositiva, a não ser da forma mais trivial, como passar fotos e filmes. Para que a tecnologia tenha efeito positivo no aprendizado, os professores precisam primeiro mudar o jeito de dar aula. No meu livro, uso o termo “Pedagogia de Parceria” para definir esse novo método, no qual a responsabilidade pelo uso da tecnologia é do aluno – e não do professor (PRENSKY *apud* COSTA; SILVA, 2013, p. 164).

Se não usadas de acordo com as necessidades de cada situação específica, como em sala de aula, a partir das orientações pedagógicas da escola e do professor, não passam de uma maquiagem nova sobre a enrugada forma de educação. Como diz Raquel Goulart Barreto ao analisar uma cena em que uma professora levou pela primeira vez em sala uma TV e uma fita VHS e deixou um filme rolar para os alunos até o sinal tocar.

Ninguém duvida de que a TV, o vídeo, o computador etc. possam veicular informações de modo mais atraente do que o velho esquema: exposição oral pelo professor, seguida de exercícios pelos alunos. Entretanto, a atratividade não pode ser tomada como critério maior para a seleção e a organização das atividades de ensino. Por mais desejável que seja, não pode ser valorizada como um fim em si mesma (OLIVEIRA, 2002, p. 45).

Aulas lúdicas ou dinamizadas através de utilização de alguns aparelhos tecnológicos e o acesso à internet em sala de aula ou em outro espaço de aprendizagem certamente podem ajudar muito ao professor e ao estudante na troca de saberes, discussão de ideias, exposição de suas opiniões e dúvidas. A liberação da internet dentro da sala, um filme sobre determinado conteúdo, uma reflexão por meio de uma música, imagens e textos elaborados em slides, uso do laboratório de informática, livros e quadros digitais, avaliações *online*s, atividades diferenciadas por meio da criação de grupos no *Facebook*, canal no *Youtube* e tantos outros meios podem, sem dúvidas, possibilitar uma maior absorção do conhecimento e de uma melhor aprendizagem.

Contudo, ainda se mostra necessário estabelecer limites e objetivos nessa relação com as tecnologias quando pensadas em relação à educação. O que não se apresenta como único caminho viável é enrijecer o pensamento em relação ao uso das novas tecnologias, através de um comportamento de resistência a este novo espaço de possibilidades chamado pelo filósofo Pierre Lèvy de “*ciberespaço*” e desse novo cenário cultural, a “*cibercultura*”. Isso é querer negar a existência de um fato já consumado pela modernidade. Estamos falando, por exemplo, de mais da metade da população mundial com acesso à internet e, certamente, com uma

infinidade de acesso as novas tecnologias. Por exemplo: o Brasil se encontra em terceiro lugar entre os países que durante mais tempo as pessoas ficam online. (CIRIACO, 2018). Então, todos esses dados nos impulsionam a revisar nosso comportamento com relação às tecnologias, ao menos no que diz respeito à dimensão que elas vêm tomando no cotidiano das pessoas, principalmente de nossos estudantes.

Uma pergunta direcionada ao uso das tecnologias só faz sentido se partir do *como* usá-las e não mais do se *pode* usá-las. Como aproveitar de toda produtividade trazida pelas tecnologias e, sem menos importância é claro, trabalhar os pontos negativos que elas acarretam? A geração tecnológica que se instaura de forma mais homogênea a partir de 2010 com a “Geração Alpha”, amam e se encantam pelas novas tecnologias da informação e comunicação tanto quanto os mais velhos amam e se encantam pelas modernas e novas máquinas industriais de, por exemplo, pulverização, de semeadura, de colheita, de construção civil, etc. É muito estranho alguém aplaudir a invenção dessas novas máquinas agrícolas e de construção civil, que vem descartando a mão de obra de vários empregados e acusar as redes sociais ou as TICs em geral como responsáveis por uma desumanização e insensibilidade dos jovens. Segundo Arcângelo R. Buzzi,

para os antigos gregos, o homem era sempre e por toda a parte técnico ou artífice. Por causa disso, sua existência se diferencia do existir animal que não aprende e não produz, mas apenas se reproduz. O homem é artífice que aprende a fazer, técnico que produz. Produz as palavras, as ciências, os objetos de uso e de culto, o Estado, a cidade, a família, os códigos de convivência, a religião, a prece (BUZZI, 1984, p. 133).

Levando em consideração esse caráter técnico do homem, não cabe agora encarar as novas tecnologias e novas técnicas como contrárias e inimigas do homem e de sua busca pela construção de um mundo ideal. Como bem afirma Pierre Lèvy: “o cúmulo da cegueira é atingido quando as antigas técnicas são declaradas culturais e impregnadas de valores, enquanto as novas são denunciadas como bárbaras e contrárias á vida” (LÈVY, 2004, p. 15).

Essas contradições precisam ser superadas, pois não devemos nos fechar para a novidade. Não se pretende dizer com essa afirmação que toda e qualquer novidade é bem vinda e deve ser seguida. O ofício de garimpeiro nunca deve morrer. Novas mudanças vão acontecendo e novos desafios vão surgindo, e cabe

sempre a reflexão de como lidar com tudo isso dentro de uma perspectiva humanística.

2.4 Fragmentação da técnica e do pensamento

Percebe-se que uma das principais preocupações do professor que leciona Filosofia no ensino médio é a de como tornar o pensar, através de uma Filosofia que dialoga com a história da Filosofia e da reflexão de situações da própria realidade dos estudantes, uma atividade senão prazerosa ao menos estimulante para estes. É mais ainda preocupante quando o professor é colocado numa deturpada condição de apresentar, de forma exigente, algo em sala de aula que seja tão empolgante e lúdico quanto o tempo dedicado aos jogos e redes sociais que a maioria dos estudantes costuma se dedicar todos os dias.

O professor se tornou praticamente um malabarista. É comum vermos diversos filmes (a exemplo de “Escritores da Liberdade”, ou “Como estrelas na terra: toda criança é especial”) ou postagens nas redes sociais em que muitos deles, em nome da busca pela atenção e aprovação dos alunos, utilizam de diversos artifícios, como subir em cima da mesa ou das carteiras dos estudantes, se vestirem de palhaços ou até mesmo fazerem uma espécie de “aula engraçada” ao estilo do *stand-up comedy*. Isso demonstra que boa parte dos estudantes está acostumada com a facilidade e a ludicidade tecnológica.

Otimizar o uso das novas tecnologias em sala de aula não significa dizer ao mesmo tempo que elas se tornaram indispensáveis no processo tanto de ensino quanto de aprendizagem. Mas que dentro de uma teoria do conhecimento e de uma antropologia podem servir também como instrumentos para investigar e conhecer os próprios sujeitos que as usam, o que produzem por meio delas, o que deduzem e o que descobrem a partir das horas que são dedicados a ficarem em frente do computador, do celular, tablet e etc. Como diz Certeau (1995), em seus estudos sobre a relação das pessoas com o uso e o consumo daquilo que é ofertado no “mercado de bens”:

Muitos trabalhos, geralmente notáveis, dedicam-se a estudar seja as representações seja os comportamentos de uma sociedade. Graças ao conhecimento desses objetos sociais, parece possível e necessário balizar

o uso que deles fazem os grupos ou os indivíduos. Por exemplo, a análise das imagens difundidas pela televisão (representações) e dos tempos passados diante do aparelho (comportamento) deve ser completada pelo estudo daquilo que o consumidor cultural “fabrica” durante essas horas e com essas imagens. O mesmo se diga no que diz respeito ao uso do espaço urbano, dos produtos comprados no supermercado ou dos relatos e legendas que o jornal distribui (CERTEAU *apud* ALVES, 2002, p. 16).

O uso da internet está associado à liberdade, a diversão e a comodidade. O problema se instaura quando se pretende que todas essas associações estejam em todos os espaços e tempos do cotidiano, principalmente o escolar. Isso seria fragmentar a técnica e o pensamento. Fragmenta-se a técnica na medida em que se faz uma apologia das tecnologias somente voltada para aquelas ferramentas que fazem parte de nossos interesses pessoais, que são, segundo as respostas dadas ao questionário, aplicativos de bate-papo e relacionamentos virtuais, como *Whatsapp, Facebook, Instagram, LinkedIn*, etc. Mas levando em conta o que afirma Paulo Cysneiros, não podemos restringir as tecnologias a essas funcionalidades:

Na escola, educadores não usam tecnologias como meios de comunicação entre um “emissor” e milhares de “receptores” desconhecidos, prioritariamente pessoas adultas, autônomas, mas sem um relacionamento humano interpessoal como ponto de partida. Na escola, tecnologias são utilizadas por professores e alunos – crianças, adolescentes e adultos em formação – em situações de ensino e de aprendizagem de conteúdos de um currículo previamente definido nos seus parâmetros gerais (CYSNEIROS, 2002, p. 02).

A partir de nossa experiência em sala de aula é difícil encontrar um estudante que apresenta conhecimento do que seja um word, excel, power point, publisher, entre outras ferramentas digitais, que fazem parte da rede de aplicativos que já vem instalada nos próprios computadores e que agora é possível o acesso até mesmo em celulares. E por outro lado, fragmenta-se o pensamento, entendendo com isso a situação de passividade frente aos mecanismos potencialmente ativos que são as TICs, por exemplo. Pela internet uma maior comunhão dos conhecimentos elaborados e a possibilidade de todos se tornarem autores e críticos é uma realidade acordada há muito tempo, desde que se passou a ser possível a publicação de textos e a interação com eles por meio das mais variadas críticas. Passamos a condição de autores e coautores. E para exercermos bem esse papel temos um leque de informação que pode ser acessado a partir de vários navegadores de pesquisa.

A internet incentivou a liberdade de expressão, de opiniões e ideias e também uma falsa liberdade, se acreditando tudo poder fazer, visto ser a internet aparentemente um território sem dono, sem controle, sem regras, sem vigilância, sem nenhum compromisso ou ligação com a vida real. A diversão é garantida, na medida em que se tenha acesso às infinitas possibilidades de atratividade, interações, acessos, aplicativos, sistemas, desafios. Tudo isso quando e por quanto tempo quiser na comodidade e conforto do lar, trancado no quarto, através de um aparelho e de uma rede wifi ou cabeada.

Durante a aplicação do projeto, quando os alunos eram levados para o laboratório de informática, todos demonstravam euforia em realizar as atividades solicitadas, mas faziam de forma apressada e sem nenhum critério de pesquisa e avaliação dos sites de buscas e da veracidade dos textos, pois estavam mais preocupados em sobrar tempo para o ócio tecnológico. Ócio não criativo, mas simplesmente vicioso. As tecnologias se apresentam como espaço de consumo, produção e também de ócio, talvez por isso sejam tão atrativas, porque de certa forma também estão ligadas a realidade cotidiana de alguma maneira.

Porém, o argumento de que as tecnologias devem ser inseridas em salas de aula simplesmente porque fazem parte do cotidiano dos estudantes e da sociedade em geral apresenta fragilidades. Uma delas é a de insinuar que a sala de aula é um espaço de reprodução da vida que os estudantes têm fora da escola. Não necessariamente. Antes disso, e principalmente, como afirma Vani Moreira Kenski,

Em um mundo em constante mudança, a educação escolar tem de ser mais do que uma mera assimilação certificada de saberes, muito mais do que preparar consumidores ou treinar pessoas para a utilização das tecnologias de informação e comunicação. A escola precisa assumir o papel de formar cidadãos para a complexidade do mundo e dos desafios que ele propõe. Preparar cidadãos conscientes, para analisar criticamente o excesso de informações e a mudança, a fim de lidar com as inovações e as transformações sucessivas dos conhecimentos em todas as áreas (KENSKI, 2011, p. 64).

A escola não é uma extensão da rotina deles e, sim, uma rotina que promove a extensão do olhar, do saber, do conhecimento, da reflexão da realidade que estão inseridos, que não é só tecnológica. A segunda é creditar às novas tecnologias o caminho indispensável para uma qualidade significativa de aprendizagem. Claro que os nativos digitais, munidos do potencial gerado pelas TICs, podem selecionar uma

variedade de informações e conhecimentos de acordo com suas necessidades, como afirmam Costa e Silva:

A sobrecarga de informação é algo característico da sociedade contemporânea. Ao contrário das gerações anteriores que reclamam desse fenômeno, os *nativos digitais*, ao disporem de uma vasta quantidade de recursos multimídia, têm grande possibilidade de aprender como selecionar qual informação da internet tem relevância ou responde a suas necessidades. (COSTA; SILVA, 2013, p. 163).

Mas a realidade, a partir de uma perspectiva filosófica do ensino de Filosofia mediada pelas tecnologias, apresenta vários desafios nessa seleção de informações. O que há ainda é uma fragmentação da técnica e do pensamento, no sentido de que a aprendizagem por meio das novas tecnologias encontra incompreensões quanto finalidade pedagógica. As tecnologias precisam ser encaradas como fontes de pesquisa, de estudo, de produção de conhecimento e não só de consumo. Como bem afirma Kenski,

A educação escolar não deverá servir apenas para preparar pessoas para exercer funções sociais e adaptar-se às oportunidades sociais existentes, ligadas à empregabilidade, cada vez mais fugaz. Não estará voltada, tampouco, para a exclusiva aprendizagem instrumental de normas e competências ligadas ao domínio e à fluência no emprego de equipamentos e serviços. A escola deve, antes, pautar-se pela intensificação das oportunidades de aprendizagem e autonomia dos alunos em relação à busca de conhecimentos, da definição de seus caminhos, da liberdade para que possam criar oportunidades e serem sujeitos da própria existência (KENSKI, 2011, p. 66).

A relação de muitos estudantes com as novas tecnologias é a mesma que tinham com as “velhas técnicas”, como a caneta, o caderno, o lápis e a borracha. A diferença é que ao invés de copiar do livro físico e transcrever para o caderno as ideias do autor sem nenhuma preocupação ética com o pensamento e a autocrítica a partir de uma reflexão daquilo que é apresentado nos textos, se faz isso diretamente da internet para o Word. Pensar não é somente reproduzir ideias e saberes, é criar, repensar, reeditar, rescrever, refazer a partir de uma postura ativa, crítica, construtiva e transformadora.

Em tempos de praticidade e rapidez gestados pelo ritmo tecnológico da sociedade de consumo, a Filosofia não deve ceder à tirania da velocidade. Isso seria fragmentar o pensamento, quando se pretende reduzir as experiências do conhecimento ao máximo possível de armazenamento de informações que mudam

constantemente e numa velocidade assustadora. São tempos diferentes. As informações compartilhadas pela internet ou divulgadas pelos meios de comunicação em geral podem ajudar a elaborar um pensamento próprio que fundamente nossas próprias ideias e opiniões, assim como a leitura de qualquer livro.

2.5A lógica tecnológica de aprendizagem: “Filosofiatwittada”.

Mais do que exclusão e isolamento a internet pode possibilitar, de forma antes impensável, um contato prévio com as diferenças, troca de informações e conhecimentos com culturas distantes e que praticamente estavam esquecidas em algum canto do mundo. Como afirma Tania Maria Esperon Porto,

São vencidas barreiras geográficas e criadas aproximações culturais, apesar das diferenças econômicas e dos obstáculos socioculturais que se interpõem para a produção dos desejos nos cidadãos. As distâncias e os espaços que os meios tendem a aproximar e a globalizar concorrem para que as necessidades se assemelhem, mesmo que, para muitos, a satisfação delas não se concretize (PORTO, 2006, p. 44).

Conversamos e interagimos com pessoas em tempo real, de culturas e países que dificilmente poderíamos conhecer pessoalmente. Podemos aprender muito sobre várias realidades sociais através de um bate papo com um habitante de uma cidade de determinado país, de um passeio pelas ruas através do Google Maps, de documentários, textos e vídeos compartilhados em redes. Esse novo espaço de relações e difusão de saberes foi chamado pelo filósofo Pierre Lèvy de *Ciberespaço*, onde todos os que estão inseridos no campo tecnológico podem fazer parte do processo de construção e compartilhamento de conhecimento:

Eu defino o ciberespaço como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização (LÉVY, 2000, p. 92).

Esse novo espaço possibilita o surgimento de novas estruturas epistemológicas. No sentido de termos que repensar aquilo que entendemos como

um caminho hierárquico que parte da informação em direção ao conhecimento; a finalidade e critérios de pesquisa; a responsabilidade ética com a formação do sujeito para o exercício consciente de sua cidadania; leitura e compreensão da realidade que está inserido, reconhecendo-se como sujeitos históricos e responsáveis pelo próprio destino, vencendo assim as alienações transvertidas de verdade.

Várias são as marcas impetradas pelas tecnologias. A principal delas, segundo o filósofo alemão Jurgen Habermas, numa entrevista concedida ao jornal online do El País é a condição de todos se apresentarem potencialmente como *autores*:

A internet, que nos transforma todos em autores potenciais, não tem mais do que duas décadas. É possível que com o tempo aprendamos a lidar com as redes sociais de forma civilizada. A internet abriu milhões de nichos subculturais úteis nos quais se troca informação confiável e opiniões fundamentadas. Pensemos não só nos blogs de cientistas que intensificam seu trabalho acadêmico por este meio, mas também, por exemplo, nos pacientes que sofrem de uma doença rara e entram em contato com outra pessoa na mesma condição em outro continente para se ajudar mutuamente com conselhos e experiências. Sem dúvida, são grandes benefícios da comunicação, que não servem só para aumentar a velocidade das transações na Bolsa e dos especuladores (HABERMAS, 2018).

Paralelo a essa marca principal abre-se a possibilidade fácil e rápida de compartilhar experiências, valores, problemas, desafios. Mas, se a marca principal é a de autores, como afirma Habermas, isso será possível sem a existência de leitores? Percebemos a existência de uma paradoxal fragilidade cultural, no sentido de que, frente a tantos meios de informação, temos cada vez menos em sala de aula, por exemplo, estudantes leitores, dedicados à pesquisa, a análise textual e, conseqüentemente, numa condição plausível de leitores. Segundo Habermas, na mesma entrevista, *“a pergunta nostálgica de por que já não há mais intelectuais está mal formulada. Eles não podem existir se já não há mais leitores aos quais continuarem alcançando com seus argumentos”*. Autores e intelectuais não podem subsistir sem a necessária atitude prévia de leitores. Um autor necessita ser antes de tudo um bom leitor, e um intelectual perde sua razão de ser sem os devidos leitores a quem direcionar seus argumentos.

Mas o que comumente se vê em sala de aula são os usos de celulares com altas capacidades funcionais, mas que, normalmente, os que deles fazem uso estão presos a conversas pelas redes de relacionamentos ou, no máximo, abusando dos

selfies. Daí o “narcisismo tecnológico”, a necessidade de serem vistos, admirados. Isso nos faz questionar se seria o advento da técnica e da tecnologia o provável começo do fim do pensamento livre e autônomo e se teremos que lutar contra nossa própria invenção (NOVAES, 2009). Ou ainda, se o excesso de informação oferecida pelas tecnologias da informação não limita a criticidade de nossos estudantes ao confundir tais informações com excesso de conhecimento, mantendo-se assim vulneráveis à auto-alienação midiática. Nas palavras de Silva e Correa “é importante ressaltar que numa sociedade repleta de informações que nascem e partem de todos os lados é comum a alienação por parte da juventude, despreparada para conviver com os desafios desse tempo” (SILVA; CORREA, 2014, p. 26).

Como notamos em outro momento ao falarmos sobre algumas respostas dadas ao questionário, as tecnologias mais presentes na maior parte do tempo dos estudantes estão ligadas as redes sociais, como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *Snapchat*, *Whatsapp*, etc. Pensando nisso, resolvemos elaborar duas atividades, às quais intitulamos de “Perfil” e “Filowhats” utilizando, respectivamente, o *Facebook* e o *Whatsapp*. Com isso pudemos ofertar atividades diferenciadas, por meio das novas tecnologias, principalmente por meio daquelas mais utilizadas pelos estudantes. Já que, segundo Silva e Correa,

Educandos chegam às escolas com celulares de última geração e preferem estar a usar o facebook, ou twitter durante as aulas do que prestar atenção aos conteúdos elencados pela escola como importantes para sua formação. Os educadores preferem entender o ato de educar apenas com quadro-negro e giz e assim perpetuam um modelo já desgastado, com resultados mínimos (SILVA; CORREA, 2014, p. 27).

Quando um filósofo é apresentado em sala de aula, como por exemplo, Sócrates, a frase que mais chama atenção e que fica gravada é a do “*Só sei que nada sei*” ou “*o homem faz o mal porque ignora o bem*”. Isso é típico das redes sociais como o twitter, que até 2016 limitava apenas 140 caracteres para seus usuários e que, em 2017 foram aumentados para 280. Uma quantidade que ainda reduzida se relacionada aos grandes textos que são cobrados como leitura e escrita em sala de aula. O costume gerado pela formatação destas plataformas dificulta a produção de provas teóricas em sala de aula quando é exigido um número mínimo de 20 linhas de escrita sobre determinado tema. Ou ainda quando é feito um rodízio de leitura conjunta. Além das dificuldades de escrita que geralmente se apresenta

sem a menor preocupação com as vírgulas ou quaisquer outros tipos de pontuações; os estudantes não lêem a todo um parágrafo, pois já param e pedem para outro continuar. Os próprios sites e blogs já fazem publicações curtas ou, se são um pouco mais longas, os alimentadores se preocupam com a noção de imagem textual e numa linguagem que prenda ao máximo a atenção dos leitores.

Certamente esse hábito e caráter “sucinto” de ser nas redes, sem falar na possibilidade de se escrever da forma mais reduzida possível (como vc, pq, ã, tbm) sem perder a compreensão da comunicação, ao menos entre os habituados, não deixaria de impactar o ambiente escolar, as atividades orientadas e cobradas pelos professores. Vivenciamos uma realidade na qual os alunos do ensino médio apresentam grande dificuldade no ato de ler ou de escrever de forma compreensível. Não se trata somente dos problemas de escrever erradas as palavras, como “fasso” ao invés de “faço” e, sim, dificuldade semântica e pragmática. Ao digitar no word ou até mesmo no teclado do celular, quase sempre as palavras digitadas erradas, sem acento, conjugação verbal ou gênero diferente da posto no início da frase é automaticamente arrumada ou fica em vermelho, orientando que tem algo de errado. Isso significa menos preocupação com essas questões, visto que sempre terá um “corretor” que faz o trabalho bem feito, embora às vezes escorregue na correção e palavras indesejadas são enviadas. Mas isso também não é mais um problema no whatsapp, por exemplo, pois se vista a tempo, antes do constrangimento, é possível “desenviar”, apagar não só mais do próprio perfil, mas também do perfil do destinatário mensagens enviadas e que por algum motivo gostaria de desfazer o envio.

Embora estejamos nos referindo a nativos digitais alguns paradoxos são identificados. Questionados sobre se preferem livros físicos ou virtuais para realizarem suas leituras, e se para entregar os trabalhos solicitados pelos professores prefeririam manuscritos ou digitados, a maioria dos estudantes respondeu que preferem livros físicos por ser mais fácil de manusear e menos cansativo. Quanto à entrega dos trabalhos houve uma boa porcentagem dos que preferem digitados, mas manuscrito ainda foi a maioria mesmo demonstrando dificuldade de escrever um texto acima de cinco linhas e concatenar as ideias. Escrever, com todas as exigências gramaticais e rigor lógico cobrados em sala de aula está se tornando cada vez mais tedioso. Os estudantes demonstram estar habituados a rapidez, a síntese e as palavras curtas. Não é à toa que amam as

frases de efeito. Na atividade que desenvolvemos a partir do *Facebook* - Perfil - era quase rotineiro os estudantes postarem inúmeros *memes* sobre os filósofos que escolheram ou frases prontas, dessas que se encontram na internet para compartilhamento. Como no exemplo abaixo:



Figura 1 - Postagem no grupo Perfil.

Para realizar a atividade “Perfil” [Perfis de Filósofos] dividimos a turma composta por trinta estudantes em duplas ficando, cada uma, responsável por criar o perfil de seus respectivos filósofos. Escolhemos filósofos e filósofas das mais variadas correntes e períodos históricos, como Epicuro, Aristóteles, Santo Agostinho, Francis Bacon, Maquiavel e Hannah Arendth. A ideia dessa atividade surgiu após assistirmos a série catalã da *Netflix* intitulada “Merli”⁹, na qual o professor de filosofia pergunta para um de seus estudantes se Aristóteles estivesse vivo, ele usaria ou não o *Facebook*? O estudante conclui mais tarde que o filósofo usaria, visto que Aristóteles definia o homem como um animal político que participaria das discussões da *pólis*.

⁹ Transmissão original pela TV3 (canal de televisão da cataluña): 14 de setembro de 2015 – 15 de janeiro de 2018. Na *Netflix* iniciou-se a transmissão em 2017. A série é composta de três temporadas e quarenta episódios. O novo professor Merli chega à escola causando uma baita primeira impressão em seus colegas e alunos, dentre os quais está Bruno, seu filho adolescente.

Como haviam demonstrado no questionário que prefeririam trabalhos escritos e livros físicos, foi entregue a cada dupla textos impressos sobre os temas que deveriam estudar. No campo da praticidade os estudantes acabaram optando por estudar somente por meio dos recursos digitais. A tarefa inicial foi a de solicitar que cada dupla pesquisasse a biografia dos filósofos que ficaram responsáveis; criar um perfil no *Facebook* com o nome do filósofo e que postasse um pouco de sua biografia, enfatizando os pontos que julgassem mais importantes. As publicações deveriam ser publicadas na primeira pessoa para que os estudantes pudessem ter o controle das postagens, se comportando como seus respectivos personagens. Segue um exemplo:



Figura 2 - Postagem feita pelos alunos através dos perfis de filósofos.

A empolgação inicial dos estudantes foi grande. Afinal, estavam fazendo uso de uma ferramenta que costumavam utilizar no dia a dia, tinham certo domínio e por isso tornava a ida aos laboratórios de informática e a atividade algo interessante:

Um dos pontos importantes a essa discussão é a motivação que traz o uso das tecnologias em sala de aula. Os educandos geralmente se apresentam favoráveis às idas ao laboratório de informática, ao uso dos equipamentos eletrônicos, às mídias etc., e se sentem mais familiarizados com os conteúdos quando são abordados por meio desses instrumentos tecnológicos (SILVA; CORREA, 2014, p. 32).

Nos laboratórios ou mesmo em sala de aula, a partir da conexão wifi, a função do professor foi minimizada pelos navegadores de pesquisa, pelas quais as dúvidas eram solucionadas. No ciberespaço é possível encontrar uma infinidade de sites, vídeoaulas, livros virtuais que muitas vezes são postos no lugar do professor. No entanto, cabe ao professor a função de

[...] conscientização dos alunos de que a pesquisa na internet, o usos de mídias etc., não devem ser usadas de forma alienada; ou seja, não é só encontrar o assunto procurado, imprimi-lo, entregá-lo sem ler e ponto final. O educando precisa ser conduzido a leituras e informações diversas para refletir sobre elas objetivando descobertas que venham a ser partilhadas com posicionamento científico e crítico (SILVA; CORREA, 2014, p. 33).

Era necessária essa conscientização, pois depois da publicação da biografia, o passo seguinte consistia em que cada filósofo discutisse no *Facebook* alguns temas previamente determinados [liberdade, política e ética]:



Figura 3 - Postagens com debates feitos através dos perfis de filósofos.

Esse passo também consistia na promoção de debates em que, após a postagem de determinado tema pelo filósofo, os demais perfis filosóficos poderiam interagir com as postagens de forma crítica, ora acrescentando ou discordando dos

filósofos, de acordo com os próprios conceitos construídos. As duplas deveriam fazer isso sempre incorporando a figura do filósofo escolhido. Mas geralmente a postagem ficou restrita a visualização. Cabe enfatizar que muitos estudantes poderiam continuar interagindo nessas atividades após o período da aula, em casa, desde que tivessem tempo. A outra atividade, “FiloWhats”, foi proposta justamente para que os estudantes pudessem, em qualquer horário do dia, trocar informações sobre o que estavam achando da atividade, tirassem dúvidas, expusessem suas opiniões. Mas se restringiu apenas a conversas paralelas e postagens que não condiziam com a finalidade da atividade.

Constatamos a partir dessas atividades que nem sempre as tecnologias são acolhidas como ferramentas pedagógicas. As postagens continuaram sendo superficiais, apenas cópias da primeira página encontrada no navegador e postada na página do Perfil. A passividade e a atitude acrítica durante o desenvolvimento das atividades foram impressionantes. Isso nos leva a repensar as pretensões pedagógicas de formação do sujeito autônomo, emancipado intelectualmente. Perguntam Costa e Silva:

Sendo assim, alguns questionamentos são pertinentes: o vislumbrar de um aluno crítico, autônomo ou emancipado não é mais possível? Ou é o entendimento de “autonomia do sujeito” que não é mais o mesmo? Então, para que tipo de sociedade se está educando? A partir dessas indagações, clarifica-se que o pressuposto de sujeito tal como proposto pelas teorias pedagógicas é questionável ainda mais em tempos de cultura virtual (COSTA; SILVA, 2013, p. 168)

Nessa cultura virtual em que vivemos, o conhecimento tem grandes chances de ser confundido com o acúmulo de informações e a autonomia entendida como mera reprodução ou compartilhamento das informações recebidas.

2.6 As novas tecnologias e o conceito de *pharmakón*

Cada época apresenta as necessidades filosóficas de investigação, de estudos e de análise dos fatos. Nos dias de hoje, a admiração - o *thaumázein* platônico e aristotélico - se volta de forma mais contundente por alguns *analistas do real* para as tecnologias. Estas se apresentam como fecunda fonte de investigação e reflexão filosóficas, principalmente quando somos instigados a repensar nossas

concepções epistemológicas, éticas, políticas e sociais. Ao contemplar o crescente avanço e aprimoramento das técnicas o ser humano é tomado de certa perplexidade e, conseqüentemente, é convidado a filosofar.

[...] De fato, os homens começaram a filosofar, agora como na origem, por causa da admiração, na medida em que, inicialmente, ficavam perplexos diante das dificuldades mais simples; sem seguida, progredindo pouco a pouco, chegaram a enfrentar problemas sempre maiores, por exemplo, os problemas relativos aos fenômenos da lua e aos do sol e dos astros, ou os problemas relativos à geração de todo o universo. Ora, quem experimenta uma sensação de dúvida e de admiração reconhece que não sabe [...] (ARISTÓTELES, 2002, p. 12-13).

Há, ainda, muito de “não sabido” quando investigamos os problemas suscitados pelas tecnologias, pois muitas conclusões e fobias quanto a elas não passam de meras especulações. Mas a partir do reconhecimento da ignorância, e levado pela admiração face aos mistérios que envolvem esse universo tecnológico, podemos dar alguns passos na *medicação* de nosso pensamento frente à realidade *pharmakológica* das novas tecnologias. Doses diárias de questionamentos são fundamentais para curar as enfermidades ocasionadas pelo imediatismo, consumismo e passividade as que muitas vezes somos expostos.

No império da normalidade erguido pelo imediatismo do viver e pelo consumismo, que se preocupa apenas com o bem-estar e a segurança material, a admiração, o espanto, a dúvida, a curiosidade e a postura crítica frente a essa realidade são características filosóficas sempre necessárias. É preciso se preocupar não só com o imediato viver e com as novidades colocadas no mercado, mas sim questionar também o próprio viver do imediato e essas novidades. Viver e refletir o vivido e a vivência. Filosofar tem muito disso: suspeitar sempre outra realidade, analisar o todo e não só uma parte. Por isso que a Filosofia, uma vez descoberta ou inventada nunca morrerá enquanto subsistir os amigos da sabedoria, aqueles que buscam o “conhecimento verdadeiro”. A própria vida ora se confunde com a Filosofia, e esta com aquela, como diz o filósofo judeu-lituano Emanuel Lévinas: “Quando Filosofia e vida se confundem não se sabe mais se alguém se debruça sobre a Filosofia, porque ela é vida, ou se preza a vida, porque ela é Filosofia” (LÉVINAS, 1997). A Filosofia mora no ser humano e nele subsiste. Se assim o é, nem a ciência nem as religiões ou qualquer outra forma de conhecimento, também frutos da racionalidade humana, poderão fazê-la sucumbir.

Recentemente uma entrevista com o imunologista português e diretor do Instituto Gulbenkian, António Coutinho, publicada na Folha de São Paulo (2018), gerou várias polêmicas, ao afirmar que a Filosofia não é ciência, por isso não progride e, conseqüentemente está fadada a desaparecer:

Por isso a Filosofia não é ciência, porque nunca progride. Eu tenho o maior respeito pelos filósofos porque o objetivo da Filosofia é o mesmo que o da ciência: explicar o mundo e a nós próprios. Agora, nós temos um bom processo e eles não têm, portanto estão fadados a desaparecer. O que é o objetivo da Filosofia vai ser resolvido pela ciência, e a Filosofia vai passar a história. Eu acho que os cientistas são os únicos que resolvem problemas, e isso é uma coisa de que as pessoas, habitualmente, não estão muito cientes. Problemas absolutamente fundamentais, que muita gente chamaria de metafísica, como a origem do universo, o que é a consciência e outros problemas muito mais triviais, como matar uma célula cancerígena, coisas assim. Isso é o que nós fazemos: resolver problemas (NÓBREGA; CALDAS, 2018).

O imunologista Coutinho expõe um amor fragilizado pela Filosofia e pelos filósofos ao esquecer que qualquer ciência não está imune de ser “atacada” pelo vírus da Filosofia. Não só porque dela foi originada, mas também porque ela, a Filosofia, continua energizando o motor que possibilitou e continua possibilitando ao ser humano alargar seu campo de visão, engrossar suas reflexões, aprimorar suas práticas e, conseqüentemente, está mais apto a resolver e formular problemas, inclusive no campo científico. Ele também ignora que os problemas nem sempre são de ordem empírica, e que toda ciência necessita de um grande debate e produção teórica. Se a Filosofia não progride, ela participa de certa forma da progressão, e nessa progressão deixa sua marca. Ela está sempre acompanhando os avanços, as novidades, as crises. Filosofar é manter-se desperto. “Não se deve dormir, é preciso filosofar”, afirma Emanuel Lévinas. A *vigilância* é uma nobre aliada do pensamento, principalmente em tempos de constantes novidades, como na Era da informática em que estamos vivendo, com aspectos ainda obscuros e que vem suscitando uma profunda reflexão frente às provocações e mudanças em diversos espaços de atuação humana, nos modos de construir, produzir, se relacionar, agir, conhecer, compartilhar, saber. Como pensar as tecnologias? Como elas podem contribuir na elaboração do pensamento? No campo pedagógico, que relação estabelecer entre o ensino de Filosofia e o uso das tecnologias no processo de aprendizagem?

Os objetivos e problemas construídos para a elaboração dessa dissertação fomentaram uma necessidade epistemológica, política e ética em responder alguns

desses questionamentos e a levantar outros. O que é certo, por enquanto, é que não podemos mais nos desvencilhar de uma complexa aparelhagem de tecnologias que tem nos auxiliado a atingir uma variedade de objetivos e aprimoramentos no campo da pesquisa científica, da telecomunicação e da construção de conhecimentos, etc. Como bem afirma Pierre Lévy,

Novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática. As relações entre os homens, o trabalho, a própria inteligência dependem, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos. Escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturados por uma informática cada vez mais avançada. Não se pode mais conceber a pesquisa científica sem uma aparelhagem complexa que redistribui as antigas divisões entre experiência e teoria. Emerge, no final do século XX, um conhecimento por simulação que os epistemologistas ainda não inventariam (LÉVY, 2011, p. 07).

Realmente, várias escolas e empresas como as de direção automobilística tem se apropriado da simulação como ferramenta que tende a superar as formas tradicionais de ensino. Recentemente tivemos a polêmica dos simuladores de direção veicular que passaram a ser obrigados nas autoescolas pelo Conselho Nacional de Trânsito (Contran) como requisito para obtenção da CNH. (MAGO, 2018). Claro que a polêmica recaiu sobre o preço e o prazo dado para adquirir o equipamento e não sobre a eficácia da nova exigência de aprendizagem. Simular o real sem prejuízos reais. Possíveis reações práticas são previstas antes mesmo de serem praticadas, já que a função dos simuladores é colocar o futuro condutor em condições mais reais possíveis a partir da realidade virtual. Assim a simulação também pode ser inserida num curso de engenharia ou de produção, através de mecanismos digitais, jogos online, etc. Eis algumas das contribuições das tecnologias.

Este novo cenário anunciado pelo filósofo francês Pierre Lévy na citação acima é marcado por controversos pensamentos e opiniões, oscilando entre comportamentos otimistas dos tecnófilos e dos - se não pessimistas ao menos preocupados - tecnofóbicos. Mas no terreno das discussões de ideias sempre haverá as contradições, e como antes de cada ação se projeta um pensamento, as atitudes e práticas de acolhimento da novidade serão também diferentes. Pois, as novas tecnologias, como afirma Lévy, são “*um campo aberto e conflituoso*” (LEVY, 2004, p. 9). A esta abertura e caráter conflituoso das tecnologias não pode ser

associada à dimensão de entidades reais, independentes, ou que exista uma essência técnica por trás da técnica, como pretendia Heidegger em “A questão da Técnica”. O que há por trás da técnica são indivíduos. Estes sim são entidades reais, dotados de ação e intencionalidade. Nas palavras do Pierre Lévy,

Não existe uma “Técnica” por trás da técnica, nem “Sistema técnico” sob o movimento da indústria, mas apenas indivíduos concretos situáveis e datáveis [...]. É por isto que não há mais sentido em sustentar que a essência da técnica é ontológica (Heidegger), que a essência do capitalismo é religiosa (Max Weber) ou que a metafísica depende da economia em última instância (marxismo vulgar). Nem a sociedade, nem a economia, nem a Filosofia, nem a religião, nem a língua, nem mesmo a ciência ou a técnica são forças reais, elas são, repetimos, dimensões de análise, quer dizer, abstrações. Nenhuma destas macroentidades ideias pode determinar o que quer que seja porque são desprovidas de qualquer meio de ação (LÉVY, 2010, p. 12-13)

O *endeusamento* ou *demonização* das técnicas depende sempre de uma recepção e ação ética dos sujeitos que fazem uso delas. E tal manuseio e utilidade se restringem também às diferenças culturais e sociais de cada sociedade. Um dos problemas é que cada vez mais surgem novas tecnologias que vão se impondo em nosso cotidiano sem termos dedicado tempo suficiente para discutir e investigar cada uma. Sujeitos ditos racionais, livres, conscientes e esclarecidos usufruem o tempo todo do potencial que as tecnologias oferecem, de tal forma que dificilmente se tem controle da situação (LÉVY, 2010, p. 26). Somos cada vez mais dependentes das máquinas, ao menos e por enquanto, quanto a nossa dimensão física, ou seja, nosso corpo. Basta pensarmos no implante de um marca-passo que tem a finalidade de regular os batimentos cardíacos, e que se não fosse por isso o paciente estaria condenado à morte.

Em uma entrevista concedida a Revista Galileu, o filósofo esloveno Slavoj Žižek deu um exemplo claro dessa dependência do ser humano em relação as máquinas:

Você não acha que há um tabu em relação à adaptação às novas tecnologias?

Sim, isso pode ser traumático. Por exemplo, pessoas com problemas renais precisam fazer diálises constantemente. Alguns pacientes me disseram que por mais que pensamos que somos autônomos e só precisamos de nossos corpos, eles dependem de uma máquina que está fora do seu corpo. Se o vínculo com a máquina é rompido, é a morte. E numa metáfora patética, será que a nossa linguagem, nosso sistema simbólico, não funciona da mesma forma? É o que diz, por exemplo, o estudioso da cognição cerebral Daniel Dennett, que fala que do mesmo jeito que um animal sem os pelos

não é um animal — um coelho depilado é antinatural —, o mesmo vale para o ser humano — não em relação a nossas roupas, mas às nossas máquinas. Elas são partes da nossa identidade. Se você desconectar o ser humano de suas máquinas, você tem um animal mutilado. (MATIAS, s/d)

Mas certamente os impactos e destino dado às máquinas e técnicas devem ser pensados, por isso vem causando inúmeros debates e preocupações. Novamente enfatiza Pierre Lévy:

Uma técnica não é nem boa, nem má (isto depende dos contextos, dos usos e dos pontos de vista), tampouco neutra (já que é condicionante ou restritiva, já que de um lado abre e de outro fecha o espectro de possibilidades). Não se trata de avaliar os “impactos”, mas de situar as irreversibilidades às quais um de seus usos no levaria, de formular os projetos que explorariam as virtualidades que ela transporta e de decidir o que fazer dela (LÉVY, 2010, p. 26).

Trazendo para o campo da educação, e de modo mais específico ao ensino de Filosofia, qual decisão deve ser tomada em relação ao uso das tecnologias em sala de aula e quais irreversibilidades seu uso nos levaria na questão da aprendizagem? Percebe-se em sala de aula que a memória e a escrita dos estudantes estão cada vez mais transformadas. As informações passaram a ser, com a escrita e, mais ainda com as novas tecnologias, mais fáceis de serem armazenadas. O *papiro*, o *biblios*, o HD de nossos computadores, o pendrive, uma foto tirada do quadro onde foi escrito alguns conteúdos, ou até mesmo uma gravação de áudio ou vídeo pode fazer, e faz muito bem, a tarefa de memórias externas, antes restringida a um grande esforço cerebral. Isso é positivo na medida em que podemos reservar mais *giga* de nossa memória interna para coisas mais importantes, ao invés do armazenamento de um conjunto de coisas nem sempre necessárias, como memorizar números de um telefone. Até mesmo os telefones fixos já veem com identificadores de chamada e um espaço para gravar os números que julgarmos importantes.

Interessante pontuar que mesmo antes de toda esta discussão acerca de armazenamento de memória externa em aparelhos, o problema da escrita e da memória foi discutido pelo filósofo Platão no diálogo chamado *Fedro*. Nele Sócrates fala sobre Thoth, um velho deus da região de Náucratis, no Egito. Coube a ele a invenção dos cálculos e dos números, bem como da escrita. Segundo o mito, Thoth vai comunicar ao monarca sua nova invenção (a escrita) e a apresenta como uma arte que tornará os egípcios mais sábios e será remédio para a memória. [...] “Eis, ó

rei, uma arte que tornará os egípcios mais sábios e os ajudará a fortalecer a memória, pois com a escrita descobri o remédio para a memória". A reação do rei quando da apresentação desta novidade inventada por Thoth é bem interessante, pois está muito presente nas discussões que muitos fazem hoje sobre os efeitos das tecnologias no processo de aprendizagem

[...] “Oh, Thoth, mestre incomparável, uma coisa é inventar uma arte, outra é julgar os benefícios ou prejuízos que dela advirão para os outros! Tu, neste momento e como inventor da escrita, esperas dela e com entusiasmo, todo o contrário do que ela pode vir a fazer! Ela tornará os homens mais esquecidos, pois que, sabendo escrever, deixarão de exercitar a memória; confiando apenas nas escrituras, e só se lembrarão de um assunto por força de motivos exteriores, por meio de sinais, e não dos assuntos em si mesmos. Por isso, não inventaste um remédio para a memória, mas sim para a rememoração. Quanto à transmissão do ensino, transmites aos teus alunos não a sabedoria em si mesma, mas apenas uma aparência de sabedoria, pois passarão a receber uma grande soma de informações sem a perspectiva educação! Há de parecer homens de saber, embora não passem de ignorantes em muitas matérias e tornar-se-ão, por consequência, sábios imaginários, em vez de sábios verdadeiros” (PLATÃO, 2000, p. 120-121; 35)

Tanto a euforia de Thoth com sua invenção quanto à preocupação do rei se apresentam como duas realidades possíveis. A escrita tem dessa mistura mágica, que pode ser entendida pela palavra grega *pharmakón*, significando tanto remédio quanto veneno. As novas tecnologias também bebem dessa porção, potencializando o duplo significado, visto a possibilidade de tanto ser vista como um engenho do pensamento quanto mera ferramenta de consumo de ideias e aparência de sabedoria. Homens ignorantes, como afirma o rei no diálogo de Fedro, a partir de uma grande soma de informações, podem se portar como homens de saber.

Pierre Lévy utiliza-se do termo *pharmakón*, justamente para se referir à inteligência coletiva, que é a forma como as pessoas compartilham seus pensamentos e trocam informações através de recursos mecânicos, como a internet. Para ele,

Novo *pharmakon*, a inteligência coletiva que favorece a cibercultura é ao mesmo tempo um *veneno* para aqueles que dela não participam (e ninguém pode participar completamente dela, de tão vasta e multiforme que é) e um *remédio* para aqueles que mergulham em seus turbilhões e conseguem controlar a própria deriva no meio de suas correntes (LÉVY, 2003, p. 30).

A *wikipédia*, por exemplo, é um forte exemplo de modelo de colaboração coletiva na internet, pois conta com um conjunto de editores, todos voluntários,

empenhados na publicação e edição de várias temáticas. Para que se atinja um nível de colaboração como essa, certamente algumas imaturidades precisam ser superadas. Empenhar-se na divulgação de informações temáticas exige uma predisposição à leitura, à criticidade das fontes de pesquisa, à construção e organização lógicas das ideias. Aspectos que não são facilmente encontrados nas falas e atividades de nossos estudantes do ensino médio.

Paralelo ao uso das tecnologias continua predominante algumas imaturidades por parte dos estudantes que devem ser discutidas e que talvez a tecnologia as tenha exacerbado. Segundo Elizabeth Teixeira, os estudantes chegam ao ensino médio e avançam para as universidades com três tipos de imaturidades: cultural (falta de leitura), lógica (fragmentação de ideias) e a psicológica (falta de discernimento ou capacidade de escolha).

Um jovem que tem disponível a sua frente um computador conectado à internet, de onde pode ter acesso a uma infinidade de conteúdos e informações sobre os mais variados assuntos, ainda se apresenta em sala de aula imaturo culturalmente. Algo que pode ser visto quando se solicita a elaboração de um texto sobre determinado tema ou na resolução de uma questão descritiva a partir dos conteúdos discutidos durante as aulas. Os estudantes, de acordo com a aplicação do questionário, passam horas usufruindo de jogos online e gratuitos. Certamente muitos desses jogos podem contribuir para o raciocínio lógico, mas muitos de nossos estudantes são incapazes de compreender um enunciado de uma questão ou interpretar um texto. Como compreender o pensamento de um filósofo e estudar Filosofia se há pouco interesse pela leitura, entendida em nossos dias como fundamental para o processo de interpretação e compreensão de um texto, por mais básico que seja?

O estudante que não lê um livro físico terá *disposição* para ler um livro virtual? Ao ligar um computador ele se depara com uma gama de entretenimento e interatividade que podem se apresentar como bem mais lúdica e mais prazerosa que a leitura de um livro que precisaria ler. Como chegar ao discernimento e ser capaz de fazer escolhas conscientes em meio a tantos apelos para a saída do homem de si mesmo, que o impede do retorno a casa, não por motivo de solipsismo, mas para que tenha as condições de digerir o que viu lá fora? Se a dialética da *saída* e do *retorno* é fundamental nessa elaboração de um pensamento autônomo e crítico, bem como para o conhecimento de si mesmo, essa fuga de casa - laboratório

privilegiável do saber - apresenta perigos. Escolhas conscientes só são possíveis a partir da autonomia do sujeito frente às constantes informações que recebe.

Uma inteligência coletiva se estabelece, e cada um pode, a seu modo, não só ter acesso aos conteúdos compartilhados, embora ainda existam restrições por se tratar de sistemas privados, pois existem os “donos” da internet, mas também interagir com as publicações e compartilhar, como exercício da subjetividade, suas próprias ideias e pensamentos. E se o ser humano, como afirmou Sartre, está condenado a ser livre (SARTRE, 2012, p. 19), e se liberdade implica escolhas, as tecnologias sempre serão um *pharmakón*: veneno ou remédio.

2.7 O ensino de Filosofia e sua condição política no terreno da educação.

Cada vez mais é delegada às escolas atribuições antes restritas a família ou a outros setores e profissões exercidas na sociedade. A lógica do sistema capitalista propagou falácias que associam o ócio como um modo não oportuno de viver, o desperdício de tempo. Trabalhar, produzir e manter-se atualizado mesmo diante da enxurrada de informações que recebemos diariamente são apresentadas como novas *virtudes cardeais*. Mas independente de qual modo de produção esteja em vigor, educação deve continuar sendo entendida como uma forma de “*proporcionar condições de humanização, e não a supremacia da barbárie*” (GHEDIN, 2009, p. 38).

A educação não pode ser fruto de interesses pautados na troca de favores entre as práticas ilegais e imorais de representantes políticos e das empresas privadas, que costumam faturar milhões enquanto as escolas públicas se contentam com as poucas migalhas a elas destinadas aos sujeitos delas dependentes. Por isso, no terreno da educação como espaço de fecundação cultural dos sujeitos, e de modo privilegiado, no ensino de Filosofia, as escolas, afirma Desiderio Murcho,

[...] Devem ser centros vivos de estudo, centros de vida cultural, centros de transmissão e produção de conhecimento. As escolas devem assumir-se como pólos culturais fundamentais, e mostrar uma alternativa à cultura de realejo e do foguete, ao discurso para a televisão e sobre a televisão, e mostrar alternativas: as discussões das grandes ideias filosóficas, científicas, artísticas, históricas e religiosas. Mostrar que discutir ideias, expandir o nosso conhecimento, alargar nossa compreensão, não são apenas atividades compensadoras em si, mas também elementos fundamentais para que uma sociedade seja capaz de vencer desafios com

ideias novas e criativas, com soluções imaginativas e inteligentes. Este é o papel original das escolas (MURCHO, 2002, p. 15).

Modernizar as tecnologias e as práticas escolares não significa *modernizar* também os princípios escatológicos da educação, que é a formação crítica do sujeito, para que possa exercer sua cidadania de forma mais consciente. Nesse sentido, segundo Evandro Ghedin,

o ensino de Filosofia no espaço escolar, além de ter o encargo de oferecer ao educando um referencial da cultura produzida pela disciplina em sua tradição histórica, deve propor-lhe uma formação ético-política que lhe possibilite compreender significativamente as relações de poder presentes na sociedade atual e sua responsabilidade ética na humanização dessa sociedade (GEDHIN, 2009, p. 38).

Por outro lado, para que o ensino de Filosofia alcance seus objetivos faz-se necessário também se questionar sobre *“qual modelo de cidadão queremos formar na escola?”* (GEDHIN, 2009, p. 25). Se atentarmos para as novas reformas propostas pelo Ministério da Educação, com a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de onde também, de algum modo, se baseia a Reforma do Ensino Médio, a educação integral do ser humano corre o risco de ser fragmentada e fragilizada. Apenas as disciplinas de português, matemática e inglês se tornarão obrigatórias. Isso exclui da formação do sujeito os aspectos históricos, artísticos, sociológicos, bem como os conhecimentos da área da física, química, etc.

Recentemente tivemos a renúncia de Cesar Callegari - sociólogo, especialista em gestão de políticas, programas e instituições públicas nos setores de educação, cultura, ciência e tecnologia - do cargo de presidência da BNCC. Numa entrevista publicada na Carta Capital, o especialista não descarta a necessidade de se pensar uma Base, mas explica que há outros desafios que precisam ser superados para que tenhamos uma educação de qualidade, e que não são minimizados pelas gestões governamentais. Pelo contrário, são os principais responsáveis pela precariedade do sistema de ensino:

Há ainda outro conjunto de condições relacionadas à infraestrutura das escolas, que devem ter salas de aulas menos lotadas, equipamentos como laboratórios, internet banda larga, ou seja, uma série de elementos que muitas unidades infelizmente não têm. Precisamos investir mais e melhor em educação no Brasil. Além de estarmos muitos anos atrás dos investimentos necessários em educação, lamentavelmente, a meta do Plano Nacional de Educação que prevê investimento da ordem de 10% do PIB ao longo da trajetória de dez anos está sendo meticulosamente

enterrada pelo atual governo, já que a lei do teto de gastos é um fator de limitação de investimentos no âmbito federal para a educação do País (BASÍLIO, 2018).

O que podemos identificar a partir dessas reformas é uma tentativa de quantificar o ensino, por meio de uma pedagogia baseada em números. Ao mesmo tempo transformar os sujeitos escolares em estoque de mão de obra barata para servir de fermento do capital, que é destinado a outros interesses, menos os de formar pessoas capacitadas para dialogar com as ideologias predominantes, contribuir e participar das decisões do país, definindo também assim seus próprios destinos enquanto sujeitos históricos e livres.

Como nossos estudantes podem refletir sobre suas escolhas e seu futuro sem uma reflexão histórica e sociológica da sociedade em que vivem? Abortar mais uma vez o ensino de Filosofia, como noutros períodos na história do Brasil, continua sendo uma prática de silenciar as vozes provenientes da atividade reflexiva do pensamento que busca entender e compreender a realidade. Os discursos ideológicos voltados para a mera produtividade são postos de tal forma que muitos acabam por se deixar influenciar pela ideia de privatização dos sistemas econômicos e das redes públicas de assistência social, como sinônimo de melhoria para o crescimento econômico [ao desafogar o Estado]. Mas para que todo este projeto acontece é preciso, antes, pensar em um sistema educacional que privatize também o próprio uso da razão. As reformas propostas para o ensino médio parecem ter muito dessa preocupação com o monopólio e privatização do conhecimento.

Como tomar decisões autônomas e éticas sem o livre exercício da liberdade do pensamento? Para que uma grande parcela da sociedade se mantenha na condição cega de extrema passividade, os meios de comunicação e informação ligados aos governos/as empresas desenvolvem um trabalho árduo. Trabalho este que não se reduz apenas ao poder exercido pela burguesia, e que é apoiada pelo Estado Capitalista. A exclusão do saber pode ser aplicada também no chão das fábricas, nas relações entre patrões e empregados. Como afirma Miguel Gonzales Arroyo,

As classes subalternas não são dominadas só porque a classe dirigente se apropriou do saber escolar. A exclusão do saber, sofrida pelo povo, não é fundamentalmente um problema de negação do saber escolar elementar para melhor ser dominado. A hegemonia nasce na fábrica e a luta pelo

saber se insere nas próprias relações sociais de produção, passando pelo campo político. (ARROYO, 1987)

Uma educação de qualidade deve ter como um de seus objetivos a contribuição para inverter a lógica do sistema, fazendo com que os sujeitos escolares façam uso privado da razão e não sejam anestesiados pelo canto da sereia dos meios de comunicação ligados aos interesses de manipulação das informações. Sendo remédio ou veneno, o importante é que as novas tecnologias da informação e comunicação podem nos oferecer maiores confrontos de opiniões e reflexão sobre as ações exercidas na pólis contemporânea. Então é preciso que o ensino de Filosofia, mediadas ou não pelas tecnologias, possam, como diz Kant, possibilitar uma superação da “*covardia e da preguiça*” (MARÇAL, 2009), dos sujeitos pertencentes a escola, e que assim possam também abandonar a condição de *tutelados*, exercendo o uso público da razão.

A privatização da razão ocorre de forma lenta e camuflada. Os padrões sociais produzem no consciente a falsa convicção de liberdade e, conseqüentemente, de felicidade. Os padrões de beleza, as propagandas enganosas, dados de pesquisa inventados, sensacionalismos televisivos e etc, sufocam a capacidade de autocrítica e de reflexão. O que é dito ser pensamento autônomo é mera reprodução da indústria cultural do conhecimento. E como pensar foi sempre visto como uma ameaça, essa arma não deve estar acessível a todos. Assim o exercício do filosofar como meio para alcançar o esclarecimento torna-se um infortúnio para aquele que está na posição de tutor. Pois, para que o fazendeiro tenha lucro o gado doméstico deve acreditar que a cerca é uma proteção e não limitação da liberdade de escolha e de esclarecimento, como diz Kant:

Após terem emburrecido seu gado doméstico e cuidadosamente impedido que essas dóceis criaturas pudessem dar um único passo fora do andador, mostram-lhes em seguida o perigo que paira sobre elas, caso procurem andar por própria conta e risco (MARÇAL, 2009).

Levando em conta os desafios e a complexidade que o mundo contemporâneo apresenta aos jovens estudantes o ensino de Filosofia pode ajudá-los a vivenciar o estranhamento e o espanto ante a nova realidade que lhes cerca. Que eles sejam capazes de filosofar, dialogar com a história da Filosofia, mas que não vejam o ensino de Filosofia como mera transmissão de conteúdos e, sim, que

percebam neles a oportunidade de traçarem um caminho para *problematizar, investigar, compreender e criar* outras realidades.

3 TECNOLOGIAS: DIMENSÕES EPISTEMOLÓGICAS

3.1 A filosofia da tecnologia e a técnica da filosofia

Existe algum imperativo que nos possibilita acreditar num futuro promissor no campo ético, social, político e, de modo especial, no campo educacional? O imperativo tecnológico está posto. Será ele a profecia e a marca da contemporaneidade, que nos ajudará a erguer o *cajado* e atravessar o *mar vermelho* de nossas angústias, incertezas, desafios e problemas? Certamente que o poder atribuído às tecnologias pelos tecnófilos de plantão necessita passar pela *liturgia* da criticidade. Mudar é uma necessidade humana para seguir em direção ao novo, abrir e descobrir novos caminhos, alargar o leque cultural, promover inventividade e transformar o espaço social em que vive. As tecnologias em muito contribuíram nessa mudança, a tal ponto de ser confundida com a própria evolução social do homem, como afirma Keski:

A evolução social do homem confunde-se com as tecnologias desenvolvidas e empregadas em cada época. Diferentes períodos da história da humanidade são historicamente reconhecidas pelo avanço tecnológico correspondente. As idades da pedra, do ferro e do ouro, por exemplo, correspondem ao momento histórico-social em que foram criadas “novas tecnologias” para o aproveitamento desses recursos da natureza, de forma a garantir melhor qualidade de vida (KESNKI, 2011, p. 21).

Mas uma mudança tão radical como a engendrada pelas novas tecnologias na contemporaneidade precisa de certo distanciamento para avaliar de forma mais detalhada as vozes dos *anjos* e dos *demônios* que costumam sussurrar em nossos ouvidos como deve ser nossa recepção tecnológica e quais caminhos devemos seguir. Não podemos cair na distração consumista de enxergar a evolução tecnológica apenas como simples uso dos novos equipamentos e produtos ofertados no mercado, como, por exemplo, a praticidade que um forno micro-ondas trouxe para nossa vida agitada e sem tempo. É preciso entender, continua Kenski, que,

A evolução tecnológica não se restringe apenas aos novos usos de determinados equipamentos e produtos. Ela altera comportamentos. A ampliação e a banalização do uso de determinada tecnologia impõe-se à cultura existente e transformam não apenas o comportamento individual, mas o de todo o grupo social. A descoberta da roda, por exemplo, transformou radicalmente as formas de deslocamento, redefiniu a produção,

a comercialização e a estocagem de produtos e deu origem a inúmeras outras descobertas.

A economia, a política e a divisão social do trabalho refletem os usos que os homens fazem das tecnologias que estão na base do sistema produtivo em diferentes épocas. O homem transita culturalmente mediado pelas tecnologias que lhe são contemporâneas. Elas transformam sua maneira de pensar, sentir, agir (KESNSKI, 2011, p. 21).

O advento das novas tecnologias potencializa o abalo de nossas antigas certezas, desconstrói conceitos como os de verdade e de conhecimento preestabelecidos e apaga a linha que separa o real do virtual – basta pensarmos nos relacionamentos puramente virtuais que algumas pessoas incorporam em seus modos de vida e a compreensão da realidade. Já faz algum tempo que as águas sobre as quais nossas embarcações se mantinham seguras vem sendo agitadas por fortes ondas provocadas pelos ventos tecnológicos. Frente a isso, nossa primeira atitude é a da saída do comodismo que nos instalamos e procuramos analisar com mais cuidado esses novos fenômenos.

Toda mudança que afete nossa confortável e cômoda rotina causa, é claro, estranheza. Mas estranheza, espanto, admiração e dúvida são princípios filosóficos indispensáveis para uma iniciação à Filosofia. De repente você chega à casa a noite, aperta o interruptor e tudo está fora do lugar. Alguns móveis foram trocados por outros mais novos. Outras mudanças também aconteceram na pintura e na estrutura interna. O primeiro impacto pode ser provocado pela dúvida de ter entrado realmente na casa certa. A depender das condições da mudança e dos modos de encará-la, as próximas sensações podem ser de tristeza e rejeição ou de admiração e acolhimento. Independente da alternativa o novo sempre traz desafios a serem encarados. Aí é necessário reorganizar os mapas geográficos das ideias e refletir sobre esse novo espaço recém inserido.

Como pensar esse novo cenário epistemológico, social, ético e político, construído de softwares, pixels, códigos, informações? Como acolher estas novas tecnologias? Uma filosofia das tecnologias nos permite perceber que ela sempre esteve diretamente relacionada com a história do ser, com a interação do homem com o mundo e como auxílio às novas descobertas. E a técnica da filosofia deve ser justamente a de investigar o real, instaurar a crise pela força do pensamento que tem como vocação ou devoção, segundo o filósofo alemão Heidegger, em “A questão da Técnica”, o questionamento (2007, p.36).

Os donos dos discursos midiáticos, ainda mais com a proliferação de cursos à distância, têm enfatizado a importância da tecnologia na área da educação. Julga-se haver mais autonomia, mais interatividade, esforço cognitivo e, conseqüentemente, melhor aprendizagem. Quanto aos comportamentos dos alunos notamos que é patente a necessidade de estarem sempre conectados ou distraídos nos aplicativos enquanto os professores ministram suas aulas. Seria tal comportamento um grito de socorro tecnológico as aulas vistas como algo mecanicamente sem técnica? Se partirmos da hipótese de que as tecnologias se apresentam como indispensáveis no processo atual de aprendizagem, nossas práticas escolares estão muito distante de atender ao pedido de socorro.

Mas não devemos evitar as perguntas feitas por Márcia Leite e Valter Filé:

O que é e onde está a tecnologia que faz parte do cotidiano das nossas escolas e das nossas vidas? Como tratar deste tema sem cairmos no lugar da modernidade que professa o uso das “novas tecnologias da informação e da comunicação” como condição para o futuro digno da sociedade? Entretanto, qual o sentido desta dignidade? E sociedade digna, é uma questão da/para a tecnologia dita educacional? (LEITE; FILÉ, 2002, p. 08).

Mesmo diante do imperativo tecnológico na sociedade contemporânea é preciso evitar os excessos e, como Marcia Leite e Valter Filé alertam, levantar questionamentos que possam desembaçar o para-brisa que nos possibilita olhar para frente de forma mais clara e prever que futuro nos espera. Isso significa investigar se, de fato, nessa caminhada do homem em busca do conhecimento podem as tecnologias se apresentarem como “*philía*” do saber. Mas de modo mais específico, cabe perguntar também como as tecnologias se apresentam como aliadas na melhoria do processo de aprendizagem?

Se referir às tecnologias quando se fala em processo de aprendizagem, de assimilação e obtenção de novos conhecimentos, significa também enfatizar que, na realidade de algumas escolas, elas são quase tão naturais quanto o uso técnico do caderno, do lápis e da caneta. Claro que na maioria das instituições públicas de ensino as tecnologias se apresentam como um tema ainda delicado e vivenciado apenas teoricamente. Mas se elas fazem parte do cotidiano não só dos estudantes e sim da sociedade é necessário pensar se nossas *técnicas* de ensino estão se aproximando dessa nova dinâmica de aprendizagem a partir do surgimento das

ferramentas e plataformas digitais e quais desafios trazem ao processo crítico de construção do conhecimento.

Acreditamos ser mais interessante levantar questões sobre até que ponto e como as tecnologias podem exercer um papel de mediação pedagógica de forma significativa e como educar para o uso consciente e educativo delas. Mas convém enfatizar que essa teorização necessita ser desenvolvida a partir de uma realidade empírica de aplicação e observação. Pois não basta apenas afirmar que vivemos numa cultura tecnológica e, sim, elaborar um planejamento e propostas curriculares do uso das tecnologias em sala de aula capazes de atender as exigências do processo de aprendizagem e de educação de qualidade. Isso implica enxergar as novas tecnologias como aliadas ao homem na busca pela verdade e difusão de saberes, experiências e práticas educacionais. Enfatizar essa busca significa afirmar que na era da informação há também espaço a aporia e a ausência de respostas, ou seja, que não só se consomem pensamentos, mas que também se produzem.

Não podemos nos esquecer que nem toda tecnologia necessariamente exerce função estritamente educacional. Somos nós que atribuímos ou não um sentido pedagógico ao empregarmos o uso de determinado equipamento nos espaços escolares, como um computador, por exemplo, para fins pedagógicos de ensino e aprendizagem. Como afirma Paulo G. Cysneiros:

O computador pode ser várias tecnologias educacionais, mas também uma tecnologia não educacional. É uma tecnologia educacional quando for parte de um *conjunto de ações* (práxis) na escola, no lar ou noutro local com o objetivo de ensinar ou aprender (digitar um texto de aula, usar um software educacional ou acessar um *site* na Internet), envolvendo uma *relação* com alguém que ensina ou com um aprendiz. No entanto, o computador não é uma tecnologia educacional quando empregado para atividades sem qualquer relação com ensino ou aprendizagem, como o controle de estoque em uma empresa. Do mesmo modo, uma máquina copiadora pode ser ou não uma tecnologia educacional¹⁰.

Pensamos que com uma maior quantidade de ferramentas para as nossas intervenções e mediações educativas há grandes ganhos. Mas diante dessa realidade tecnológica de possibilidades e desafios, principalmente no que tange a construção e difusão do conhecimento, a técnica da Filosofia continua sendo a de, por meio do exercício exaustivo da racionalidade, não deixar o humano alheio às

¹⁰ CYSNEIROS, Paulo G. **Novas tecnologias no cotidiano da escola**. Texto de apoio para o curso oferecido na 23ª Reunião Anual da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação), Caxambu, MG, Brasil, 24 a 28 de Setembro de 2000. Disponível em <http://www.anped.org.br>.

transformações e mudanças que vem ocorrendo ao seu redor, nem desprovido de ferramentas adequadas para dialogar com a sua cultura, fundamentar suas opiniões e ideias.

Não por acaso que a pergunta *como ensinar filosofia* continua ecoando no espaço escolar, e de forma mais urgente frente aos constantes anseios e apelos tecnológicos. Uma filosofia da tecnologia ou das influências tecnológicas nos incita a vários e constantes questionamentos. Como promover o reconhecimento da ignorância àqueles que se acham certificados de mais alto conhecimento? Como incentivar o gozo pela busca num terreno onde tudo é dado e disponibilizado em rede? Como predispor os jovens estudantes à reflexão, ao filosofar “*quando o mínimo se faz presente*”, como afirma Paulo Reyes:

A cultura das mídias exige um tipo de formato de informação que não está mais pautado na extensão, tampouco na continuidade lógica do argumento. É como se não fosse mais necessário que as coisas tivessem um início, um meio e um fim. Assim, a informação se apresenta, na atual modernidade, de maneira fragmentada. O fragmento tem por característica o mínimo (REYES, 2005, p. 31).

Tal fragmento se torna bem evidente quando se faz uma rápida passeada pelas redes de relacionamento e interatividade como o Twitter, Facebook, Instagram e etc. A quantidade de memes que circulam por essas redes é enorme. São imagens, frases, hashtag, gifs, entre outros que representam certa fragilidade e fragmentação de ideias. São limitadores, “slogans”, propagandas baratas sobre o que é conhecimento. Se fossem utilizadas apenas para o campo do divertimento a sua valia se torna visível, mas, como sabemos, tais dispositivos determinam a vida e o futuro até mesmo de uma nação [os exemplos das eleições nos EUA e Brasil dos últimos anos é o suficiente para expormos o problema].

Quando o homem faz uso de um suporte técnico como os óculos ou um marca-passo, o faz em nome da boa visão e o de manter a boa continuidade dos batimentos cardíacos. Então é preciso que as tecnologias da educação sejam acolhidas – por parte das escolas e dos estudantes – como alternativas para melhorar nossos critérios, práticas e métodos de investigação da realidade, de problematização do mundo, da incessante busca pela verdade.

Vários relatos históricos mostram que a humanidade costuma utilizar de inúmeros artifícios tecnológicos e técnicos. Esse uso tinha como escopo o melhor

desempenho e aprimoramento de suas atividades e satisfação de suas necessidades. Aprenderam-se desde os primórdios a se relacionar de forma produtiva com as técnicas, porque as novas tecnologias são vistas como algo nocivo às relações humanas e ao saber?

Em sala de aula, por exemplo, na Era das tecnologias da informação, o professor tende a ter diante de si não mais um sujeito passivo, meramente ouvinte e acolhedor da *boa nova*. Os meios de comunicação gestam nos estudantes a sensação plena de liberdade e de poder de escolha. A internet fez surgir uma nova *ágora*, um novo espaço de expressão da democracia participativa e direta, ao menos quanto a possibilidade de cada um contribuir para as decisões e discussões coletivas sobre pontos menos ou muito importantes.

Como afirma, Reyes,

A escolha passa a ser o “carro-chefe” dessa nova cultura. Estamos frente a um universo de informação cada vez mais fragmentado e diversificado, totalmente disponível ao meu desejo. Escolho aquilo que me é caro, aquilo que faz parte do meu desejo. Essa possibilidade de múltipla escolha está sendo potencializada pela lógica das redes, pois não necessito esperar a informação chegar. Posso acionar a rede de qualquer lugar (REYES, 2005, p.31-32).

O estudante tem a sua disposição uma infinidade de informações que, se bem refletidas por ele, podem pressionar contra o quadro (ainda negro e com giz) o professor acomodado e desatualizado. O que e como ensinar diante desta nova configuração do espaço escolar?

Toda esta novidade vem ocasionando inúmeros debates, como vimos anteriormente, entre os “tecnófilos” e “tecnofóbicos” que discutem sobre o assunto. Quão diversas são as ferramentas e tecnologias digitais são as opiniões referentes a elas. O fato é que as tecnologias possibilitaram uma rápida mudança no modo como o homem deve encarar a realidade e da própria noção de realidade. Assim, a investigação do próprio objeto tecnológico pode contribuir na *aproximação* do homem à verdade. Como afirma o filósofo Pierre Levy,

Quanto valeria um pensamento que nunca fosse transformado por seu objeto? Talvez escutando as coisas, os sonhos que as precedem, os delicados mecanismos que as animam, as utopias que elas trazem atrás de si, possamos aproximar-nos ao mesmo tempo dos seres que as produzem, usam e trocam, tecendo assim o coletivo misto, impuro, sujeito-objeto que forma o meio e a condição de possibilidade de toda comunicação e pensamento (LEVY, 2004, p. 11).

Por trás dessas novas ferramentas de organização e produção de saberes está o homem, projetando sonhos, alimentando utopias e nutrindo também distopias, tecendo relações, armazenando uma maior quantidade de dados de suas pesquisas e de suas angústias devido à expansão virtual da memória e de uma maior e mais rápida capacidade de acesso às novas informações e conhecimentos advindos dos mais variados universos culturais disponibilizados para consulta ou em tempo real por meio da disposição informativa dos sujeitos conectados na rede virtual.

3.2 A virtualização dos saberes

Para Pierre Lévy, dizer que os saberes estão sendo *virtualizados* está longe de ser encarado como algo irreal ou superficial, como é visto no uso corrente pelas pessoas, até mesmo entre os profissionais do ensino:

[...] o virtual, rigorosamente definido, tem somente uma pequena afinidade com o falso, o ilusório ou o imaginário. Trata-se, ao contrário, de um modo de ser fecundo e poderoso, que põe em jogo processos de criação, abre futuros, perfura poços de sentido sob a plenitude da presença física imediata (LÉVY, 2001, p. 12).

Por um viés otimista o virtual é encarado como uma extensão do real, e não uma oposição, se, é claro, compreendermos o conceito de virtual como potência, aquilo que existe em sua imaterialidade. Basta lembrarmos a distinção feita pelo filósofo estagirita Aristóteles entre ato e potência, ao qual o termo virtual remete. Na *Metafísica*, Aristóteles diz o seguinte: “o que não tem potência de ser não pode existir em parte alguma, enquanto tudo o que tem potência pode também não existir em ato. Portanto, o que tem potência para ser pode ser e também pode não ser: a mesma coisa tem possibilidade de ser e de não ser” (ARISTÓTELES, 2005, 1050B).

Pierre Lévy, explica o conceito de virtual:

A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado, no entanto, à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente presente na semente. (LÉVY, 2001, p. 15).

O conhecimento está *virtualmente* presente nas informações compartilhadas em rede, pela cibercultura? Ou seja, qual a *potencialidade* da internet e das mídias

digitais de modo geral, na relação do homem com o conhecimento? Virtual e real tem se tornado, atualmente, uma das principais problemáticas da filosofia, como afirma Kolb:

A determinação relacional entre as realidades virtual e real consiste em um dos problemas centrais da filosofia, da filosofia da mídia e da ciência em geral. Para muitos, a realidade virtual cada vez mais toma o lugar da realidade real; e não são poucos os que creem que a realidade virtual já se tornou a realidade única, a força, o poder, a chance e a esperança da ciência, da humanidade e do futuro (KOLB, 2001, p. 11).

Assim, no que rege a busca do homem pelo conhecimento, o que precisamos investigar é se esse universo digital, as tecnologias da informação e comunicação que propicia, segundo Pierre Lévy, a inteligência coletiva, conduz o homem ao *ato* do conhecimento ou se mantém apenas enquanto *potencialidade*, ou seja, na virtualização. Como o conhecimento se atualiza a partir das mídias digitais? A fome de pão pode não ser saciada se as sementes, que potencialmente podem gerar frutos, caírem em mãos preguiçosas. Assim também, a informação pode não ser transformada em conhecimento se não for acompanhada pelo movimento que leva ao *ato do conhecimento*. Seria o fim do movimento do pensamento? Segundo Felipe, Paula e Sérgio, “vivemos em uma sociedade na qual o espaço para a reprodução é infinitamente mais amplo que o espaço para a criação e, infelizmente, a escola não foge a esse estado de coisas” (CEPPAS; OLIVEIRA; SARDI, 2009, p. 45). Segundo Umberto Eco, o excesso de informação pode se apresentar pior do que a falta, embora *falta* e *excesso* sejam dois extremos, segundo a lógica do meio-termo na ética aristotélica. Diz Eco:

A internet ainda é um mundo selvagem e perigoso. Tudo surge lá sem hierarquia. A imensa quantidade de coisas que circula é pior que a falta de informação. O excesso de informação provoca a amnésia. Informação demais faz mal. Quando não lembramos o que aprendemos, ficamos parecidos com animais. Conhecer é cortar, é selecionar. (GIRON, 2012).

A dificuldade está justamente aí, em saber selecionar aquilo que é importante, cortar aquilo que nos amarra na mediocridade intelectual, paralisa nossa tomada de decisões conscientes e livres. Segundo o psiquiatra Mário Louzã apud Luciana Maral,

A informação tem que ser metabolizada para se tornar conhecimento. Tem de haver um filtro. Nosso sistema de memória a arquiva conforme a importância, diz. Ele explica que toda atitude implica em uma análise e a tomada de uma conduta adequada perante os dados que se tem. Se o cérebro encontrar dificuldade nesse processo, a pessoa fica paralisada. O que faz com que a gente decida é a relevância das informações (AMARAL, 2015).

A virtualização dos saberes pode contribuir no estreitamento entre a *alétheia*, que significa aquilo que se mostra aos olhos do corpo e do espírito, que não está oculto, não dissimulado, por isso verdadeiro, e o *pseudos*, ou seja, o falso, escondido e encoberto, que parece ser, que se apresenta como não dissimulado, mas que não é como parece. (LIMA, s/d).

Mas se fazem necessários, no tocante ao ensino de filosofia, uma metodologia e critérios pedagógicos claros para a *atualização* do saber, do conhecimento entendido como compreensão e transformação ativa das informações recebidas em um sentido edificante e coerente, em ações emancipadoras, capazes de posicionar criticamente os nativos digitais nessa rede frenética de informações. Assim *domesticar* esse lado selvagem da internet e se defender contra os perigos que ela potencializa. Segundo Silveira, Teixeira e Carvalho a internet já não tem a mera função de ser uma fonte de pesquisa passiva, como uma consulta aos livros didáticos ou da própria internet antes de possibilitar espaços para interações, de interagir e colaborar na construção e compartilhamento de opiniões e informações sobre o mais variado assunto com um grupo significativo de pessoas.

O que antes era publicado virtualmente apenas com a finalidade de consulta ou pesquisa, hoje é compartilhado como um convite à interação, a colaboração e à construção. A ideia da Web 2.0 rompe paradigmas, deslocando o usuário de uma posição de simples consumidor para agente participativo, responsável e proativo na construção de conhecimento. Ambientes como pbworks, blogs, orkut, twitter, ning, facebook e outras redes sociais na web são verdadeiros convites à liberdade de expressão, à autonomia e à interação. Esses ambientes tem em suas características muito mais que entretenimento, pois possibilita a exposição de ideias, conceitos e pensamentos, resultantes das intervenções de diversos exploradores online (SILVEIRA; TEIXEIRA; CARVALHO, 2009, p. 01).

A influência das redes sociais na formação de opinião e na capacidade de mobilizar os grupos de diferentes vertentes é algo extremamente relevante, independente da legitimidade dos eventos. Vimos em 2018, o presidente do Brasil, ser eleito tendo como principal forma de propaganda eleitoral e conversa com seus simpatizantes nas redes sociais. Justamente pela rapidez e acessibilidade da

informação. Como bem lembra Ana Raquel Abelha Cavenaghi e Richard Gonçalves André, num artigo sobre a virtualização publicado na Revista História Hoje:

[...] As redes sociais e os blogs têm demonstrado, de diferentes formas, certo poder de mobilização social mais ou menos inesperado pelos observadores contemporâneos: basta lembrar o papel desempenhado pelos usuários em mecanismos como o Facebook, o Twitter e os blogs nas manifestações que perpassaram diferentes cidades brasileiras em 2013, isso para não falar de fenômenos como os chamados “rolezinhos”, em que são agendados encontros em massa em certas localidades, como shoppings. O que está em jogo aqui não é a legitimidade dos eventos, mas o poder de mobilização das redes sociais, sem as quais, talvez, a dimensão desses movimentos seria impensável (CAVENAGHI; ANDRÉ, 2014, p. 159).

O caminho para o *esclarecimento*, a *musculatura* intelectual, a formação sólida das opiniões e ideias não se restringe a maior acessibilidade, rapidez e agilidade de informações. Continua Ana Raquel e Richard Gonçalves André:

Apesar da velocidade na circulação das informações, cabe questionar as relações entre dinamicidade de leitura e construção do conhecimento. Malgrado o poder de mobilização das redes sociais no tocante aos fenômenos sociais contemporâneos, isso não necessariamente se correlaciona à reflexão e à maturação das ideias, transformando-as em conhecimentos mais elaborados. (CAVENAGHI; ANDRÉ, 2014, p. 159).

Nesta era da informática em que vivemos, onde somos bombardeados cotidianamente por várias informações e que mudam o tempo todo, o pensamento facilmente pode se perder nessa correnteza, não criar raízes firmes e fortes o suficiente para dar frutos que alimente a reflexão.

3.3O sujeito epistêmico

Segundo Anton Kolbe as novas tecnologias da comunicação e informação divide a sociedade em dois grupos distintos. Como se anjos e demônios invadissem nossos ambientes de trabalho, espaços escolares, relacionamentos:

Hoje em dia, as noções sobre o sentido ou contra-senso, sobre o benefício ou malefício trazido pelo computador, pela internet e pela realidade virtual dividem as pessoas em dois grupos, ou duas classes: otimistas e pessimistas. Há um abismo que hoje parece insuperável. A discussão gira em torno de chances e perigos, medos e esperanças, felicidade e infelicidade, compreensão e recusa, aceitação e rejeição, fascinação e frustração, entusiasmo e repúdio, sonhos e pesadelos, essência e

aparência, luz e trevas, euforia e demonização, apoteose e apocalipse, céu e inferno. Alguns vêem a internet com simpatia, outros a consideram pérfida. Precisamos procurar, e encontrar, um caminho intermediário entre essas duas posições extremas. [...] Otimistas argumentam: com o computador o reino dos céus vem à terra. [...] Pessimistas crêem que o computador é o começo do fim (KOLB, 2001, p.9-10).

Mas se a internet pode propiciar essa dupla realidade então ela é neutra (embora, mesmo sem oficialidade, possamos falar em donos da internet, como os EUA, que tem controle majoritário dos servidores e dos endereços www) (FEIJÓ, 2005). *Neutra* ao menos em relação a influência que ela pode exercer sobre seus usuários que podem ser mais que meros consumidores passivos, acéfalos, alienados. Depende exclusivamente de qual direção seguirmos. Como afirma Pierre Lèvy referindo-se a virtualização, em sua obra o que é virtual:

Enquanto tal, a virtualização não é nem boa, nem má, nem neutra. Ela se apresenta como o movimento mesmo do 'devir outro' – ou heterogênese – do humano. Antes de temê-la, condená-la ou lançar-se às cegas a ela, proponho que se faça o esforço de aprender, de pensar, de compreender em toda a sua amplitude a virtualização (LÉVY, 2001, p.11).

Para aqueles que nasceram junto com os computadores, e mais ainda com a efervescência cibernética, também chamados de nativos digitais, há pouca negatividade quando julgam esse advento das novas tecnologias nos modos de fazer e de ser da sociedade atual. É que, ainda segundo Kolb, “a propósito, o uso dos computadores, e seu julgamento é muitas vezes uma questão de faixa etária. Os jovens já crescem com os computadores” (KOLB, 1996, p. 09). Nesta gigante onda digital que estamos vendo crescer no mar agitado da pós-modernidade o que preocupa - ao menos em termos epistemológicos - não é a morte do livro físico (como temia o filósofo e escritor italiano Umberto Eco) e sim a “morte do pensamento”. A internet e as novas tecnologias ampliaram a praticidade no modo como temos acesso à cultura. O próprio Eco, tempos depois, em uma de suas entrevistas a Revista Época, afirmou ter usado e curtido o iPad. Em vez de carregar os 20 livros que precisava utilizar durante suas viagens pelos Estados Unidos (GIRON, 2012), e já sofrendo a maldade de Cronos que a tudo devora, como o benefício da força utilizada em seus longos anos de rica caminhada sapiencial, resolveu aderir ao universo compacto das novas tecnologias. Então o que nos motiva nessa reflexão sobre a internet e o uso das tecnologias digitais é a forma como deixamos que se insira em nossa busca e construção cotidiana de

conhecimento. Faz-se necessário uma pedagogia da filtragem, para que o excesso de informações não acarrete em amnésia, como afirma Eco:

[...] A internet é perigosa para o ignorante porque não filtra nada para ele. Ela só é boa para quem já conhece – e sabe onde está o conhecimento. A longo prazo, o resultado pedagógico será dramático. Veremos multidões de ignorantes usando a internet para as mais variadas bobagens: jogos, bate-papos e busca de notícias irrelevantes [...] Seria preciso criar uma teoria da filtragem. Uma disciplina prática, baseada na experimentação cotidiana com a internet. Fica aí uma sugestão para as universidades: elaborar uma teoria e uma ferramenta de filtragem que funcionem para o bem do conhecimento. Conhecer é filtrar. (GIRON, 2012)

As novas tecnologias não podem ser acolhidas meramente como novas formas de entretenimento, aquilo que distrai. Por isso convém perguntar com quais distrações nossos jovens estudantes canalizam a maior parte da atenção diária, quando ficam por horas na frente do computador ou do celular? Entreter-se em algo pode ser uma forma de despertar o desejo pelo saber, desde que objetivos claros sejam traçados nesse entretenimento. As novas tecnologias conectadas à internet podem tornar mais lúdica a aprendizagem e fornecer um número maior de informações sobre determinado assunto. Mas o excesso pode levar ao naufrágio da razão. Ainda mais se levarmos em conta que há um caminho longo entre informação e conhecimento. Segundo José Manoel Moran:

Há uma certa confusão entre informação e conhecimento. Temos muitos dados, muitas informações disponíveis. Na informação os dados estão organizados dentro de uma lógica, de um código, de uma estrutura determinada. Conhecer é integrar a informação no nosso referencial, no nosso paradigma, apropriando-a, tornando-a significativa para nós. O conhecimento não se passa, o conhecimento cria-se, constrói-se. Alguns alunos não aceitam facilmente essa mudança na forma de ensinar e de aprender. Estão acostumados a receber tudo pronto do professor e esperam que ele continue “dando aula”, como sinônimo de ele falar e os alunos escutarem. Alguns professores também criticam essa nova fórmula porque parece um modo de não dar aula, de ficar “brincando” de aula... (MORAN, 2000, p. 54)

Muitas pessoas, por exemplo, tem medo de serem alienadas se não estiverem *conectadas* ao que está acontecendo quando, na realidade, a própria obsessão pela *conectividade* pode resultar numa forma de alienação. Então é preciso certa maestria na arte do surfe para não ser arrastado pelas gigantes e constantes ondas de informações. Estar em posse de um número cada vez maior de informações passou a ser sinônimo de conhecimento. A razão é turvada diante dos

constantes recebimentos e alertas de novos vídeos, textos, mensagens, fofocas, Fake News que são compartilhados nos grupos de whatsapp, no *Facebook* e etc. Perdemos o foco e somos corroídos pelas distrações. É possível ficar horas e horas na frente do computador, mexendo apenas no *Facebook*, que tem infinitas formas de roubar nossa atenção para uma variedade de curiosidades e mensagens no feed de notícias, além das propagandas que nos direcionam para o acesso a outros links.

Lembrando a célebre alegoria de Platão¹¹, como podem as tecnologias nos ajudar no processo epistemológico de saída dessa caverna contemporânea, onde somos aprisionados pela tirania da velocidade, do consumo alienado, do pragmatismo cultural? Nos dias atuais quase não há espaço para uma conduta reflexiva, uma análise rigorosa das informações que são características indispensáveis ao sujeito epistêmico, aquele que busca o saber, a *epistêmê*. Essa busca ou desejo pelo saber só se torna realmente desejável quando se parte da *pedagogia da ausência* ou da *impossibilidade*, no sentido de buscar aquilo que não se tem. Na era da internet o que não há são ausências. Como lutar contra o excesso?:

A filosofia tem uma marca etimológica, em sua origem histórica, por todos conhecida: desejar ou amar (filos) o saber (sophía). Quer dizer, o filósofo busca algo que não tem (à diferença do sofista, que supunha possuir o saber). Desde Sócrates, ensinar filosofia é ensinar uma ausência (ou talvez, uma impossibilidade), (KOHAN, 2008, p. 28).

Mas esse amor pelo saber pode ser traído pelo excesso de informações, na maioria das vezes confundido com conhecimento. O impacto pode ser inevitável. Pierre Lèvy afirma que a metáfora de que há um impacto das tecnologias sobre a sociedade é inadequada. Diz ele:

Nos textos que anunciam colóquios, nos resumos dos estudos oficiais ou nos artigos da imprensa sobre o desenvolvimento da multimídia, fala-se muitas vezes em impacto das novas tecnologias da informação sobre a sociedade ou a cultura. A tecnologia seria algo comparável a um projétil (pedra, obus, míssil?) e a cultura ou a sociedade a um alvo vivo...Essa metáfora bélica é criticável em vários sentidos [...] As técnicas viriam de

¹¹ A Alegoria da caverna: A Republica, 514a-517c tradução de Lucy Magalhães. In: MARCONDES, Danilo. Textos Básicos de Filosofia: dos Présocráticos a Wittgenstein. 2a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

outro planeta, do mundo das máquinas, frio, sem emoção, estranho a toda significação e qualquer valor humano, com uma certa tradição de pensamento tende a sugerir? (LÉVY, 1999, p. 21).

Se a metáfora é adequada ou não, talvez outro termo resolva essa problemática, mas o fato é que é presenciado e sentido nas escolas os efeitos desta construção humana, no modo como os seres humanos se relacionam com as técnicas. E cabe aos professores e comunidade escolar alimentarem um ambiente de reflexão sobre esses efeitos e mensurar até que ponto as oposições ou adesões radicais afetam a formação epistemológica dos sujeitos inerentes à escola. Como afirma Kenski:

Favoráveis ou não, é chegado o momento em que nós, profissionais da educação, que temos o conhecimento e a informação como nossas matérias-primas, enfrentarmos os desafios oriundos das novas tecnologias. Esses enfrentamentos não significam a adesão incondicional ou a oposição radical ao ambiente eletrônico, mas, ao contrário, significam criticamente conhecê-los para saber de suas vantagens e desvantagens, de seus riscos e possibilidades, para transformá-los em ferramentas e parceiros em alguns momentos e dispensá-los em outros instantes (KENSKI, 2011).

Isso significa dizer também que inserir as tecnologias em sala de aula não equivale a afirmar que elas são tão indispensáveis como num centro cirúrgico, onde a vida do paciente, enquanto o médico sutura uma artéria, é garantida por auxílio de máquinas que medem a pressão, controlam os batimentos cardíacos, etc. Talvez, um dia, quem sabe não esteja muito longe, chegaremos ao ponto em que usaremos o termo *indissociável* ao falarmos em aprendizagem e tecnologias digitais. Mas há ainda muito que repensar, rever, reescrever.

4 TECNOLOGIAS: DIMENSÕES ÉTICAS

4.1 O advento da especialidade

A internet possibilitou o surgimento de sujeitos cada vez mais informados sobre os mais variados assuntos. Antes mesmo de ir à consulta médica, por exemplo, é possível pesquisar em um número alarmante de sites informações de especialistas ou leigos sobre determinada mancha que surgiu na pele ou zumbido no ouvido. Muitos até tendem a cancelar a consulta marcada e, depois de algumas informações obtidas, receitam-se o próprio medicamento. No campo jurídico, antes da contratação de um advogado, é possível tirar quase todas as dúvidas pela internet sobre determinados direitos e ações que devem ser tomadas entre as partes envolvidas numa separação matrimonial. Como bem exemplificou Rafael Kenski:

Os médicos, por exemplo, começaram a atender alguns pacientes mais informados dos detalhes da sua doença do que eles próprios. Da mesma forma, advogados tiveram que aceitar conselhos de especialistas da rede. Até os padres foram obrigados a dividir sua especialidade: nos Estados Unidos, informações religiosas são mais procuradas que os sites de leilões, de cassinos, de bancos ou de encontros (KENSKI, 2016).

É o advento da especialidade. Munidos de informações cada um se julga conhecedor e sujeito ativo nos mais variados assuntos. Estudantes passam a ser especialistas em ensino. Pacientes e leigos da medicina se transformam em excelentes clínicos gerais e assinantes da netflix se portam como críticos do cinema em suas redes sociais. Mas essa pretensa especialidade não é de toda má. Os próprios especialistas compartilham em suas redes sociais explicações sobre problemáticas relacionadas às suas áreas de atuação, respondem as dúvidas e interagem com os seus seguidores. O perigo se instaura quando o diagnóstico de um verdadeiro especialista, como um clínico geral ou um cardiologista é comparado ao leitor da Revista Saúde e Vida, saúde abril ou outro qualquer. Não pelas revistas em si, e sim pelo equívoco de confundir leitura com especialidade. Basta observarmos como vídeos caseiros de leigos falando sobre questões políticas são compartilhados e colocados no mesmo patamar de credibilidade de um cientista político. Por isso, é importante enfatizar, continua Rafael Kenski,

Democratizar a informação tem também um lado negativo. Quando todos podem escrever o que querem, cabe ao leitor apurar o que é boato ou não. “Por esse motivo, ainda existe uma busca maior pelos sites ligados à mídia tradicional”, afirma André. É possível que, no futuro, essa tendência mude. Quando isso acontecer, as pessoas entrarão em contato direto com a fonte da notícia, seja ela a crise da economia seja a fascinante vida de um cidadão desconhecido. (KENSKI, 2016)

Incensar a imagem do especialista não significa criar uma ditadura do conhecimento, da experiência e formação restrita a ele, mas evitar danos, informações falsas e alienação cultural. A especialidade científica não pode se esvair diante de aleatórias mensagens compartilhadas nas redes sociais ou sites de pesquisa. Se a internet pode potencializar ao leigo ferramentas capazes de analisar a realidade e provocar ações conscientes, muito mais pode ao especialista, como o médico, o advogado, o psicólogo, o professor que entende a necessidade de acompanhar as mudanças e velocidade da realidade que estão inseridos. Nessa realidade da mídia e da multimídia o especialista tende a não deixar se transformar naquilo que consome. Não é apenas usuário, no sentido passivo do termo, pois deve combater também os excessos, os fakenews. Bem enfatizam Felipe, Paula e Sérgio, ao abordar o conceito de Tela Total elaborado por Baudrillard:

A mídia e a multimídia bombardeiam constantemente os seus consumidores e transformam-se naquele fenômeno que Baudrillard chama de Tela Total, postada em todos os cantos e em todos os lugares, devassando a vida e até os pensamentos, e não permitindo a ninguém escapar dos seus olhares. Imerso no mundo das imagens, o ser humano torna-se uma criatura feita à semelhança do que vê, ouve, admira e adora. Pensa o que a imagem lhe faz pensar, deseja o que ela deseja, vibra, odeia, repele, ama, assimila o que a “Tela Total” lhe ordena. O seu corpo torna-se desencarnado, transforma-se em puro código, “in-formatizado” e assim ele adentra “o deserto do real” (CEPPAS, OLIVEIRA e SARDI, 2009, p. 178).

Não há dúvidas de que as novas tecnologias vêm transformando radicalmente, e para melhor, muitos setores da sociedade, como no processo de aprendizagem. Cabe a prudência de não deixar se perder nessa teia de informações disponibilizadas nas redes e que mudam rapidamente. Aproveitar conscientemente as facilidades que estas tecnologias promovem. Flexibiliza o tempo, podendo ir além do horário reservado à aprendizagem em sala de aula ou possibilita a pesquisa individual focado no interesse específico do *navegante*. Diz Valente:

A Internet ajuda a desenvolver a intuição, a flexibilidade mental, a adaptação a ritmos diferentes. A intuição, porque as informações vão sendo

descobertas por acerto e erro, por conexões "escondidas". As conexões não são lineares, vão "linkando-se" por hipertextos, textos interconectados, mas ocultos, com inúmeras possibilidades diferentes de navegação. Desenvolve a flexibilidade, porque a maior parte das sequências é imprevisível, aberta. A mesma pessoa costuma ter dificuldades em refazer a mesma navegação duas vezes. Ajuda na adaptação a ritmos diferentes: a Internet permite a pesquisa individual, em que cada aluno vai no seu próprio ritmo, e a pesquisa em grupo, em que se desenvolve a aprendizagem colaborativa" (VALENTE, 1996, p.31).

Não podemos deixar de considerar que as novas tecnologias, as mídias digitais, a internet potencializaram a comunicação, o acesso à informações de forma mais rápida e diversificada, encurtou as distâncias entre as comunidades que viviam isoladas geograficamente a partir da *virtualização do corpo*, do tempo e do espaço. Mas, por outro lado, também potencializa a intolerância, o consumismo, a alienação, a reprodução e proliferação de mensagens falsas, o racismo, o anonimato em seu aspecto negativo expresso, por exemplo, pelas práticas de cyberbullying e outros crimes cibernéticos. Por isso, o especialista da educação, num caso aqui específico do professor de filosofia, tem um encargo importantíssimo, pois

A filosofia no Ensino Médio abre boas possibilidades para a conscientização dos adolescentes sobre os mecanismos ideológicos que promovem a alienação na sociedade. Apenas a conscientização não é suficiente para a mudança desse quadro, que depende, sobretudo, de decisões políticas. Mas, no que diz respeito à política, a tomada de consciência, o espírito crítico que ela desenvolve são condição indispensável contra a manipulação dos interesses coletivos (CEPPAS, OLIVEIRA e SARDI, 2009, p. 135).

Por isso, o advento da especialidade necessita de uma profunda relação *tecno-ética* com os interesses coletivos, o bem social. Entendo como tecno-ética justamente uma preocupação ética na forma como os seres humanos se relacionam com as tecnologias, e principalmente compartilham informações que, de algum modo, pode acabar produzindo resultados indesejados, induzindo por exemplo, o consumo ou aplicação de determinado produto ou autodiagnóstico sem a devida especialização sobre o assunto.

4.2 A internet consumiu o esvaziamento das relações sociais?

Uma das marcas da contemporaneidade é a privação do sofrimento e da dor. A ordem do dia é o gozo. Mas de um gozo sem os critérios epicuristas de

racionalidade do desejo. Devido à tirania da velocidade gestada pelas tecnologias, bem como as constantes mudanças de valores, embarcamos, segundo Zygmunt Bauman numa modernidade líquida. Tudo muda com muita rapidez e de forma quase imprevisível. As relações (sejam elas com o saber ou os demais sujeitos pertencentes à comunidade) são cada vez menos duráveis. A insegurança, o individualismo, o medo, a instabilidade, o narcisismo são marcas carimbadas e liquidificam nossas bases antes solidificadas. O sujeito hiper contemporâneo se tornou um sujeito frágil, embora mais autônomo, mais livre:

O sujeito hiper contemporâneo, mais autônomo, é também mais frágil que nunca, na medida em que as obrigações e as exigências que o definem são mais vastas e mais pesadas. A liberdade, o conforto, a qualidade e a expectativa de vida não eliminam o trágico da existência; pelo contrário, tornam mais cruel a contradição (SEBASTIEN, 2004, p. 09).

Terá a internet fragmentado a condição de *sociabilidade* do homem? Seria ela sinônimo de insocial? As redes sociais, contrariando a etimologia do termo *desnaturaliza* a condição do homem de animal político, social? Segundo Pierre Lévy, as relações virtuais em quase nada diferenciam das relações físicas, olho no olho.

Quanto às relações 'virtuais', não substituem pura e simplesmente os encontros físicos, nem as viagens, que muitas vezes ajudam a preparar [...] As pessoas continuam falando-se após a escrita, mas de outra forma. As cartas de amor não impedem os amantes de se beijar. As pessoas que mais se comunicam via telefone são também aquelas que mais encontram outras pessoas. O desenvolvimento das comunidades virtuais acompanha, em geral, contatos e interações de todos os tipos. A imagem do indivíduo 'isolado em frente à sua tela' é muito mais próxima do fantasma do que da pesquisa sociológica. (LÉVY, 2003, p. 129).

As comunidades virtuais também são regidas por uma "netiqueta" (LÉVY, 2003, p. 128), que dita normas para a interatividade, o compartilhamentos e envio de mensagens, etc. Mas essa *etiqueta da net* se apresenta inconsistente, frágil, fácil de liquidificar. No mundo virtual as possibilidades para o mascaramento, o anonimato são enfatizadas. Uma amizade ou um relacionamento amoroso não precisam mais ser encarados como uma tarefa penosa, onde o esforço, a paciência, o enfrentamento da alteridade eram necessárias:

Diferentemente dos "relacionamentos reais" é fácil entrar e sair dos "relacionamentos virtuais". Em comparação com a "coisa autêntica", pesada, lenta e confusa, eles parecem inteligentes e limpos, fáceis de usar, compreender e manusear. Entrevistado a respeito da crescente

popularidade do namoro pela Internet, em detrimento dos bares para solteiros e das seções especializadas dos jornais e revistas, um jovem de 28 anos da Universidade de Bath apontou uma vantagem decisiva da relação eletrônica: “Sempre se pode apertar a tecla de deletar” (BAUMAN, 2004, p. 08).

Nessa mesma perspectiva virtual, Byung-Chul Han nos apresenta uma *sociedade do enxame*. Acertado nome para se referir a essa aglomeração de “eus”, cada um buscando para si a atenção, o olhar, os aplausos, as curtidas. Diz:

Claramente, encontramos-nos hoje, novamente em uma crise, em uma transição crítica, pela qual outra revolução, a saber, a revolução digital, parece ser responsável. Mais uma vez, uma formação dos muitos ameaça uma relação de poder e de soberania. A nova massa é o enxame digital [...] Os indivíduos que se juntam em um enxame não desenvolvem nenhum Nós. Não lhes caracteriza nenhuma consonância que leve a massa a se unir em uma massa de ação. O enxame digital, diferentemente da massa, não é em si mesmo coerente. Ele não se externa como uma voz [...] Por isso ele é percebido como barulho (HAN, 2018, p. 26-27).

No meio de tantas informações as quais somos bombardeados diariamente, o barulho é predominante. As redes sociais possibilitaram uma relação direta com um paradoxo: tanto individualiza, no sentido de facilitar a exposição das singularidades; e *mesmifica*, pois cada um é alimentado pelo mesmo desejo: a aprovação do outro. Quase não há espaço para o isolamento, a solidão necessária à reflexão, ao refúgio como uma alternativa à sociedade do espetáculo. O resultado disso tende a ser catastrófico. Basta uma breve passada pelos *feed* de notícias do *Facebook* para entender as redes sociais como uma vitrine de nossas franquezas e inseguranças, disfarçadas de força e felicidade. Continua Han: “o habitante digital da rede não se reúne. Falta a ele a interioridade da reunião que produziria um Nós. Eles formam um especial aglomerado sem reunião, uma massa (Menge) sem interioridade, sem alma ou espírito” (HAN, 2018, p. 29).

Numa aglomeração nem sempre os interesses e objetivos são hegemônicos, coerentes. Certo grau de dissonância inflama a aglomeração a se manter entretida na satisfação, cada um, de si mesmo. Sobra pouco espaço para o nós. As relações se tornam superficiais. As redes sociais tem se transformado numa armadilha eficiente no aprisionamento do homem para fora de si mesmo. O pedido messiânico, por exemplo, de quando *dar esmola* não tocar a trombeta faz cada vez menos sentido nesse mundo onde os holofotes sugam nossa atenção. Devido a isso presenciamos o culto ao efêmero. O ego se afoga no lago narcisista da moda, na

busca pela beleza ideal e pela felicidade, significando uma vida sem sofrimento, livre da decepção e do esforço. Na corrida pelo prazer e desempenho em realizar-se frente à lógica capitalista, o sujeito se auto-explora acreditando gozar da liberdade. Como diz Han,

Assim, é possível, hoje, uma exploração sem dominação. O sujeito econômico neoliberal não forma nenhum “Nós” capaz de um agir conjunto. A egotização crescente e a atomização da sociedade leva a que os espaços para o agir conjunto encolham radicalmente e impede, assim, a formação de um contrapoder que pudesse efetivamente em questão a ordem capitalista. O *socius* [“social”] dá lugar ao *solus* [“sozinho”]. Não a multidão, mas sim a *solidão* caracteriza a constituição social atual (HAN, 2018, p. 33).

Decepção é justamente a marca dessa sociedade atual, como bem descreve o filósofo francês, Gilles Lepovetsky, em seu livro “A Sociedade da Decepção”:

Aonde leva a escalada consumista? O que faz com que o neoconsumidor esteja eternamente correndo? Será, em última análise, a pressão da oferta, do marketing e da publicidade? Isso não explica tudo. Não se poderia compreender o ímpeto presente no comprador compulsivo sem relacioná-lo com o dinamismo dos valores hedonistas de nossa cultura, e também com o aumento do nosso mal-estar, com os numerosos fracassos enfrentados na vida pessoal. O hiperconsumismo desenvolve-se com um substituto da vida que almejamos, funciona como um paliativo para os desejos não-realizados de cada pessoa. Quanto mais se avolumam os dissabores, os percalços e as frustrações da vida privada, mais a febre consumista irrompe a título de lenitivo, de satisfação compensatória, como um expediente para “reerguer a mora”. Em razão disso, pressagia-se um longo porvir para a febre consumista (LEPOVETSKY, 2007, p. 30).

A lógica capitalista precisa ser elaborada de proposições construídas por meio de pessoas insatisfeitas com a própria aparência e do consumo como garantia de felicidade. O prazer imediato passa a ser o carro-chefe de ações e busca pela felicidade. Que resultado esperar? Decepções em massa, ausência de convicções fortes, obsessão pela novidade, enfraquecimento das relações, depressão, dependências e vício tecnológico, onde a vida privada se esboroa e se confunde com a vida pública, virtual.

4.3 Imperativo Tecnológico

Qualquer análise sobre o homem será sempre provisória e incerta, visto se tratar de um sujeito dotado de intencionalidade e capacidade de intervir no próprio

futuro. Nossas reflexões ainda se apresentam incipientes, por exemplo, no modo como ele vem se relacionando com as novas tecnologias, os impactos que elas vem ocasionando na educação e nas relações políticas, sociais e econômicas. Mas tocar nesse assunto talvez seja a única forma de falarmos em algo definitivo, de um caminho sem volta.

Na educação, por exemplo, quando nos referimos ao uso das tecnologias em sala de aula, se apresenta emergente, além dos critérios pedagógicos, alguns aspectos ainda básicos, como a qualidade da internet disponibilizada nas escolas. As escolas brasileiras, principalmente as públicas, precisam enfrentar vários desafios. Segundo matéria publicada por Ana Luiza Basílio na Revista Carta e Educação,

Dados da Pesquisa TIC Educação 2016 divulgados na quinta 3 mostram que a velocidade da conexão é um deles. 45% das escolas públicas ainda não ultrapassaram 4Mbps de velocidade de conexão à Internet, e 33% delas possuem velocidades de até 2Mbps.

Outro ponto que chama atenção na pesquisa são os locais em que a internet se encontra disponível nas escolas. Tanto na esfera pública como na privada, ainda é maior a predominância do acesso nas salas de coordenadores pedagógicos ou diretores ou nas salas dos professores ou de reunião, o que pode inviabilizar a criação de práticas pedagógicas em diálogo com a tecnologia (BASÍLIO, 2017).

Como elaborar discursos otimistas sobre escola conectada ou tecnologias em sala de aula se o que vemos é uma deficiência política e governamental no modo de entender e promover um espaço escolar minimamente produtivo e funcional quanto ao uso das TICs? Laboratórios de informática sem técnicos especializados na manutenção dos computadores que continuam ultrapassados, internet que não atende à demanda de usuários, etc. Precisamos também erradicar o acesso desigual as novas mídias digitais para se evitar a injustiça social.

Na vida social o modo como as relações são estabelecidas ainda são passíveis de contradições. Mas acordamos no entendimento de que tendem a facilitar a comunicação, encurtar as distâncias, estreitar as diferenças e a amenizar a exclusão social:

Olhe para um internauta a qualquer hora do dia e é muito provável que ele esteja trocando mensagens. O e-mail é, com larga vantagem, a ferramenta mais popular da rede, utilizada por 94% dos usuários. Junto com ferramentas como chats, fóruns e programas de mensagens instantâneas, a internet é cada vez mais o modo como as pessoas mantêm contatos com parentes e amigos. O problema é que, até hoje, ninguém sabe ao certo se

os computadores melhoram ou pioram as relações sociais. Algumas pesquisas indicam que não existe muita diferença entre os relacionamentos de internautas e de pessoas que não estão na rede. Outras indicam que a rede aumenta a vida social ao permitir o contato entre amigos distantes, a organização de grupos e a troca entre pessoas que dividem os mesmos interesses, não importando o lugar do mundo em que estejam (KENSKI, 2002).

O fato é que as mudanças são cada vez mais rápidas e só estamos ainda no começo da era digital. O porvir pode ser assustador ou surpreendentemente positivo. Por isso cabe-nos a necessária vigília, mantendo acesas as luzes da reflexão. É um momento forte e propício para o ensino de filosofia, que pode em muito contribuir nessa tarefa da vigilância, que sempre tentou tornar menos escuro possível a caminhada do ser humano na busca pela compreensão da realidade. Por isso, diz Wonsovicz e Godoy, que,

As aulas de filosofia são importantes para que os estudantes superem suas ingenuidades, desmascarem a sua ignorância e enxerguem o mundo a partir de outro prisma, tomando consciência do que existe a nossa volta, de sua potencialidade em transformar a sociedade, não apenas aceitando o que nos é imposto (WONSOVICZ; GODOY, 2010, p. 48)

As tecnologias continuam, como no começo da história da humanidade, condicionando a sociedade, abrindo possibilidades, resolvendo problemas e elaborando outros.

Dizer que vivemos no império tecnológico e que ele condiciona fortemente a sociedade não significa que devemos prostituir nossa relação com as tecnologias. Mas também elas não podem ser vista como a décima primeira praga do Egito que, como muitos tendem a defender, assolará a humanidade. O trabalho de harmonizar o modo como vivenciamos as tecnologias em nosso dia a dia continua árduo, as investigações e questionamentos não devem cessar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda análise sobre o ser humano, de modo específico, análise de suas práticas e ações, ainda mais se referirmos ao futuro, será sempre provisória, devido aos aspectos da intencionalidade e da vontade como algo característico da natureza humana. Mas como pertence também a essa natureza apontar, repensar e projetar caminhos, além de investigar, problematizar e pensar o seu ambiente de atuação gostaríamos de traçar algumas linhas sobre o resultado de nosso empenho em refletir sobre o uso das tecnologias no ensino de filosofia. Muitas surpresas e convicções compuseram esse nosso trabalho. Mas antes disso, e para ressaltar nossas intenções, não partimos do questionamento se as novas tecnologias devem ou não estar presente no contexto escolar, porque de alguma forma elas vão estar. Mas, pelo contrário, se uma vez inseridas podem, de fato, sinalizarem para melhorias no processo de aprendizagem.

Assim, traçamos algumas considerações finais a partir de três pontos importantes observados durante a realização deste nosso trabalho:

1. A respeito da imagem que a expressão “tecnologias em sala de aula” desenha em nossa mente. Para exemplificarmos isso, se os estudantes fossem notificados pela equipe pedagógica que, por exemplo, na próxima semana de aula eles teriam uma grande surpresa ao chegarem à escola, e fosse apresentada uma pista de que se tratava de tecnologias nas salas de aula e na escola como um todo, eles certamente cogitariam uma sala de aula com computadores ou tabletes para cada um dos estudantes, conectados a uma internet de qualidade, uma lousa digital para o professor ensinar os conteúdos, etc. Esta imagem, embora esteja no campo da realidade de algumas escolas, ainda está muito longe de ser pintada pela realidade da maioria de nossas escolas brasileiras. O que temos são alguns computadores (longe de serem os ideais e, ainda assim, depositados num laboratório de informática sem uma estrutura adequada para viabilizar o acesso e manejo confortável pelos estudantes) enviados pelo governo para cumprir sua pauta de *modernização* das escolas, onde à internet, dependendo do ponto em que se acessa, malmente possibilita aos professores fazerem o registro de classe online das suas respectivas turmas. Precisamos avançar muito nesse quesito básico, estrutural, geográfico e prático. Ficam claros os preconceitos de classe e de região

quando nos empenhamos em trabalhar com propostas tecnológicas em escolas públicas de interior.

2. Os discursos afirmativos de que as tecnologias possibilitariam um avanço significativo no processo de aprendizagem. Não descartamos essa potencialidade, mas é preciso cautela nessas afirmações. É preciso se atentar para o caminho duplo, *pharmakologico* das tecnologias como salientamos na primeira parte desta dissertação. O que melhorou? Podemos citar vários exemplos. Com o surgimento das novas tecnologias o professor deixou de ser a única fonte de informação. Diversificaram-se e ampliaram-se os espaços de consultas dos estudantes e, conseqüentemente, as visões sobre determinados conteúdos aplicados em sala de aula. Aumentou o acesso e a velocidade com que os estudantes passam a obter as informações necessárias para o processo de aprendizagem. Por meio dos navegadores de pesquisa é possível sanar várias dúvidas sobre determinado assunto, discutir e compartilhar nas redes sociais com os amigos e colegas da turma. Os professores também costumam receber ou serem marcados pelos estudantes em uma dessas conversas ou em algum vídeo, textos, memes etc, que fez o estudante lembrar algum conteúdo da aula ministrada naquele dia. Até mesmo mostrar ao professor um exemplo de jogo online, filmes ou músicas que abordam alguns aspectos daquela aula de mitologia ou de filosofia política. Que outro momento da história, senão esse, podemos falar de ensino e de aprendizagem de forma tão colaborativa? Isso sem falarmos da praticidade da educação à distância, de videoconferências, etc. As novas tecnologias podem ser acolhidas como novas ferramentas pedagógicas e muito podem contribuir para as práticas de formação de sujeitos críticos, conscientes, conectados ao saber e produtores de conhecimentos.

3. Desmitificamos posicionamento que, por estarmos vivenciando uma era eminentemente tecnológica, digital, é praticamente um ato de violência ao tempo presente ou até mesmo uma insanidade falarmos de *proibição* do uso das tecnologias em sala de aula ou que, sem elas, é impossível obter melhorias no processo de aprendizagem de nossos estudantes, visto serem frutos de seu tempo e, portanto, nativos digitais. Argumentação demasiadamente inconsistente. Primeiro que ainda há estudantes que não tem acesso à internet em casa, como expresso no gráfico abaixo, elaborado a partir da respostas que deram ao questionário:

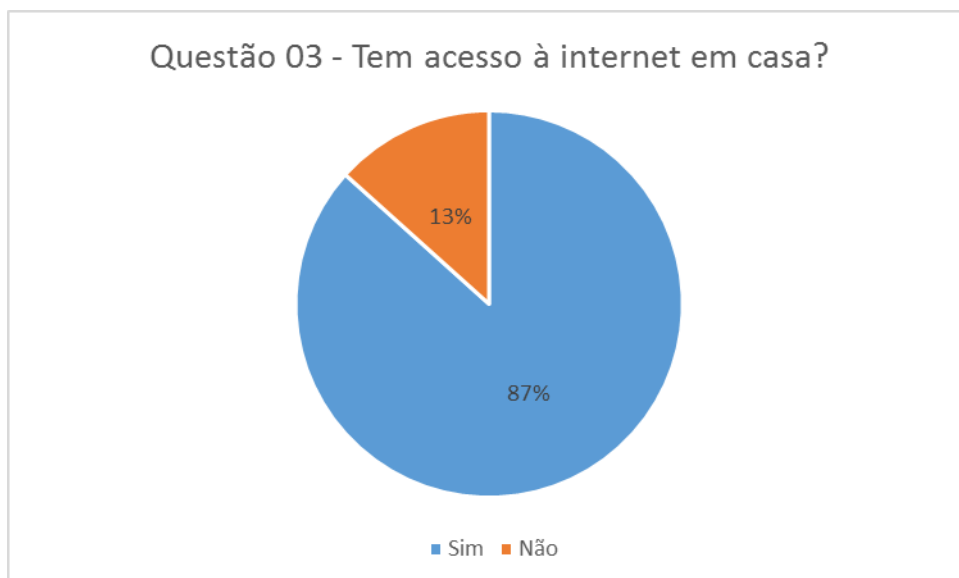


Figura 4 - Gráfico I: elaborado sobre o Questionário do Anexo I

Isso significa que não basta apenas nascer nesta era da informática, digital, tecnológica, mas é preciso que toda essa gama das novas mídias esteja acessível a todos por meio de uma inclusão digital. Muitas vezes a escola é o único lugar onde alguns deles têm acesso a essas novas tecnologias. Lembrando que esse gráfico se refere a uma pequena turma de 30 alunos, de um colégio em um bairro de classe média da cidade de União da Vitória. Se pensarmos em nível de país poderá haver uma porcentagem mais estreita entre os que têm acesso. Embora nascidos nesse período onde o digital é um forte atrativo a maioria dos nossos alunos ainda preferem a leitura de livros físicos e entregar os trabalhos de forma manuscrita:

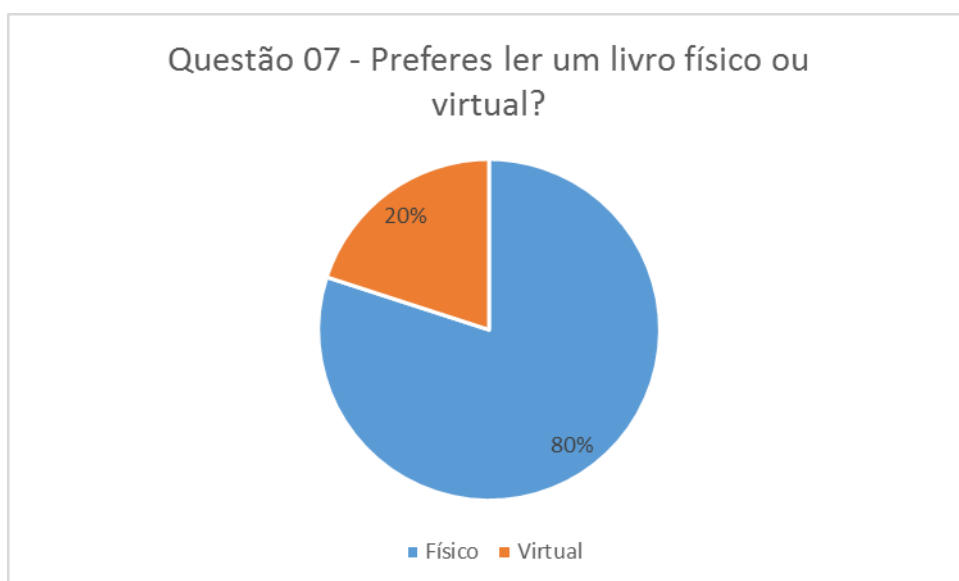


Figura 5 - Gráfico II: elaborado sobre o Questionário em Anexo I

Percebe-se nesse segundo gráfico um número expressivo dos que preferem ainda o acesso ao livro físico quando querem fazer alguma leitura. Isso significa que as tecnologias estão longe de ser um apocalipse da morte do livro físico. Não entramos na discussão, ao menos na escrita desta dissertação, quanto ao hábito da leitura por parte deles, mas é comum ver alunos com alguns livros sobre a mesa e, vez ou outra, comentarem sobre a leitura que estão fazendo. Mas, de fato, é uma realidade que nos parece cada vez menos percebida. No máximo, presenciamos algumas reclamações e caras de decepção diante das propostas das escolas de ter uma aula da leitura a cada 15 dias. Muitos preferem até mesmo o silêncio para se reclinarem sobre a carteira como se quisessem dormir do que aproveitar o momento para a leitura. As escolas têm melhorado esse projeto de leitura possibilitando que os livros sejam baseados nos gostos pessoais de cada um. Assim, é possível trazer de casa um livro ou as vezes é também elaborado um material com duas ou três folhas sobre alguma temática atual e importante como o preconceito, o bullying, os perigos da internet, as drogas, etc.

Ao observarmos o terceiro gráfico abaixo percebemos uma porcentagem não muito distante entre os que preferem entregar trabalhos escritos daqueles que preferem digitados. Para que pudéssemos avaliar quais critérios os estudantes costumam utilizar para realizarem suas pesquisas na internet, propomos algumas atividades para que eles fizessem no laboratório de informática. Poderiam utilizar a internet para responderem as questões propostas e optarem por entregar o trabalho manuscrito ou digitado. A porcentagem dos que optaram por entregar manuscrito foi maior. Mas ambos tiveram a mesma atitude de *ipsis litteris transportar* para o caderno ou para o Word as primeiras informações que encontraram sobre o assunto. A diferença é que utilizar-se do control c + control v pouparia trabalho e tempo. O que isso significa? Que as novas tecnologias podem, de fato, ser apenas uma nova forma de exercer as velhas práticas do *copismo* e poupar tempo para se dedicar ao ócio nem sempre criativo.



Figura 6 - Gráfico III: elaborado sobre o Questionário em Anexo

Por isso, temos que entender que quando falamos da relação dos jovens com as tecnologias tendemos a ter como diagnóstico uma relação intimista, ou seja, que costumam dedicar a maior parte do seu tempo ao uso de rede social, games, etc. Isso significa que um computador sem internet quase beira a condição de inutilidade. Teríamos, então, uma íntima relação com a tecnologia ou com fragmentos de tecnologia? Ao realizarmos as atividades baseadas no uso pedagógico do facebook e do whatsapp [aplicativos indicados pelos alunos como os de grande interesse] buscamos a possibilidade de ampliação do olhar sobre a utilidade dessas ferramentas. Mas, é preciso afirmar em uma pesquisa acadêmica, que o resultado não correspondeu às expectativas. Encantaram-se pela idéia de utilizarem essas ferramentas, mas a maior parte dos alunos nada fez senão copiar textos e publicar nas páginas dedicadas aos filósofos que ficaram responsáveis. Pouca iniciativa ao debate a partir das postagens dos colegas, embora fosse solicitado; publicações aleatórias de memes nem sempre coerentes com a proposta; e publicações constantes de frases prontas sobre os temas que ficaram responsáveis em promover o debate. A íntima relação com a tecnologia não foi o suficiente para que o uso dos aplicativos alcançasse o crivo pedagógico – mesmo com os encaminhamentos e acompanhamentos propostos em nosso projeto. Uma relação íntima que possa solidificar a busca pelo conhecimento, pela vida contemplativa, reflexiva. A relação dos estudantes com esse universo da “cibersofia” carece de

raízes mais profundas e fortes o bastante para que o conhecimento não seja levado pela forte *ventania* de informações.

“Cibersofia” pode ser entendido como conhecimento compartilhado em rede. Nossos ambientes sociais de interatividade e *troca* de informações já não tem mais cheiro, tristeza, solidão, fronteiras ou limites. A internet se tornou o espaço das bem-aventuranças. Felizes sois vós, se mantiverem conectados até o fim. Grande será a vossa recompensa. Nossos comportamentos, ações, rotinas e até mesmo o humor são determinados cada vez mais pelas redes sociais. O *Whatsapp* e o *Facebook* têm sido ultimamente os meios de informações mais utilizados ao iniciarmos uma discussão sobre a veracidade de algum evento. O impacto que esses aplicativos vêm tendo na formação de opiniões e na tomada de decisões tem sido alarmantes. Memes, frases curtas ou vídeos na maioria das vezes editados ou recortados circulam como provas cabais, principalmente no que diz respeito às questões políticas. Frente a isso, o slogan é: curta e compartilhe! Basta fechar os olhos ao mínimo critério de investigação e análise de veracidade das informações recebidas. Esse comportamento nos mostra o modo como estamos nos relacionando com os meios de comunicação. A atitude passiva em quase nada difere da antiga postura em relação às notícias que antes eram mais comuns por meio dos antigos meios de comunicação, como os telejornais, rádios, revistas e jornais.

Com o surgimento das novas mídias, deixamos de ser meros ouvintes ou leitores. Passamos a compartilhar as informações que *julgamos* ser verdadeiras. Se antes, quando estávamos recebendo as informações e notícias, o espaço de debate era limitado, hoje, com as novas mídias de comunicação e informação continuamos inertes no quesito reflexão e criticidade, mas ativos em *disparos*. Tais aplicativos tende a colocar *em jogo* a questão do diálogo, da atividade do pensamento que se constrói a partir de um processo que está além daquilo que é compartilhado pelas redes. Pois isso diminui o campo da percepção, da imaginação, da memória. Esse modo de se relacionar com as novas tecnologias as coloca em um patamar de desserviço da verdade. Continuamos sendo apenas consumistas, receptores.

Embora este seja o novo cenário de uma máxima não podemos fugir: urge resistir às tentações da *mediocridade* tendenciada às novas mídias e, por isso, cabe-nos refletir sobre este fenômeno que vem acarretando mudanças gigantescas, principalmente na elaboração sólida do conhecimento humano. Em sala de aula o professor tem se deparado constantemente com esse impacto das redes sociais no

processo de aprendizagem. E nos parece que adaptar-se costuma ser uma atividade humana atualmente muito mais atraente que lutar e transformar. Mas, como diz Adorno, em sua credibilidade direcionada às escolas e universidades, são elas ainda capazes de levantar provocações e promover o debate de resistência às desigualdades. Diz que,

A importância da educação em relação à realidade muda historicamente. Mas se ocorre o que eu assinalo a pouco – que a realidade se tornou tão poderosa que se impõe desde o início aos homens, – de forma que este processo de adaptação seria realizado hoje de um modo antes automático. A educação por meio da família, na medida em que é consciente, por meio da escola, da universidade teria neste momento de conformismo onipresente muito mais a tarefa de fortalecer a resistência do que de fortalecer a adaptação (ADORNO, 2006, p. 144).

Compartilhamos a ideia de que um bom estudante é aquele que *independe* cada vez mais do professor. E a internet pode ser acolhida como uma forte aliança nessa independência, no sentido de ter equacionado melhor a posição de poder antes centrado no professor, em relação ao domínio do saber, a posse de informações, etc. Mas ainda cabe à escola o dever de ser, se ainda não é, principalmente no ensino de filosofia, um espaço de formação do sujeito capaz de fazer um diagnóstico das enfermidades de seu tempo e buscar os medicamentos adequados para garantir o exercício e a sanidade do pensamento. Talvez aí reside a importância do ensino de Filosofia no Ensino Médio quando se possibilita aos estudantes a capacidade crítico-reflexiva de dialogar, analisar e compreender a complexidade do universo e dos saberes aos quais se está inserido e participa. Que possam transformar as constantes informações em material de investigação, análise e compreensão do cenário político-social a que pertencem. Como diz Evandro Ghedin:

É o processo de filosofar, entendido como a construção de um caminho que ajude a pessoa a pensar criticamente, criando uma estrutura cognitivo-reflexiva que lhe permita compreender a realidade em sua complexidade, aguçando-lhe o juízo, a habilidade analítica, o horizonte de compreensão e de construção de sentido ante aos desafios da sociedade e do mundo contemporâneo. Essa compreensão implica atribuir caráter ético-político à Filosofia no espaço escolar e constitui dimensão central do filosofar (GHEDIN, 2009, p. 35).

Desse modo, falar de melhoria da aprendizagem por meio do uso das tecnologias, se pretende assegurar o compromisso acima mencionado. Como elas

podem contribuir para o exercício livre da racionalidade e não o consumo de pensamentos? A técnica fornece respostas líquidas para alguns problemas que se apresentam no dia a dia. Mas o pensamento continua tendo como tarefa ser uma fórmula de combater a *liquidez*, de evitar a fragmentação de ideias, de não tornar a informação o ponto último de nossa relação com a realidade.

Apoiando-se nas Diretrizes Curriculares Estaduais para o ensino de filosofia no estado do Paraná vemos que “O ensino de filosofia tem uma especificidade que se concretiza na relação do estudante com os problemas, na busca de soluções nos textos filosóficos por meio da investigação, no trabalho direcionado à criação de conceitos” (PARANÁ, 2008, p. 53). Nisso consiste também a máxima kantiana de autonomia ao dizer “ouse fazer uso de teu próprio entendimento” (KANT, 1985, p. 400). Mas num tempo onde tudo é fácil de ser encontrado, compartilhado e reproduzido quase não há espaço para a ousadia, a autonomia, a criação de novos conceitos.

Como tornar as aulas de filosofia, ao estilo do filósofo Sócrates, um discurso atraente e *erótico*, a tal ponto dos estudantes se apaixonarem pelo saber, pelo diálogo, pela investigação e pela pesquisa? Como fazer um convite à Filosofia? Penso que nesse bilhete do convite filosófico, um passo inicial seja constar temas problemáticos não só aqueles problematizados pelos grandes filósofos, mas também daqueles que fazem parte do cotidiano dos estudantes e daqueles que, de uma forma ou de outra, eles necessitam se apropriar como instrumento de investigação da realidade. Isso passa por um processo de admiração e de espanto - como já afirmou o filósofo Platão – acerca de realidades como: os impactados das tecnologias na política, na sociedade, no consumo, no trabalho, nos valores, na educação, etc. Passar por um processo de admiração ou de espanto é deixar a realidade falar. No espanto o susto me silencia e a realidade se apresenta a minha consciência tal como ela é (GHEDIN, 2009, p.43).

Mas para que isso aconteça, diz o filósofo português, Desidério Murcho (2002, p.28), é necessário ter em mente que “*um ensino de qualidade da filosofia não é possível sem um espaço para que o estudante discuta ideias*”. Por isso, na escola, mais do que se preocupar em repetir a rotina do estudante, cabe-nos a tarefa de propiciar o debate, de instigar a saírem da passividade – por mais difícil que isto seja.

Então é preciso fazer das salas de aula – e também dos ambientes virtuais de aprendizagem - um espaço de discussões de ideias. Não só das ideias que tiveram os grandes filósofos, mas que eles sejam capazes de dar corpo as suas próprias ideias e opiniões, de criar seus próprios conceitos. Assim, mais do que certezas, numa época de tantas informações, as aulas de filosofia devem ser um espaço de exercitar a dúvida, de promover o espanto e o estranhamento. É momento propício de lançar provocações, de instaurar a crise e o *desconforto*. De causar admiração. Quanto a esta, continua Evandro Ghedin:

A admiração, como propulsora do pensar construído com base em uma intuição, desvela o mundo e seus significados, constituindo um universo de descobertas que inspiram a interpretação dos modos de ser e de manifestar-se dos fenômenos do mundo. Toda admiração é uma forma de olhar em ação, um olhar detido que age movido pela inquietação do sujeito em face das coisas, da sociedade, da economia, da cultura, do conhecimento e de todas as formas de expressão (GHEDIN, 2009, p. 44).

Porém, na pós-modernidade ou hipermodernidade – termo criado pelo filósofo francês Gilles Lipovetski - falar de ignorância é quase uma afronta aos *tecnófilos* de plantão. As tecnologias da informação gestam nas pessoas a sensação de que tudo sabem devido ao excesso de acesso de informações. A ironia socrática está justamente na contramão daqueles que julgam possuir muito conhecimento por muito estarem informados. Só quem anda pela calçada e pela faixa do *não saber* poderá atravessar de forma mais segura pela rua do *conhecimento* e chegar ao outro lado menos ignorante. O sábio é aquele que conhece seu desconhecimento, e que por isso está sempre em busca do saber. Só se ama aquilo que não se tem. Daí ser a filosofia uma busca constante e amorosa pelo saber, ou seja, por aquilo que temos e não temos, por aquilo que se dá e que foge, por aquilo que completa a incompletude. Quem se atreve a adentrar no *deserto* da filosofia e ouvir o que a *sarça ardente* da razão proclama, deve *tirar as sandálias* da presunção e da soberba intelectual, pois esse é um *terreno entre o sagrado e o profano*, mas não intocável. Mas em tempos de secularidade há espaço para a veneração? Quais tentações ou limites são postos em nosso caminho?

O filósofo francês Jean-Michel Besnier já apontou algumas das limitações que podem engendrar a diminuição da capacidade de iniciativa do pensamento livre e autônomo. Há que se ousar para se planejar fazer uma aventura do pensamento, e ser livre é assumir os riscos, desconstruir preconceitos, por algo em crise, superar

barreiras. A Filosofia, atividade estritamente humana, é o caminho pelo qual o homem se conhece, se relaciona com o mundo e com os outros através do diálogo.

Como Diz Besnier:

Estamos cada vez mais cercados de máquinas que são pensadas para facilitar nossa vida. O carro autônomo, por exemplo, é pensado para melhorar a circulação, a segurança e para nos poupar tempo. Mas as pessoas podem se sentir cada vez mais privadas de iniciativa. Já não estamos encarregados de grande coisa e, no fim, já não somos responsáveis. Nós nos tornamos cada vez menos livres - portanto, menos morais - e nos comportamos cada vez mais como máquinas. Isso abre as portas para uma desumanização. Ser livre é aceitar a sorte, tomar riscos. (BESNIER, 2016).

Arriscar mais! Talvez seja essa a tarefa da escola no que diz respeito ao uso das novas tecnologias em sala de aula. Mas com critérios e objetivos fundamentos numa pedagogia crítica, capaz de sacudir as evidências e certezas cegamente acolhidas pelos estudantes no modo como se relacionam com as TICs. Que eles sejam também levados a tomarem riscos. A ousar. Como nós, professores e toda comunidade escolar iremos fazer isso? A dúvida está longe ainda de ser esclarecida.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. **Questões epistemológicas do 'uso' cotidiano das tecnologias.** Disponível em: <
<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/84210667808856737255360628747270965994.pdf>> Acesso em 08 de jun. de 2018.

AMARAL, Luciana. Excesso de informações pode prejudicar memória e tomada de decisões. **O Estadão de São Paulo**, em 13 de outubro de 2015. Disponível em: <
<https://emails.estadao.com.br/noticias/bem-estar,excesso-de-informacoes-pode-prejudicar-memoria-e-tomadas-de-decisoes,10000000331>>. Acesso em: 11 de mar de 2019.

ARISTÓTELES. **A Política**. Tradução de Nestor Silveira Chaves. Editora Escala. Coleção Mestres Pensadores. São Paulo.

_____. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross In: Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1973, v.4.

ARROYO, Miguel. A escola e o movimento social: relativizando a escola. In: **Ande**, São Paulo; nº 12, 1987.

BARRETO, Raquel Goulart. Tecnologias nas salas de aula. In: **Subjetividade: tecnologias e escolas**. Rio de Janeiro, DP&A, 2002

BASILIO, Ana Luiza. O uso das tecnologias ainda desafiam escolas brasileiras. **Revista Carta e Educação**. Publicado em 04 de março de 2017. Disponível em: <
<http://www.cartaeducacao.com.br/reportagens/uso-das-tecnologias-ainda-desafia-escolas-brasileiras/>> Acesso em 17 de março de 2019.

BAUMAUN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas**. Editora Zahar. Rio de Janeiro, 2004.

BESNIER, Jean-Michel. **Tecnologia**. A tecnologia deixa o homem cada vez menos livre, diz filósofo. Disponível em: <
<http://cenariospesquisas.com.br/tecnologia/2016/05/05/tecnologia-deixa-homem-cada-vez-menos-livre-diz-filosofo/>> Acesso em 31 de mai. de 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Sobre o Proinfo**. Disponível em <<http://www.fnde.gov.br/programas/proinfo/sobre-o-plano-ou-programa/sobre-o-proinfo>> Acesso em 02 de setembro de 2018.:

BUZZI, Arcângelo R. **Introdução ao pensar**. 13ª edição. Petrópolis – RJ: Vozes, 1984.

CAVENAGHI, Ana Raquel Abelha; ANDRÉ, Richard Gonçalves. Para além da virtualização: a educação a distância e a revolução comunicacional Junho de 2014 159. **Revista História Hoje**, v. 3, nº 5, p. 158-159 – 2014. Disponível em: <<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/115>>. Acesso em 25 jun. 2018.

CEPPAS, Felipe; OLIVEIRA, Paula R.; SARDI, Sérgio A (Orgs). **Ensino de filosofia: formação e emancipação**. Editora Alínea, São Paulo, 2009.

CIRIACO, Douglas. **Mais de 4 bilhões de pessoas usam a internet ao redor do mundo**. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/internet/126654-4-bilhoes-pessoas-usam-internet-no-mundo.html>>. Acesso em 20 jun. 2018.

CORREA, Emilce Sena; SILVA, Renildo Franco da. Novas Tecnologias e Educação: A evolução do processo de ensino e aprendizagem na sociedade contemporânea. **Revista Educação & Linguagem** · ano 1 · no 1 · Jun. p. 23-35, 2014

COSTA, Elisangela Rodrigues; SILVA, Michel Carvalho da. A geração conectada e a escola: a atualização do discurso educativo diante dos novos dispositivos de comunicação. **Revista Parágrafo**. p. 161- 171.

CYSNEIROS, Paulo Gileno. Competências para ensinar com novas tecnologias. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 4, n.12, p.23-33, maio/ago. 2004.

_____. Fenomenologia das Novas Tecnologias na Educação. **Revista da FAGED**. Salvador, Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia., n.7, pp.89-107, 2003.

_____. **Novas tecnologias no cotidiano da escola**. Texto de apoio para o curso oferecido na 23ª Reunião Anual da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação), Caxambu, MG, Brasil, 24 a 28 de Setembro de 2000.

FEIJÓ, Bruno Vieira. Quem é o dono da internet? **Revista Super Interessante**. 31 de dezembro de 2005. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/tecnologia/quem-e-o-dono-da-internet/>> Acesso em 20 de mar de 2019.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **O método desviante: algumas teses impertinentes sobre o que não fazer num curso de Filosofia**. Disponível em: <<https://oficinadeFilosofia.com/2007/02/21/o-metodo-desviante-por-jeanne-marie-gagnebin/>> Acesso em 08 de set de 2018.

GHEDIN, Evandro. **Ensino de Filosofia no Ensino Médio**. 2. Ed. Coleção Docência em Formação. Série Ensino Médio São Paulo: Cortez, 2009.

GIRON, Luiz Antonio. Umberto Eco: o excesso de informação provoca amnésia. **Revista Época**, 2012. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/ideias/noticia/2011/12/umberto-eco-o-excesso-de-informacao-provoca-amnesia.html>> Acesso em: 10 de março de 2019.

GOMES, Roberto. **Crítica da razão tupiniquim**. São Paulo: FTD, 1994.

HABERMAS, Jurgen. **Não pode haver intelectuais se não há leitores**. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/25/eps/1524679056_056165.html> Acesso em 25 de jul. de 2018.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital**. Editora Vozes. Petrópolis, RJ, 2018.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

KANT, Immanuel. Resposta á questão: o que é esclarecimento? In: **Antologia de Textos Filosóficos**. p. 398-416, 2009.

KAWAMURA, Lili. **Novas tecnologias e educação**. Editora Ática, 1990.

KENSK, Rafael. A internet, 10 anos que abalaram o mundo. **Revista Super Interessante**. Disponível em <<https://super.abril.com.br/tecnologia/a-internet-10-anos-que-abalaram-o-mundo/>> Acesso em 16 de mar de 2019.

KOLB, Anton. **Ciberética: responsabilidade em um mundo interligado pela rede digital**. Editora Loyola, 2001.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8. ed. Campinas – SP: Papyrus, 2011.

KOHAN, Walter O. et al (Org.). **Filosofia: caminhos para seu ensino**. Rio de Janeiro, Ed. Lamparina, 2008.

LEITE, Márcia; FILÉ, Valter. **Subjetividade: tecnologias e escolas**. Rio de Janeiro, DP&A, 2002.

LEPOVETSKY, Gilles. **A sociedade da decepção**. Editora Manole. Barueri, São Paulo, 2007.

LÉVINAS, Emmanuel. **De Deus que Vem à Ideia**. Editora Vozes. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **Entre Nós — ensaios sobre a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **De Deus que Vem áldéia**. Editora Vozes. Rio de Janeiro, 2002.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 2003.

_____. **O que é o virtual?** Trad. de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2001.

_____. **Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Trad. de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 2010.

LIMA, Valdirene Alves. Verdade. Meu Artigo. **Brasil Escola**: UOL. Disponível em: <<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/filosofia/verdade.htm>> Acesso em 11 de mar. de 2019.

MAGO, Cintia. **Simuladores já são obrigados para quem vai tirar a carteira de motorista**. Diário do Pará. 12 de abril de 2018. Disponível em <<https://www.diarioonline.com.br/noticias/para/noticia-500633-simuladores-ja-sao-obrigatorios-para-quem-vai-tirar-a-carteira-de-motorista.html>> Acesso em 30 de ago. de 2018.

MARÇAL, Jairo (Org). **Antologia de Textos Filosóficos**. Curitiba: SEED, 2009.

MATIAS, Alexandre. Nós somos nossa tecnologia. **Revista Galileu**. Disponível em <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI334192-18543,00-NOS+SOMOS+NOSSA+TECNOLOGIA.html>> Acesso em: 30 de agosto de 2018.

MEIRA, Silvio. **O que pode a tecnologia?** Café filosófico com Silvio Meira e Viviane Mosé. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jtDcdPq0R-w>> Acesso em 21 de ago. de 2018.

MEDONÇA, Heloísa: **Conheça a Geração Z: Nativos digitais que impõe desafios às empresas**. Disponível em http://brasil.elpais.com/brasil/2015/02/20/politica/1424439314_489517.html. Acesso em 28/05/17.

MORAN, José Manoel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Papirus Editora, 2000.

MURCHO, Desidério. **A natureza da filosofia e seu ensino**. Editora Plátano. Coimbra, 2002.

NÓBREGA, Alberto; CALDAS, Cristina (Orgs). Filosofia não é ciência e está fadada a desaparecer, afirma pesquisador. **Folha de São Paulo**, 02 de junho de 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/06/Filosofia-nao-e-ciencia-e-esta-fadada-a-desaparecer-afirma-pesquisador.shtml>> Acesso em 21 de ago. de 2018.

NOVAES, **Adauto. A condição humana**: as aventuras do homem em tempos de mutações. Rio de Janeiro: Agir; São Paulo SESC SP, 2009.

_____. **A condição humana**: as aventuras do homem em tempos de mutações. Rio de Janeiro: Agir; São Paulo SESC SP, 2009.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. A rebeldia do/no cotidiano: regras de consumo e usos transgressores das tecnologias na tessitura da emancipação social. In: **Subjetividade: tecnologias e escolas**. Rio de Janeiro, DP&A, 2002.

PLATÃO. A Alegoria da caverna: A Republica, 514a-517c tradução de Lucy Magalhães. In: MARCONDES, Danilo. **Textos Básicos de Filosofia: dos Présocráticos a Wittgenstein**. 2a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

PORTO, Tania Maria Esperon. As tecnologias de comunicação e informação na escola; relações possíveis... relações construídas. **Revista Brasileira de Educação**. v. 11 n. 31 jan./abr. 2006.

REYES, Paulo. **Quando a rua vira corpo ou a dimensão pública na ordem digital**. Editora Unisino. 2005. São Leopoldo, RS.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Vozes de Bolso. 2012, Petrópolis, RJ

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Filosofia**. Paraná, 2008.

SILVA, Renildo Franco da. **Novas tecnologias e educação: a evolução do processo de ensino e aprendizagem na sociedade contemporânea**. Jaguaribe, 2014.

TRAUTMANN, Dagmar Aparecida. **Educação, Ética e Tecnologias: impressões e reflexões**. Florianópolis, 2002.

VALENTE, José Armando; MAZZONE, Jaures; BARANAUSKAS, M. Cecília (Orgs). **Aprendizagem na era das tecnologias digitais**. Editora Cortez: São Paulo: FAPESP, 2007.

VARELLA, Gabriele. Há laboratórios de informática em 81% das escolas públicas, mas somente 59% são usados. **EPOCA**, 03 de agosto de 2017. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/educacao/noticia/2017/08/ha-laboratorios-de-informatica-em-81-das-escolas-publicas-mas-somente-59-sao-usados.html>> Acesso em 02 de setembro de 2018.

VEJA. Da Redação. **Pais devem limitar tempo de televisão, computador e celular dos filhos**. 29 de outubro de 2013. Disponível em <<https://veja.abril.com.br/saude/pais-devem-limitar-tempo-de-televisao-computador-e-celular-dos-filhos/>> Acesso em: 09 de setembro de 2018.

WONSOVICZ, Silvio; GODOY, Geverson Luz. **Metodologia do ensino de filosofia**. Grupo Uniassevl, Indaial, 2010.

ANEXOS

Anexo I:

Questionário sobre tecnologia e educação

Colégio Estadual Pedro Stelmachuk

1 – Qual é a sua idade? _____

2 – Qual seu sexo? () Masculino () Feminino

3 – Você tem acesso à internet em casa?

() Sim () Não

4 – Quais aparelho tecnológicos você costuma utilizar além do celular?

() Notebook

() Computador

() Tablet

() Smartv

() Outros? Quais? _____

5 – Quantas horas por dia você costuma utilizar os aparelhos tecnológicos acima mencionados?

6 – Você costuma utilizar somente a internet para estudar e pesquisar ou faz uso também de livros físicos?

() Utilizo somente livros físicos

() Não utilizo livros físicos

() Utilizo livros físicos e internet

() Utilizo somente a internet

7 – Se tiver que ler um livro, escolheria na versão virtual ou física?

() Física

() Virtual

8 – Prefere entregar um trabalho manuscrito ou digitado?

() Manuscrito

() Digitado

9 – Pensando no uso das tecnologias em sala de aula, como você pensa que deveriam ser as aulas, para que tal uso melhorasse sua qualidade de aprendizagem?

10 – Quais aplicativos você mais utiliza no dia a dia, tais com *Facebook*, *Whatsapp*, *Instagram*, etc?

11 – Dê um exemplo de uma aula mediada pela tecnologia que pode auxiliar no seu processo de aprendizagem.

12 – Partindo da ideia de que as tecnologias não são nem boas nem más em si mesmas, mas sim a partir do uso que se faz delas, quais expectativas você tem sobre a liberação do acesso à internet em sala de aula e o uso de aparelhos tecnológicos?

14 – Quando você tem alguma dúvida sobre algum assunto você na maioria das vezes consulta:

- () A internet
- () Seus pais
- () Pessoas mais velhas
- () Os professores
- () Seus amigos

15 – Quando você produz uma pesquisa na internet você costuma conferir a fonte do que pesquisou? Como você faz esta conferência?

12 - Partindo da ideia de que as tecnologias não são nem boas nem más em si mesmas, mas sim a partir do uso que se faz delas, quais expectativas você tem sobre a liberação do acesso a internet em sala de aula e o uso de aparelhos tecnológicos? provavelmente a maioria irá usá-las para outras coisas, mas se todos tiverem consciência seria bem bacana.

13- O que você entende por pesquisa? Ex: Quando o professor pede um trabalho de pesquisa como você produz este trabalho? um determinado tema a ser pesquisado, faço bem feito pois a matéria presta a organização e o capricho.

14- Quando você tem alguma dúvida sobre algum assunto você na maioria das vezes consulta:

- A internet
- Seus pais
- Pessoas mais velhas
- Os professores
- Seus amigos

15- Quando você produz uma pesquisa na internet você costuma conferir a fonte do que pesquisou? Como você faz esta conferência?

Sim, antes de abrir o site verifico se é algum que eu confio, ou deixo razões para ser se trata os assuntos.

16- Qual cor você se define?
Branca.

redes-salas. etc

12 - Partindo da ideia de que as tecnologias não são nem boas nem más em si mesmas, mas sim a partir do uso que se faz delas, quais expectativas você tem sobre a liberação do acesso a internet em sala de aula e o uso de aparelhos tecnológicos?

Ajudaria muito na distribuição de
dados que a internet é um grande banco de
informações, em do interesse do aluno.

13- O que você entende por pesquisa? Ex: Quando o professor pede um trabalho de pesquisa como você produz este trabalho?

Basta seguir o assunto, pesquisas ~~em~~
internet e descrever no trabalho, como
um fórum.

14- Quando você tem alguma dúvida sobre algum assunto você na maioria das vezes consulta:

- A internet
- Seus pais
- Pessoas mais velhas
- Os professores
- Seus amigos

15- Quando você produz uma pesquisa na internet você costuma conferir a fonte do que pesquisou? Como você faz esta conferência?

Verifico em diversos sites para ver a veracidade
do assunto, e se for real, insiro no trabalho
com as devidas referências

16) Qual a sua visão sobre o tema?

R: Bom

e mediada por documentários que expliquem melhor a genética, por exemplo.

12 - Partindo da ideia de que as tecnologias não são nem boas nem más em si mesmas, mas sim a partir do uso que se faz delas, quais expectativas você tem sobre a liberação do acesso a internet em sala de aula e o uso de aparelhos tecnológicos?

Acredito que seja bom, pois dúvidas frequentes são resolvidas mais rápida e facilmente por meio dos aparelhos tecnológicos com internet.

13 - O que você entende por pesquisa? Ex: Quando o professor pede um trabalho de pesquisa como você produz este trabalho?

Pesquisar é estudar e aprofundar e entender melhor sobre determinado assunto. Quando faço pesquisas uso internet e LIVROS.

14 - Quando você tem alguma dúvida sobre algum assunto você na maioria das vezes consulta:

A internet

Seus pais

Pessoas mais velhas

Os professores

Seus amigos

15 - Quando você produz uma pesquisa na internet você costuma conferir a fonte do que pesquisou? Como você faz esta conferência?

Geralmente não; apenas vejo o conteúdo que tem nos vídeos-aula, quando vejo que a conta do YOUTUBE é confiável até me interessar.

16 - Qual a cor que você se define?

- Negra.

onde tenham acesso a pen drive e programas.

12 - Partindo da ideia de que as tecnologias não são nem boas nem más em si mesmas, mas sim a partir do uso que se faz delas, quais expectativas você tem sobre a liberação do acesso a internet em sala de aula e o uso de aparelhos tecnológicos? Melhor caso, se houver pessoas que fazem uso delas? Sem haver, mas a maioria usa benefício com elas.

13- O que você entende por pesquisa? Ex: Quando o professor pede um trabalho de pesquisa como você produz este trabalho?

Eu procuro na internet copio e colado inteiro e depois no final, a citação, e copio e cola tudo.

14- Quando você tem alguma dúvida sobre algum assunto você na maioria das vezes consulta:

- A internet
- Seus pais
- Pessoas mais velhas
- Os professores
- Seus amigos

15- Quando você produz uma pesquisa na internet você costuma conferir a fonte do que pesquisou? Como você faz esta conferência?

nao. só copio e colado e já era.

16- Qual cor você se define

* Branco

12 - Partindo da ideia de que as tecnologias não são nem boas nem más em si mesmas, mas sim a partir do uso que se faz delas, quais expectativas você tem sobre a liberação do acesso a internet em sala de aula e o uso de aparelhos tecnológicos? É um retrocesso usar tecnologia online sistema de notas online e as aulas não podem ser a qualquer

13- O que você entende por pesquisa? Ex: Quando o professor pede um trabalho de pesquisa como você produz este trabalho?

Eu pesquisa sobre o assunto e coloco em um papel e entrego

14- Quando você tem alguma dúvida sobre algum assunto você na maioria das vezes consulta:

A internet

Seus pais

Pessoas mais velhas

Os professores

Seus amigos

15- Quando você produz uma pesquisa na internet você costuma conferir a fonte do que pesquisou? Como você faz esta conferência?

Copio o link

16- Qual a cor que você se define?

Branco

12 - Partindo da ideia de que as tecnologias não são nem boas nem más em si mesmas, mas sim a partir do uso que se faz delas, quais expectativas você tem sobre a liberação do acesso a internet em sala de aula e o uso de aparelhos tecnológicos? Respecto a O, por que na verdade já são usados e com a liberação da internet em sala de aula não há mais necessidade de isso.

13- O que você entende por pesquisa? Ex: Quando o professor pede um trabalho de pesquisa como você produz este trabalho?
Pesquisa como "Pesquisa".

14- Quando você tem alguma dúvida sobre algum assunto você na maioria das vezes consulta:

- A internet
- Seus pais
- Pessoas mais velhas
- Os professores
- Seus amigos

15- Quando você produz uma pesquisa na internet você costuma conferir a fonte do que pesquisou? Como você faz esta conferência?

não produz.

16) Qual era você se define?
Pardo.

12 - Partindo da ideia de que as tecnologias não são nem boas nem más em si mesmas, mas sim a partir do uso que se faz delas, quais expectativas você tem sobre a liberação do acesso a internet em sala de aula e o uso de aparelhos tecnológicos?

Eu acho que seria bom, mais teria que ter limites, assim como em aula presencial.

13- O que você entende por pesquisa? Ex: Quando o professor pede um trabalho de pesquisa como você produz este trabalho?

pesquisa reúne informações, separa as partes boas e más.

14- Quando você tem alguma dúvida sobre algum assunto você na maioria das vezes consulta:

A internet

Seus pais

Pessoas mais velhas

Os professores

Seus amigos

15- Quando você produz uma pesquisa na internet você costuma conferir a fonte do que pesquisou? Como você faz esta conferência?

sim

16 - Que é o ser que está se definindo?
Boanca

Anexo II:

O que vem a ser pensar hoje?

Imagine uma sala de aula onde as novas tecnologias se fizessem presente da seguinte forma: no lugar de cadernos, os estudantes teriam em cada mesa um notebook ou tablet conectado à internet. O quando negro do professor daria lugar a uma lousa digital, onde com apenas alguns toques o conteúdo do dia aparecesse, encenado com todos os exemplos possíveis através de imagens, filmes, slides, vídeoaulas, músicas, ou até mesmo através de uma conversa online com um grupo de jovens indianos, compartilhando as diferenças culturais proposta numa aula de antropologia. Ao invés de provas ou trabalhos manuscritos, tudo seria feito apenas pelo notebook ou pelos próprios celulares conectados à internet. Enquanto realizam as provas, os estudantes ainda poderiam participar de fóruns sobre cada questão da avaliação, além de acessar navegadores de pesquisa. Com garantia de tudo isso é possível falarmos de melhoria da qualidade tanto do ensino quanto da aprendizagem? Ou ainda, e não menos importante, haveria espaço para o pensamento, a subjetividade, a construção autônoma e crítica de conhecimentos? Se a imaginação acima basta é preciso levantar a questão sobre o que significa pensar hoje?!

A cena descrita no início desse tópico não é algo surreal, pelo contrário, já é realidade em algumas poucas escolas, inclusive brasileiras. O fato é que independente do lugar em que estivermos estaremos em contato com uma variedade de operações informacionais, pois uma gama expressiva de comunicação e informação faz parte de nosso cotidiano. Por meio de computadores conectados em rede podemos falar em comunidade planetária, onde a distância, por exemplo, é cada vez menos vista como impedimento para se fazer ou ser alguma coisa. A própria relação direta com o outro passa a ser uma necessidade questionável. Isso significa que novas tecnologias fazem emergir uma nova cultura. Esta, por sua vez, vem sacudindo várias de nossas certezas e convicções, o que não deixa de ser positivo, mas por outro lado, tem como bônus uma infinidade de inquietações, como as descritas no final do parágrafo acima.

Ensinar e aprender já ultrapassou há muito tempo os ambientes comuns de aprendizagem. Antes, durante e depois da entrada em sala de aula, o estudante é

bombardeado por uma variedade de informações que nem sempre consegue tempo suficiente para digeri-las. Como afirma Kenski:

Desde que as tecnologias de comunicação e informação começaram a se expandir pela sociedade, aconteceram muitas mudanças nas maneiras de ensinar e aprender. Independentemente do uso mais ou menos intensivo de equipamentos midiáticos nas salas de aula, professores e alunos têm contato durante todo o dia com as mais diversas mídias. Guardam em suas memórias informações e vivências que foram incorporadas das interações com filmes, programas de rádio e televisão, atividades em computadores e na internet (KESNKI, 2011, p. 85).

Esse contato com as mais diversas mídias é percebido na forma como o estudante se porta na sala de aula, em seu modo de se expressar, comentários sobre músicas ou uma série da Netflix, um jogo online ou um novo aplicativo que foi lançado. Mas é importante frisar que todas essas fontes de informação e entretenimento ganham critérios de planejamento diferentes do cotidiano ao serem incorporadas dentro do espaço pedagógico de aprendizagem e de ensino, seja no modo à distância ou semi/presencial. Ainda nas palavras de Kenski:

As tecnologias de comunicação e informação são utilizadas em atividades de ensino de uma forma bem diferente do seu uso costumeiro, como mídias. O espaço da mediação das TICs em educação é claro, as pessoas envolvidas no processo – professores e alunos – são conhecidas e os fins a que se destinam são determinados e estão diretamente articulados com os objetivos do ensino e da aprendizagem (KENSKI, 2011, p. 86).

Isso nos leva a pensar que ainda não está claro o que significa falar de tecnologias na educação. O que se percebe meramente é uma forte pressão social refletida em sala de aula pelos alunos quanto ao uso das TICs. Elas são vistas quase como um novo mandamento que instaura a ordem fundamental para a construção de uma verdadeira sociedade do conhecimento. Um paraíso cibernético é proclamado e acolhido por vários segmentos da sociedade, como uma boa nova, o único caminho possível para vencermos os demônios e mazelas educacionais. Mas a fé na tecnologia precisa ainda de muitas provações. Por mais tecnológica e conectada que for uma escola, se não tiver objetivos e metodologias claras que viabilizem pedagogicamente a produção autônoma e crítica de conhecimento e de todas as outras finalidades da educação escolar – tanto no sentido individual quanto coletivo – de nada adiantará os tabletes, a internet, a lousa digital, a sala multimídia.

O que foi percebido nas respostas ao questionário e nas conversas em grupos com os estudantes do colégio onde foi aplicado o projeto que embasamos

esta dissertação é que as tecnologias pouco contribuem, por sua mera presença em sala de aula, se o estudante não for capaz de transformar as informações recebidas e as pesquisas realizadas em meios para compreender a si mesmos, seus contextos sociais, e que assim também possam desenvolver saberes para enfrentar os problemas cotidianos. Dando foco no *ensino como pesquisa para a construção do conhecimento autônomo do estudante*, enfatiza Evandro Ghedin:

A Filosofia, como conteúdo de formação escolar, há que contribuir significativamente nesse processo de produção autônoma do conhecimento do aluno. Isso é uma necessidade, para que o aluno saiba enfrentar os problemas do cotidiano e dar respostas variadas às problemáticas enfrentadas no contexto social contemporâneo. Mais que isso, a escola precisa trabalhar os conteúdos que o aluno deve adquirir, cada vez menos por meio de uma metodologia de transmissão e cada vez mais por uma metodologia produção dos conhecimentos, efetivada pela pesquisa (GHEDIN, 2009, p. 170).

Vimos no tópico *Geração Tecnológica* que aquilo que os estudantes entendem por pesquisa está ligado ao entendimento de muitos estudantes nascidos antes dessas novas tecnologias digitais: a prática da cópia *ipsis litteris* dos livros didáticos. O problema continua o mesmo, muda-se apenas o objeto. Por isso, como estimular a verdadeira prática da pesquisa, que é, segundo o dicionário Aurélio, “investigação e estudo, minuciosos e sistemáticos, com o fim de descobrir fatos relativos a um campo do conhecimento”¹²? Como incentivar os estudantes a educarem o olhar para perceberem as tecnologias de pesquisa como meios para aquisição de novos conhecimentos e não como mecanismos de pura reprodução de informações?

Segundo coluna publicada por Thomas Wood Jr., na Revista Carta Capital, em sua leitura sobre o pensamento de Neal Gabler, da Universidade do Sul da Califórnia, vivemos num período em que pensar já não é algo tão importante quanto ter informações. É a era “pós-ideias”¹³. Quando o foco é fixado no entretenimento ou na informação, fecha-se o campo que possibilita a fertilização de novas ideias e novos conhecimentos. Ideias, segundo o autor, que sejam capazes de mudar nossa visão da realidade. Diz: “Seu ponto de partida é uma constatação desconcertante: vivemos em uma sociedade vazia de grandes ideias. Leia-se, conceitos e teorias

¹² FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Mini Aurélio: **o dicionário da língua portuguesa**. 8 ed. Curitiba: Positivo; 2010.

¹³ JR, Thomaz Wood. Pensar dói? **Revista Carta Capital**, São Paulo (SP), 06 de junho de 2011, seção Gestão, p.33.

influentes, capazes de mudar nossa maneira de ver o mundo” (Neal Glaber apud Wood Jr, 2015, p. 33).

No império do pragmatismo, onde tudo precisa de um resultado prático e imediato, “ideias que não podem ser rapidamente transformadas em negócios e lucros são relegadas à margens”¹⁴. Assim, a atividade do pensamento fica para segundo plano. Não basta pensar, é necessário pensar em algo lucrativo, se a pretensão é a aceitação e a durabilidade nesse de informação, principalmente o virtual, instaurado pelas novas mídias. Nesse novo cenário tudo muda rapidamente, as informações são constantes, e tempo para digeri-las é quase um artigo de luxo, devido a nossa rotina de trabalhos e a desmotivação por aquilo que se apresenta como algo demorado e difícil. O excesso é sempre inimigo da virtude, ao menos no que tange o campo de nossas práticas e ações. Ou seja,

a principal causa da debilidade das nossas ideias é o excesso de informações. Antes, nós coletávamos informações para construir conhecimento. Procurávamos compreender o mundo. Hoje, graças à internet, temos acesso facilitado a qualquer informação, de qualquer fonte, em qualquer parte do planeta. Colocamos a informação acima do conhecimento. Temos acesso a tantas informações que não temos tempo para processá-las. Assim, somos induzidos a fazer delas um uso meramente instrumental: nós as usamos para nos manter à tona, para preencher nossas reuniões profissionais e nossas relações pessoais. Estamos substituindo as antigas conversas, com seu encadeamento de ideias e sua construção de sentidos, por simples trocas de informações. Saber ou possuir informação, tornou-se mais importante do que conhecer; mais importante porque tem mais valor, porque nos mantém à tona, conectados em nossas infinitas redes de pseudorelações (GLABER APUD WOOD JR, 2015, p. 33).

Praticidade, rapidez, negação do ócio e lucratividade parecem ser as novas ferramentas que constroem nossa contemporaneidade. Uma aula ou um discurso para ser visualizado, falando agora da grande influência do Youtube (que já alcançou a marca de mais de 1,8 bilhões de usuários¹⁵), precisa ser direto e prático. O autor precisa ser capaz de pronunciar frases de efeitos, dizer o que pensa por meio de frases curtas e numa linguagem o mais acessível possível.

Que futuro nos espera a partir desse presente seria ainda apressado arriscar. Mesmo por traz das carregadas nuvens negras é possível enxergar uma luz, mas nem toda planta subsiste à força da tempestade.

¹⁴ Ibidem

¹⁵ WAKKA, Wagner. **Youtube já tem mais de um 1,8 bilhões de usuários ativos por mês.** Disponível em < <https://canaltech.com.br/redes-sociais/youtube-ja-tem-mais-de-18-bilhao-de-usuarios-ativos-por-mes-113174/>> Acesso em: 14 de fevereiro de 2019.

